



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**THAINÁ DA COSTA LIMA**

***NOLITE TE BASTARDES CARBORUNDORUM: DISCURSOS,  
PODERES E RESISTÊNCIAS EM THE HANDMAID'S TALE***

JOÃO PESSOA, PB

2022

**THAINÁ DA COSTA LIMA**

***NOLITE TE BASTARDES CARBORUNDORUM: DISCURSOS,  
PODERES E RESISTÊNCIAS EM THE HANDMAID'S TALE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Discurso e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Braga.

JOÃO PESSOA, PB

2022

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catálogo e Classificação**

L732n Lima, Thainá da Costa.

Nolite te bastardes carborundorum : discursos,  
poderes e resistências em The handmaid's tale / Thainá  
da Costa Lima. - João Pessoa, 2022.

138 f. : il.

Orientação: Amanda Batista Braga.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Discurso. 2. Poder. 3. Resistência. 4. The  
handmaid's tale. I. Braga, Amanda Batista. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'42(043)

THAINÁ DA COSTA LIMA

***NOLITE TE BASTARDES CARBORUNDORUM: DISCURSOS, PODERES E  
RESISTÊNCIAS EM THE HANDMAID'S TALE***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Discurso e Sociedade. Orientadora: Profa. Dra. Amanda Braga.

**Banca Examinadora**



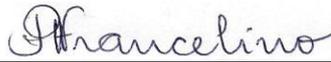
---

Profa. Dra. Amanda Batista Braga (UFPB)  
(Presidente)



---

Profa. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini (UFSCar)  
(Examinadora Externa)



---

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (UFPB)  
(Examinador Interno)

---

Profa. Dra. Lívia Maria Falconi Pires (UFSCar/ UNICEP)  
(Examinadora suplente)

---

Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida (UFPB)  
(Examinadora suplente)

JOÃO PESSOA, PB  
2022

Dedico este trabalho a Gabriel Soares (*in memoriam*) que esteve comigo, mesmo que brevemente, dividindo as dores e as delícias proporcionadas por *The handmaid's tale*.

Agradeço, primeiramente, ao meu pai, Guilherme Lima, à minha mãe, Kátia Barbosa, às minhas irmãs, Thamires Lima e Thaisa Gadelha, e ao meu sobrinho, Thalles Gadelha, por serem presença e aconchego desde o meu encontro com a Terra. É com muito carinho que carrego e coloco cada um de vocês em tudo que me proponho a fazer.

Agradeço à família Lima-Azevedo, Juraci Azevedo, Gláucia Lima, Manu Lima, Pedro Índio Negro, Bruno Miranda, Rose Freitas, Dudu Correia e Guilardo Lima, Dea, Lígia e Tia Rosedeth, por afogarem meu caminhar com arte e poesia e por nunca me deixarem esquecer que mais necessário do que qualquer coisa é a coragem de deixar o coração bater sem medo. Família, certamente, é quem vem e vocês deixam minha jornada mais azul.

Agradeço à Everly Brito pelo bem-querer diário responsável por organizar e amenizar qualquer afogamento que insiste em voltar. Assim como Guimarães Rosa, não sou capaz de explicar o poder de amor que criei dividindo a vida contigo, pois “quando eu te vi o que era dentro virou fora, uma janela apareceu quando te vi”. Eu te amo e todo esse trabalho está manchado pelo seu cuidado.

Agradeço à Ariela, Samara, Renato, Geisa, Isis, Fernanda, Rafael e Rebeca, por afetarem meus dias sempre com muito carinho, cuidado e risadas. Vocês inundam minha vida de esperança e a partir de vocês consigo enxergar uma vida melhor no futuro.

Agradeço à Myllena Araújo por ser calma e força diante do caos que a universidade produz. Você me faz perceber que toda crise de ansiedade guarda em si uma porta capaz de nos jogar para outros caminhos possíveis. Obrigada por ser razão quando tudo é sentimento.

Agradeço à Jaíne e Gabi por transbordarem ar e água. O amor de vocês é capaz de transmutar qualquer energia em borboletas coloridas. Toda vez que penso em cada uma sinto meu coração expandir.

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos, cada um com seus efeitos sobre mim e sobre o mundo, por sempre estarem em um movimento capaz de girar a roda da vida e por me fazerem rever a iluminação que habita cada ser senciente que faz da natureza casa.

Agradeço ao Observatório do Discurso e à Emília, Leyla, Danilo, Rayane, Luana, Jacyane, Jéssica, Maria Luiza e Mônica, por me ensinarem a ver, rever e transver o mundo.

Agradeço à Amanda Braga, por fazer parte da minha vida acadêmica desde o Pibic, e por ser olhos capazes de encostar os discursos com delicadeza, militância e vontade de transformação. Feliz de quem tem o caminho atravessado pelo seu.

Agradeço à Vanice Sargentini e Antônio Júnior, por costurarem, junto comigo, toda essa pesquisa. Obrigada pelos olhares responsáveis por me ajudar a caminhar sobre os estudos foucaultianos que nos propomos a fazer. Sem vocês esse trabalho não estaria da maneira que deve ser. Ele é tão de vocês quanto meu.

Por fim, agradeço a Pedro Francelino, por aceitar fazer parte da construção desse trabalho e por participar de alguns grandes momentos da minha caminhada acadêmica.

## RESUMO

*The handmaid's tale* (ou *O conto da aia*, em uma versão brasileira) é uma série de televisão estadunidense de grande sucesso no Brasil. Baseada no romance homônimo da escritora canadense Margaret Atwood, publicado originalmente em 1985, a produção foi lançada em 2017 pelo serviço de *streaming* Hulu e apresenta uma narrativa distópica que se passa em Gilead: um lugar fictício situado naquele que seria o território dos Estados Unidos e onde se promove, após um golpe de Estado, uma revolução teocrática. No enredo, que já se estende por quatro temporadas (e que foi renovado para a quinta), Gilead apresenta uma urgência histórica ligada à baixa taxa de natalidade, justificativa a partir da qual se organiza todo um dispositivo de poder – em torno do Estado teocrático – que não apenas retira direitos das mulheres em geral, mas também escraviza sexualmente as mulheres férteis. Partindo deste cenário e fazendo uso de fotogramas, esta pesquisa possui o objetivo de **cartografar as práticas de poder e de resistência presentes, principalmente, na primeira temporada da série, concretizadas no interior do dispositivo que organiza as relações de força na narrativa**. Tratar-se-á, assim, de identificar como tais relações são exercidas sobre os corpos e sobre as vidas das personagens, por meio de tecnologias e técnicas da soberania, das disciplinas e da biopolítica. Mas além disso, tratar-se-á ainda de analisar como tais relações de poder produzem lugares de resistência que emergem nas microesferas sociais. Como aporte teórico-metodológico, utilizamos a Análise do Discurso Foucaultiana articulada com a discussão empreendida por Frédéric Gros (2018) em torno de uma estilística da (des)obediência.

**Palavras-chave:** Discurso. Poder. Resistência. *The handmaid's tale*.

## **ABSTRACT**

The handmaid's tale (or *O conto da aia*, in a Brazilian version) is an American television series of great success in Brazil. Based on the novel of the same name by Canadian writer Margaret Atwood, originally published in 1985, the production was released in 2017 by the streaming service Hulu and presents a dystopian narrative that takes place in Gilead: a fictional place located in what would be the territory of the United States and where, after a coup d'état, a theocratic revolution is promoted. In the plot, which has already spanned four seasons (and which has been renewed for the fifth), Gilead presents a historical urgency linked to the low birth rate, a justification from which an entire device of power is organized – around the theocratic State – which not only takes rights away from women in general, but also sexually enslaves fertile women. Starting from this scenario and making use of photograms, this research has the objective of mapping the practices of power and resistance present, mainly, in the first season of the series, concretized within the device that organizes the relations of force in the narrative. It will therefore be a matter of identifying how such relationships are exercised over the bodies and lives of the characters, through technologies and techniques of sovereignty, disciplines and biopolitics. But beyond that, it will also be a matter of analyzing how such power relations produce places of resistance that emerge in social microspheres. As a theoretical-methodological contribution, we use the Foucaultian Discourse Analysis articulated with the discussion undertaken by Frédéric Gros (2018) around a stylistics of (dis)obedience.

**Keywords:** Discourse. Power. Resistance. The handmaid's tale.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	12
------------------	----

### **CAPÍTULO I – CONSTRUINDO LENTES ARQUEGENEALÓGICAS: INCURSÕES PELO ENTRECruzAMENTO ENTRE SABERES E PODERES 21**

1.1. Foucault: do arqueólogo ao cartógrafo _____	21
1.2. A problemática do poder em Foucault _____	30
1.3. <i>The handmaid's tale</i> _____	35
1.4. Uma sociedade de castas em <i>The handmaid's tale</i> _____	38
1.4.1. As <i>aias</i> _____	38
1.4.2. Os <i>comandantes</i> _____	39
1.4.3. As <i>esposas</i> _____	39
1.4.4. As <i>marthas</i> _____	40
1.4.5. As <i>tias</i> _____	41
1.4.6. Os <i>olhos</i> _____	41
1.4.7. As <i>mulheres de jezebels</i> _____	42
1.4.8. Os <i>econopeoples</i> _____	43
1.4.9. Os <i>guardiões</i> _____	44
1.5. Saberes e poderes em Gilead _____	44

### **CAPÍTULO II – AS RELAÇÕES DE PODER EM THE HANDMAID'S TALE 57**

2.1. “Fazer morrer e deixar viver”: o poder de soberania em <i>The handmaid's tale</i> _____	57
2.2. O poder disciplinar: recursos, técnicas e instrumentos _____	55
2.2.1. O poder disciplinar em <i>The handmaid's tale</i> _____	66
2.3. “Fazer viver e deixar morrer”: o biopoder em <i>The handmaid's tale</i> _____	75

### **CAPÍTULO III – NOLITE TE BASTARDES CARBORUNDORUM: AS RESISTÊNCIAS EM THE HANDMAID'S TALE \_\_\_\_\_ 82**

3.1. Entre Foucault e Gros: por uma microfísica das resistências _____	82
3.2. “Não deixe os idiotas te desanimarem” _____	88
3.3. “Eu pretendo sobreviver”: June e as práticas de resistência em <i>The handmaid's tale</i> _____	94
3.4. A promessa de rebelião: a rede de resistência <i>Mayday</i> _____	106
3.5. “My name is”: é necessário manter viva a memória de quem somos _____	116

3.6. “Eu não posso não desobedecer”: as <i>aias</i> e a dissidência cívica_____	121
3.7. A amizade como resistência _____	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> _____	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> _____	<b>138</b>

*Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.*

Simone de Beauvoir.

## INTRODUÇÃO

*The handmaid's tale* (*O conto da aia*, em uma versão brasileira) é uma série de televisão estadunidense de grande sucesso no Brasil. Baseada no romance homônimo da escritora canadense Margaret Atwood, publicado originalmente em 1985, a série foi lançada em 2017 e apresenta uma narrativa distópica que se passa em Gilead: lugar fictício em que se promove, em pleno século XXI, uma revolução teocrática. No enredo, que já se estende por quatro temporadas (e que foi renovado para a quinta), Gilead apresenta uma urgência histórica ligada à baixa taxa de natalidade, justificativa a partir da qual se organiza todo um dispositivo de poder – em torno do Estado teocrático<sup>1</sup> – que não apenas retira direitos das mulheres em geral, mas também escraviza sexualmente as mulheres férteis, fazendo uso de técnicas da soberania, das disciplinas e da biopolítica que intentam garantir a docilidade desses corpos, além do crescimento dos índices de nascimento. A sociedade que se instaura com o golpe, no território dos Estados Unidos, é organizada hierarquicamente em castas e utiliza, fanaticamente, trechos bíblicos para produzir práticas de existência que pautam, discursivamente, o pecado, a penitência, o destino biológico e as obrigações divinas.

Diante dessas informações e através de fotogramas retirados dos episódios, **esta pesquisa se apresenta com o objetivo de cartografar as práticas de poder e de resistência presentes, principalmente, na primeira temporada da série, concretizadas no interior do dispositivo de poder presente em Gilead.** Trata-se de analisar como se concretizam os poderes nesta sociedade, de que maneira incorporam aspectos e tecnologias da soberania, das disciplinas, da biopolítica, e o modo como, através disto, produzem rotas de fuga responsáveis por fazer emergir determinadas resistências. Interessa-nos ainda observar de que maneira estas resistências são capazes de deslocar as relações de poder e, através deste movimento inerente ao exercício do último, elas são responsáveis por fabricar novas práticas discursivas e outras formas de existência para as personagens. Pretendemos analisar, portanto, o poder se exercendo e, concomitantemente, produzindo possibilidades de resistência para os sujeitos. Como aporte teórico-metodológico, utilizaremos a Análise do Discurso Foucaultiana articulada

---

<sup>1</sup> Entendemos por Estado Teocrático um sistema de governo que se submete às normas de uma religião ou crença. Em outras palavras, é todo Estado que embasa suas práticas e seus poderes instituídos em um saber religioso.

com a discussão empreendida por Frédéric Gros (2018) em torno de uma estilística da (des)obediência.

Vale salientar que outros trabalhos, já defendidos, também utilizaram a série de que aqui tratamos como *corpus* de análise. Após uma pesquisa feita no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações utilizando a expressão “The handmaid’s tale” no campo de busca, encontramos cinco dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Dentre as dissertações, temos uma que discute especificamente sobre distopia, poder e gênero, utilizando Foucault, Butler e Conne como fundamentação teórica<sup>2</sup>. Outra dissertação utiliza Foucault juntamente com Bakhtin para investigar as relações de poder na construção da identidade do indivíduo, sob a perspectiva do sujeito e de sua relação com o meio social<sup>3</sup>. Mais um debate, agora a partir das teorias feministas e literárias, dá-se sobre a maternidade e a figura da mulher na literatura<sup>4</sup>. Ainda no âmbito literário, uma dissertação utiliza as teorias literárias somadas aos debates audiovisuais para refletir sobre a maneira como o enredo foi adaptado para a série televisiva em questão<sup>5</sup>. Por fim e ainda no campo da literatura, uma dissertação busca compreender as relações entre o fazer historiográfico e o fazer literário, utilizando *The handmaid’s tale* para refletir sobre a história tanto no âmbito da experiência quanto no âmbito da produção de conhecimento<sup>6</sup>. A única tese encontrada analisa a impossibilidade da configuração da utopia nos romances, observando as teorias feministas e os estudos de gênero na segunda metade do século XX<sup>7</sup>.

Já ao pesquisarmos, no mesmo site, a expressão “O conto da aia”, nos deparamos com uma dissertação e uma tese. O trabalho de mestrado analisa, usando como fundamentação as teorias literárias que discutem sobre autoria feminina e narrador, a posição de Atwood enquanto mulher escritora, buscando observar em que grau o gênero da autora influencia em seu trabalho<sup>8</sup>. A tese encontrada, por seu turno, investiga a relação que se estabelece entre *O Conto da aia*, *Requiem para a humanidade*, *Projeto Águila* e

<sup>2</sup> “*The handmaid’s tale*: uma perspectiva sobre poder e gênero”, de Jessica Pierre Dyna.

<sup>3</sup> “O (des)velar de ideologias em *The handmaid’s tale*: vozes/discursos entrelaçados nas amarras do poder”, de Relines Rufino de Abreu.

<sup>4</sup> “A mulher entre gerar e narrar: verdade e ficção em *The handmaid’s tale*”, de Ana Letícia Barbosa de Faria Gonçalves.

<sup>5</sup> “From Offred to June Osborne: *The handmaid’s tale*, dystopian television and literary adaptation”, de Fernanda Nunes Menegotto.

<sup>6</sup> “Vivíamos nas lacunas entre as histórias’: ficção, história e experiência feminina em *The handmaid’s tale*, de Margaret Atwood”, de Isabela Gomes Parucker.

<sup>7</sup> “Utopia, feminismo e resignação em *The left hand of darkness* e *The handmaid’s tale*”, de Ana Rüsche.

<sup>8</sup> “Narrativas sobre vivências: vozes femininas em *A mulher comestível*, *O lago sagrado* e *O conto da aia*, de Margaret Atwood”, de Thamise Silva da Rocha.

aquilo que se compreende como literatura engajada<sup>9</sup>. Ademais, é importante pontuar que encontramos uma dissertação de mestrado que possui as duas expressões pesquisadas em seu título. Este trabalho, fundamentado nos Estudos Culturais, possui o objetivo de analisar o modo como a narrativa do livro e da série despertam a imaginação do espectador para possíveis futuros, envolvendo mudanças climáticas, fertilidade da terra e fertilidade humana<sup>10</sup>.

A grande maioria das pesquisas anteriormente apontadas, apesar de utilizarem o mesmo *corpus* que a nossa, diferenciam-se do nosso trabalho em muitos aspectos teóricos e metodológicos: dos nove trabalhos encontrados, quatro dissertações e duas teses são do campo da literatura; dos três restantes, um fundamenta-se nos Estudos Culturais e outro no diálogo entre Foucault e Bakhtin. Apenas uma das dissertações apresentadas se aproxima das nossas reflexões<sup>11</sup>. Entretanto, há pelo menos duas diferenças fundamentais: primeiramente, naquilo que diz respeito às relações de poder, à distinção da dissertação em questão, nossa discussão baseia-se na articulação entre as três modalidades de poder discutidas por Foucault (1999) em sua análise da racionalidade política – soberania, disciplina e biopoder. Além disso, particularmente naquilo que concerne à análise das resistências, enquanto a dissertação já defendida volta-se à trilha sonora da série, a nossa análise, conforme foi dito anteriormente, faz uso de fotogramas. Mais do que isto: também à distinção da dissertação a qual nos referimos, nossas análises das resistências promovem um diálogo entre Michel Foucault (1999) e Frédéric Gros (2018), considerando as distintas formas em que se apresentam as obediências e as desobediências como manifestações do poder e das resistências.

A escolha por analisar a série em questão se deu porque, através de sua emergência em determinadas condições de possibilidades, teremos a oportunidade de refletir sobre o motivo pelo qual ela foi televisionada apenas em 2017, tendo em vista que o romance em que ela se baseia foi publicado em 1985. Que condições de produção estavam possibilitando a emergência de discursos como aqueles que estão presentes em *The handmaid's tale* no ano de 2017? E por que tais discursos e não outros em seu lugar? Como uma sociedade distópica que possui um Estado Teocrático que escraviza mulheres

---

<sup>9</sup> “Ficção científica feminista e engajamento: relatos clandestinos em *O conto da aia*, de Margaret Atwood, *Réquiem para a humanidade*, de Thabata Borini, e *Projeto Águila*, de Gabriela Ventura”, de Mariana Mendes Flores.

<sup>10</sup> “Abençoado seja o fruto: uma análise de *The handmaid's tale* e *O conto da aia* à luz dos estudos culturais”, de Thamires Ribeiro de Mattos.

<sup>11</sup> “*The handmaid's tale*: uma perspectiva sobre poder e gênero”, de Jessica Pierre Dyna.

sexualmente atingiu e se capilarizou por tantas camadas da população mundial em tão pouco tempo? Estes questionamentos apontam, *a priori*, para o modo como o exercício do poder e das resistências presentes na narrativa provocam determinados efeitos de sentido que se aproximam, apesar da distopia, em movimentos concretos que observamos em determinadas práticas da política mundial. Isto significa que a opção por construir um *corpus* a partir deste acontecimento audiovisual não aconteceu de maneira aleatória. A série nos apresenta tensões entre o poder e a resistência, entre as castas sociais, entre os saberes e os processos jurídicos que são importantes não só do ponto de vista analítico em termos de discurso, mas, além disso, ela nos oferece, ainda que simbolicamente, pistas de quem somos hoje e de quem podemos ser no interior de certas práticas de poder que estão se alastrando rapidamente pelo mundo.

Em seus estudos genealógicos, Michel Foucault apresenta que em qualquer lugar em que o poder se exerça, ele possibilita a emergência de resistência ou de resistências. Esses dois polos estão interligados em uma rede discursiva muito bem articulada. Para o autor, no momento em que as relações de saber possibilitam a emergência de um exercício de poder, este faz emergir também, e necessariamente, alguma possibilidade de resistência. Pois “jamais somos aprisionados pelo poder, podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 2015b, 241). Ou seja, apesar da tentativa do Estado Teocrático, presente em Gilead, de acabar com todas as rotas de fuga e de controlar as liberdades dos sujeitos dessa sociedade, as relações de poder estão expostas a deslocamentos e jogos de oposição. Tal reflexão foucaultiana direcionou nosso olhar para o nosso objetivo de pesquisa, que está fundamentada nos caminhos trilhados por Foucault nas fases arqueológica e genealógica articuladas com as reflexões que Frédéric Gros construiu no livro *Desobedecer* (2018), pois a estilística de (des)obediência empreendida por esse autor pode ser inscrita em uma microfísica dos poderes e das resistências que Foucault apresenta em seus estudos.

A escolha por empreender análises sobre os poderes e sobre as resistências principalmente na primeira temporada na série se dá pelos seguintes aspectos: esta temporada é composta por dez episódios e é neste momento que o enredo nos apresenta sua organização social, suas relações de saber, suas relações de poder, a divisão das personagens em castas, o funcionamento da economia, os rituais, os adestramentos dos corpos etc. Ou seja, é nessa temporada que, a partir das técnicas presentes na ordem discursiva audiovisual, o telespectador tem acesso aos mecanismos concretizados em Gilead. Portanto, para conseguirmos alcançar nosso objetivo de pesquisa, esse recorte se

mostrou mais propício, pois é nele que temos acesso ao detalhamento dos poderes se exercendo sobre cada lugar e personagem e o modo como eles estão ancorados em saberes organizados e disseminados pela ordem do saber religioso. É com esse recorte que capturaremos as resistências mais microfísicas, aquelas que estão mais capilarizadas na sociedade, que se apresentam quase que individualmente ou no interior de uma casa apenas, por exemplo, ou de uma relação. Uma resistência, portanto, que está acompanhando o poder onde quer que ele se exerça. Conforme o veremos, nessa temporada, os poderes estão se construindo a partir das resistências e vice-versa.

Entende-se, a partir de Michel Foucault (2015b), que o poder não é um objeto natural e que tampouco se manifesta de maneira única, mas que deve ser pensado enquanto prática social, interligada a uma rede de discursos e de práticas discursivas capazes de legitimar e operar em sua manutenção até que ele alcance um *status* de “verdade” e se ramifique capilarmente pelas camadas sociais, sendo naturalizado pelos corpos e pelas instituições. Um poder que é microfísico. Assim, é necessário compreender como tal poder se massifica de maneira pulverizada pelas camadas da sociedade, atravessando toda e qualquer relação entre os sujeitos.

Essa analítica do poder também nos apresenta uma microfísica das resistências. Se o poder se exerce sobre os corpos em suas relações e opera diretamente na produção de processos de subjetivação do homem enquanto indivíduo e também enquanto população, através da governamentalidade, e se ele se concretiza e se dissemina de forma transversal e capilarizada, então é de maneira microfísica e pulverizada, também, que as reações vão deslocar as práticas dos sujeitos no interior de uma sociedade. Dessa forma, a resistência – como podemos observar nos estudos genealógicos empreendidos por Foucault (1999), e como demonstraremos na narrativa presente em *The handmaid's tale* –, não se refere unicamente à luta contra o Estado, ou ao enfrentamento de movimentos revolucionários ou à luta entre uma classe e outra, mas também à materialização, dentro do próprio exercício de poder ao qual ela resiste, das relações que os sujeitos estabelecem entre si, consigo mesmo e com as instituições. Há resistência em obedecer conscientemente, em se negar a proferir determinado gesto da maneira como foi exigida, em desobedecer determinado comando. Ou seja, as resistências também se concretizam em movimentos individuais e esses são capazes de deslocar as relações no interior das sociedades modificando, também, as relações entre os sujeitos que ora é de subordinação, ora de obediência, ora de dominação.

Partindo da constatação foucaultiana de que o poder se exerce como uma relação e compreendendo que a resistência se concretiza da mesma maneira, sendo igualmente criativa e móvel, é necessário analisar que as técnicas de poder e as resistências se manifestam de formas diferentes nas mais variadas condições de possibilidade, e que os dois estão sempre se construindo através do confronto entre eles. Além disso, eles são organizados e disseminados por dispositivos que permitem e disseminam determinadas técnicas e estratégias e não outras em seu lugar. Em outros termos, os aspectos condicionais, mas também produtivos, operam constantemente no deslocamento dos termos da luta, de suas formas, de suas táticas etc. Pois, o poder e a resistência possuem configurações abertas e transitórias que frequentemente possibilitam, no interior dos embates materializados pelos dois, novas formas de manifestação, novos instrumentos e outras estratégias diferentes de outrora. E esses fatores estão sempre respondendo às práticas discursivas de certas organizações. Isso só acontece porque na analítica produzida por Foucault (1995) o poder não é imóvel, tampouco localizado, não pertence essencialmente a nenhum espaço ou grupo. Ele sempre está em movimento. Assim como a resistência. E ambos estão em uma incessante provocação capaz de (re)inventar práticas. É partindo deste panorama que podemos inscrever os estilos de obediência e desobediência apresentados por Gros (2018) na microfísica do poder foucaultiana. Consideraremos, assim, para esta pesquisa, que os modelos de submissão, de subordinação, de conformismo e de consentimento são materializações do poder. Bem como, as formas de rebelião, de obediência mística, de ironia cética e de desobediência civil, descritas pelo autor, como manifestações de resistência, tendo em vista que nascem como uma resposta às ações citadas anteriormente. Ou seja, é no diálogo entre Foucault e Gros que vamos cartografar particularmente as resistências presentes na primeira temporada de *The handmaid's tale*.

Assim, diante do que foi apresentado nos parágrafos anteriores, fundamentaremos essa pesquisa na Análise do Discurso foucaultiana, pois ela nos oferece os instrumentos necessários para a construção de uma analítica detalhada e produtiva dos poderes e das resistências. Objetivamos cartografar, a partir das discussões levantadas por Foucault em sua fase genealógica, articuladas com as discussões arqueológicas, como o dispositivo de poder produzido em Gilead articula tecnologias da soberania, da disciplina e da biopolítica para produzir corpos dóceis e úteis para a superação da problemática da fertilidade, que é apresentada pela série como uma urgência histórica, e o modo como, em resposta à concretização dessas relações produzidas por determinados exercícios, as

personagens resistem. Compreender como emergem resistências em *The handmaid's tale* nos incita à reflexão acerca das questões que estão em sua narrativa, mas que também inundam nosso cotidiano, como aquelas relacionadas ao poder coercitivo presente neste momento de recrudescimento autoritário e conservador que vivemos no Brasil. Sobretudo, a série nos faz refletir sobre como são necessárias as resistências capazes de deslocar as relações de poder para instituir outras, desconstruídas de opressões e violências de tantas ordens.

Para tanto, a dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, **Construindo lentes arqueogenéticas: incursões pelo entrecruzamento entre saberes e poderes**, apresentaremos rapidamente as três fases em que a obra de Foucault está dividida e partiremos para uma descrição do caminho percorrido por ele entre os livros *A arqueologia do saber* (2015a) e *Vigiar e punir* (2014a), estabelecendo divergências e convergências entre um Foucault arqueólogo e um Foucault cartógrafo. Já na segunda parte do primeiro capítulo, apresentaremos os aspectos da genealogia e o modo como Foucault, através dela, criou uma teoria de poder que se distingue, sem a intenção de apagar, negar ou interditar, a analítica marxista. Utilizando Deleuze (2005), mostraremos como Foucault, a partir de uma diferente experiência acerca dos poderes, produziu um novo olhar sobre as questões que o cercam, sugerindo que o poder é uma relação que se exerce nos mais variados espaços, envolvendo os mais diferentes tipos de sujeitos. Por fim e não menos importante, ainda no primeiro capítulo, apresentaremos a série que compõe o *corpus* do nosso trabalho. Primeiramente, apresentaremos informações sobre a narrativa, o surgimento e o funcionamento da nova sociedade, além da divisão das castas sociais presentes em *The handmaid's tale*. Em seguida, abordaremos aspectos gerais dos saberes e poderes que se concretizam em Gilead.

No segundo capítulo, intitulado **As relações de poder em *The handmaid's tale***, empreenderemos uma análise que mostrará como os poderes se exercem no interior de Gilead. Apresentaremos o que Foucault fala sobre o poder de soberania para logo em seguida analisar, através de fotogramas da série, o modo como as técnicas da soberania se exercem sobre os corpos e como o “fazer morrer” desse tipo de poder está ancorado no “fazer viver” da biopolítica. Em um segundo momento, falaremos sobre o poder disciplinar, suas técnicas, seus mecanismos, suas estratégias, e como estes estão disciplinarizando, docilizando, produzindo os corpos das personagens para que elas se tornem cada vez mais úteis ao sistema vigente. Em seguida, apresentaremos as técnicas e os mecanismos do biopoder. A série se constrói a partir de uma crise de fertilidade,

portanto a biopolítica está envolvendo todo tipo de relação que se concretiza na série. Dessa maneira, rastreamos o “fazer viver” e o “deixar morrer”, que são máximas desse tipo de poder.

No terceiro capítulo, *Nolite te bastardes carborundorum: as resistências em The handmaid’s tale*, cartografaremos as resistências microfísicas que se apresentam na primeira temporada da série. Neste momento, rastreamos o modo como as personagens da série conseguem resistir aos poderes concretizados na narrativa. Trata-se de apresentar como o dispositivo de poder presente nessa sociedade cria possibilidades de resistência e de novas práticas de existência. Para tanto, interessa-nos as resistências mais capilarizadas, mais pulverizadas nas relações: aquelas que o poder observa e não consegue enxergar por completo, mas que sente, de toda maneira, os impactos em seu próprio exercício. Utilizaremos Foucault (1995, 1999, 2006, 2008, 2014a, 2015a, 2015b, 2018) e Frédéric Gros (2018), tendo em vista que consideraremos a estilística de (des)obediência deste último como modos de manifestação das resistências em uma perspectiva foucaultiana, para descrever enfrentamentos que não se estabelecem, pelo menos na primeira temporada, apenas entre uma classe e outra. Elas se constroem ainda nas relações do sujeito consigo mesmo, em relação à minoridade e à maioria, na relação do sujeito com os outros, do sujeito com os rituais etc. Analisaremos, portanto, fotogramas e cenas da série que demonstram como, a partir dos exercícios de poder soberano, disciplinar e biopolítico os corpos são capazes de resistir, de produzir outras práticas de subjetivação e de existência. Neste momento, cartografaremos os locais de encontro e de constituição que se concretizam na relação poder-resistência.

Por fim, é importante apontar o fato de que nossas análises estão, de modo geral, focadas nos acontecimentos da primeira temporada. Entretanto, alguns fotogramas foram deslocados de outros momentos para a produção desta pesquisa. Este deslocamento se justifica porque em algumas ocasiões do texto fez-se necessária a apresentação de cenas que não se encontram no recorte escolhido para a análise. Elas servem para reiterar algum aspecto encontrado de maneira menos visível na primeira temporada, para dar suporte visual para alguma análise, ou para apresentar algum discurso ou prática que explica ou legitima alguma relação de saber e poder importante para alcançarmos os objetivos pretendidos neste trabalho. Em um caso particular, um fotograma foi retirado da segunda temporada para apresentar um exemplo dos *econopeoples*, uma classe social de Gilead que não é muito explorada na série, mas que é importante para a organização desta nova sociedade.

Antes de partirmos para o primeiro capítulo da dissertação, é preciso também admitir que trabalhar com práticas de saber e de poder que se exercem sobre os corpos das mulheres é sentir o dedo do patriarcado em riste, penetrando em feridas que historicamente foram abertas por inúmeras violências de gênero. Em 2017, ano em que a série foi lançada, a política mundial e brasileira estava com as duas mãos na garganta da esperança, asfixiando as pequenas conquistas efetivadas em anos anteriores. Dessa maneira, é inevitável que as nossas sensações se misturem ao vermelho utilizado pelas *aiais* – protagonistas da série –, às suas emoções e às emoções de todas as mulheres que estão na série. E se optamos por, a todo momento, analisar os poderes rastreando suas resistências, é porque estas nos oferecem um certo alívio. Assim como quem faz poema salva um afogado, nas palavras de Mário Quintana (2012), cartografar as resistências também o faz. Não é que tenhamos um Estado legalmente teocrático, apesar de sê-lo. Tampouco se tem a escravização sexual de mulheres como prática de governo, embora muitas estejam em outras relações de opressão e violência. Diante disto, analisar a série *The handmaid's tale* é desconfortável ao mesmo tempo em que é libertador, justamente por partirmos da analítica empreendida por Foucault, haja vista sua ideia de que onde há poder, há resistência, o que nos faz não querer desistir da luta. Ao invés disso, faz-nos querer plantar sementes de esperança e bordar resistências coloridas em nossos corações e, assim, faz-nos acreditar que em algum momento os poderes vão se deslocar e se modificar para se exercerem de uma maneira mais libertária e positiva sobre os corpos que sofrem violências históricas.

## CAPÍTULO I – CONSTRUINDO LENTES ARQUEGENEALÓGICAS: INCURSÕES PELO ENTRECruzAMENTO ENTRE SABERES E PODERES

Daí a tripla definição de escrever: escrever é lutar, resistir; escrever é vir-a-ser; escrever é cartografar, “eu sou um cartógrafo...”.

[Gilles Deleuze, *Foucault*, 2005, p. 53.]

Neste capítulo, apresentaremos brevemente as três fases em que a obra de Foucault está dividida e partiremos para uma descrição do caminho percorrido por ele entre os livros *A arqueologia do saber* (2015a) e *Vigiar e punir* (2014a), construindo uma ponte comparativa entre o Foucault arqueólogo e o Foucault cartógrafo. Na sequência, apresentaremos os aspectos da fase genealógica e o modo como esse autor, através de um novo empreendimento teórico-metodológico, propôs uma perspectiva de análise do poder diferente daquela produzida por Marx. Em um segundo momento do capítulo, descreveremos a série que compõe o *corpus* do nosso trabalho. Em princípio, apresentaremos informações sobre a narrativa, o surgimento, o funcionamento da nova sociedade e a divisão em castas sociais presentes em *The handmaid's tale*. Em seguida, analisaremos aspectos gerais sobre os saberes e poderes que se concretizam em Gilead.

### 1.1. FOUCAULT: DO ARQUEÓLOGO AO CARTÓGRAFO

O objetivo do trabalho de Michel Foucault, segundo o próprio autor, era a construção de “uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos, tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231). É clássica, aliás, a divisão de sua obra em três momentos: a princípio, uma fase arqueológica, a partir da qual se demonstram os modos de objetivação do sujeito por meio de uma história dos saberes na cultura ocidental (FOUCAULT, 2015a); na sequência, uma fase genealógica, por meio da qual os modos de objetivação são investigados na **articulação entre os saberes e os poderes**, demonstrando o funcionamento de um poder que age na microesfera (FOUCAULT, 2015b); e, por fim, uma investigação dos modos de subjetivação a partir das técnicas de si e da governamentalidade, quando orienta suas pesquisas em busca da ética e da estética de si (FOUCAULT, 2018).

Na fase em que Foucault empreendeu estudos sobre os saberes numa perspectiva arqueológica, ele já nos dava sinais de que havia entrelaçamentos e relações constitutivas

às questões do saber que não seriam imediatamente explicitadas. A opção do autor foi deixar certos aspectos em suspenso para dar continuidade às análises sobre os modos de objetivação que produzem sujeitos através dos saberes em épocas determinadas historicamente. E apesar de pontuar essa lacuna ou essa “preguiça febril” em descrever que aspectos seriam esses (FOUCAULT, 2015b, p. 263), ele não se debruça sobre essas outras dinâmicas. Ou seja, muito embora ele já assumisse que havia outros pontos que precisavam, em outro momento, serem levados em consideração e que não estavam, visivelmente, no campo dos enunciados e dos discursos ou na constituição dos saberes, é apenas nas pesquisas posteriores que ele vai nos dizer que se trata de relações de poder. Há, entre o saber e o poder, uma relação constitutiva da qual não se pode escapar. Sobre isto, Foucault nos diz:

Poderia dizer, que, afinal de contas, se tratava de indicações, pouco importando aonde conduziam ou mesmo se conduziam a algum lugar, a alguma direção predeterminada. Eram como linhas pontilhadas; cabe a vocês continuá-las ou modificá-las, a mim eventualmente dar-lhes prosseguimento ou uma outra configuração. Veremos o que fazer com esses fragmentos. Eu agia como um boto que salta na superfície da água só deixando um vestígio provisório de espuma e que deixa que acreditem, faz acreditar, quer acreditar ou acredita efetivamente que lá embaixo, onde não é percebido ou controlado por ninguém, segue uma trajetória profunda, coerente e refletida. (FOUCAULT, 2015b, p. 263).

Para utilizar a mesma metáfora empregada por Foucault, diríamos que é na espuma que o movimento do boto deixa na superfície das águas que podemos enxergar, ainda que rapidamente, o modo como as relações de poder são as lacunas que Foucault apresenta nas suas braçadas arqueológicas. Entretanto, ele não nos deixa sem saída. Apesar de não nos orientar claramente sobre qual o caminho a ser seguido, ele empreende, logo em seguida, sobre os saberes e suas ramificações práticas ou teóricas, análises genealógicas apresentadas em livros posteriores. Se ele estava interessado em entender o sujeito e a partir disso esbarrou nas questões de saber, logo ele teria que adentrar nas nuvens nebulosas das relações de poder, pois estas não só atravessam o saber, mas, principalmente, conduzem práticas de subjetivação que atravessam e produzem os sujeitos. Ademais, tais questões dão origem a determinadas práticas de existência e não a outras, em recortes temporais determinados. A partir desses pontos, dessas questões, dessas divergências e convergências, Foucault (2015b, p. 264) aponta que o trabalho que ele fez, “de maneira empírica e aleatória”, e que está presente nos livros escritos em sua

fase arqueológica, foi feito de tal maneira porque foi o que convinha a um período limitado, ou melhor, foi justamente o que este período possibilitou que fosse feito.

Assistimos, dez ou quinze anos antes de Foucault descrever sua perspectiva arqueológica, a uma imensa proliferação de críticas das coisas, dos discursos, dos saberes, das práticas, das instituições etc. E foi a partir desses novos olhares sobre tais aspectos, de maneira localizada, descontínua, particular, que se viu nos fatos algo que não era esperado anteriormente e que se pode chamar de “efeito inibidor próprio às teorias totalitárias, globais” (FOUCAULT, 2015b, p. 265). Isso não quer dizer, de maneira alguma, que as teorias globais e gerais não tenham, historicamente, fornecido instrumentos utilizáveis de maneira localizada: “o marxismo e a psicanálise estão aí para prová-lo” (FOUCAULT, 2015b, p. 265). Entretanto, elas só conseguiram fazê-lo porque suspenderam as unidades teóricas do discurso ou, de alguma maneira, analisaram-nas de maneira descontínua, recortada, deslocada, invertida, caricaturada, teatralizada etc. O que importa é que toda volta a uma totalidade ou globalidade conduziu de fato a um efeito de refreamento.

Isso posto, interessa a Foucault apontar que a primeira característica dos movimentos de análise que se desenvolveram nos anos anteriores às suas análises genealógicas é o “caráter local da crítica” (FOUCAULT, 2015b, p. 265). Tal fato, segundo o autor, não se confunde com um empirismo obtuso, ingênuo ou simplório, tampouco com um ecletismo débil ou oportunismo, trata-se, tão somente, de um movimento epistemológico que caminha para uma espécie de produção teórica autônoma, não centralizada. Esta se constrói sem a necessidade, para tornar-se válida de alguma maneira, da concordância de um sistema comum; além disso, não precisa estar dentro de um para que seja validada. Em seguida e a partir desse processo, Foucault chega à segunda característica dos movimentos de produção de teorias: o caráter local da crítica se consolidou através do que o autor chama de “retorno de saber” (FOUCAULT, 2015b, p. 265). Isso significa que durante esse marco temporal delimitado por Foucault, os caminhos temáticos seguidos pelos pesquisadores, pelo menos de forma superficial, optaram não mais pelo saber, mas pela vida, não mais pelo conhecimento, mas pelo real. Desse modo, a partir dessa escolha, ou dentro dela mesma, o que acabou se produzindo foi “o que se poderia chamar insurreição dos saberes dominados” (FOUCAULT, 2015b, p. 266).

E então o que seriam “saberes dominados” em uma perspectiva foucaultiana? Em primeiro lugar, estes são os conteúdos que foram sepultados pela produção e pela

consolidação da História Tradicional. São aqueles saberes que foram apagados, silenciados, esquecidos. São saberes que escapavam à linearidade tão procurada pelos historiadores. Eles são a prova das descontinuidades inerentes a cada época, pois foram mascarados em coerências funcionais e em sistematizações formais. Em segundo lugar, devemos entender por “saberes dominados” uma coisa totalmente diferente da anterior ou pelo menos seguir por outro caminho que não é, neste momento, o primeiro. Esses novos passos compreendem uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados para se concretizarem como importantes. São, portanto, os saberes considerados hierarquicamente inferiores e que estavam abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade. Foi o reaparecimento desses saberes que Foucault chamou de “saber das pessoas”, sem que se confunda com o saber comum.

Para Foucault (2015b, p. 267), “há um grande paradoxo em querer agrupar em uma mesma categoria de saberes dominados os conteúdos do conhecimento histórico”. Há uma diferença de metodologia e de *status* entre os conhecimentos meticolosos, eruditos, “exatos”, científicos, escolhidos pela História e os saberes locais, singulares, que se movimentam de maneira microfísica sem, necessariamente, alcançar algum patamar. Esses segundos permaneceram, historicamente, no limite entre o senso comum e o conhecimento. Outros, dentro destes, foram efetivamente desqualificados e sobre eles recaiu o peso do apagamento. De fato, o que importa neste jogo entre saberes dominados e saberes qualificados é depreender o momento em que eles visibilizam a luta pela palavra, pelo discurso, pelo enunciado. Eles fazem emergir os combates que estão envolvidos no aparecimento e no desaparecimento de determinados discursos. Vejamos:

Em um caso como no outro, no saber da erudição como naquele desqualificado, nessas duas formas de saber sepultado ou dominado, se tratava na realidade do saber histórico da luta. Nos domínios especializados da erudição como nos saberes desqualificados das pessoas, jazia a memória dos combates, exatamente aquela que até então tinha sido subordinada. (FOUCAULT, 2015b, p. 267).

Esse movimento de acoplar em uma mesma categoria o saber das pessoas e o saber erudito qualificado pela História produziu e deu condição de existência para pesquisas genealógicas, pois foi no aparecimento dos combates, das lutas de cada época, emergida por meio da análise dos saberes dominados, que as relações de poder, intrínsecas às questões da constituição do saber, foram encontradas por mergulhadores que anteriormente não viam nada além da espuma do boto. A partir desse momento,

começava-se a enxergar os aspectos que os deslocamentos deste animal concretizavam, de fato, embaixo da água. Entendemos, portanto, por genealogia, pelo menos de maneira mais superficial e localizada temporalmente nas discussões que fizemos até aqui, o agrupamento do conhecimento com as memórias locais. É essa opção metodológica que permite a constituição de um saber histórico das lutas, dos combates, dos jogos. É ela que nos possibilita analisar e compreender a utilização desses saberes nas práticas atuais. Ou seja, não é a partir do que a História Tradicional<sup>12</sup> elencou como conhecimento e como verdade que podemos observar o passado para entender o presente e prever possibilidades do futuro. É justamente nos colocando no interior das lutas travadas antes, durante e depois da constituição de saberes de determinadas épocas que podemos nos entender como sujeitos.

Dessa maneira, os movimentos que podemos chamar de genealógicos não operam, de maneira alguma, no estabelecimento de uma relação de oposição entre as unidades abstratas envolvidas nas teorias e nos saberes e as multiplicidades dos fatos concretizados. Portanto, não é um empirismo ou um positivismo que está norteando ou influenciando o projeto genealógico pretendido por Foucault. Este está preocupado em ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, subordinados, não legitimados, apagados, silenciados, contra a instância teórica unitária que, historicamente, agiu na intenção de depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, de uma ciência única e irreduzível. Ou seja, as genealogias não estão interessadas em construir uma ciência mais atenta ou mais exata, a partir do momento que desconstrói as consolidadas; elas se configuram mais como anti-ciências se formos considerar sua escolha pelo desejo de eleger alguns conhecimentos como legítimos e outros não. Não que se trate de reivindicar o direito lírico à ignorância ou ao não saber, muito menos se trata de uma recusa cega e impolida deste, tampouco de ativar ou ressaltar os prestígios de experiências que ele não captura em seus efeitos:

Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. Pouco importa que a institucionalização do discurso científico se realize em uma universidade ou, de modo mais geral, em um aparelho político com todas as suas aferências, como no caso do marxismo; são os efeitos de

---

<sup>12</sup> Foucault entende por “História Tradicional” aquela que se construiu como uma disciplina produzida por historiadores e que se disseminou a partir do silenciamento das discontinuidades presentes nos recortes temporais privilegiados por ela.

poder próprios a um discurso considerado como científico que a genealogia deve combater. (FOUCAULT, 2015b, p. 268).

Os caminhos percorridos pelas genealogias, os embates travados pelo discurso no interior e ao redor dele, os novos movimentos de analisar os saberes vão desenhando uma articulação entre metodologias arqueológicas e metodologias genealógicas de maneira natural, muito embora produzam e olhem para o objeto com perspectivas diferentes. Dessa maneira, enquanto a arqueologia estava interessada em fornecer um método próprio à análise da discursividade local para, então, compreender os grandes sistemas, os saberes elegidos como ciência entre outras coisas, a genealogia é a tática que, a partir de lentes arqueológicas sobre os discursos e suas possibilidades constitutivas, ativa os saberes libertos da sujeição que historicamente os submeteu a regras de exclusão e hierarquização.

Isso posto, foi através dessa nova prática em relação aos poderes que pudemos estabelecer os pontos de ligação entre um Foucault arqueólogo e um Foucault genealógico. As divergências também ou, de maneira superficial, os interesses que não se coadunavam, pelo menos em alguns momentos delimitados pelo autor. Dessa maneira, a arqueologia propôs e apresentou a distinção entre duas espécies de formações políticas. As primeiras dizem respeito às discursivas ou aos enunciados e as segundas tratam das “não-discursivas” ou de meios. Esses dois pontos, apesar de serem descritos separadamente, por uma escolha meramente didática, entrelaçam-se e surgem concomitantemente a partir do momento em que um possibilita o outro e vice-versa. Certamente, e não há como escapar disto, os meios produzem enunciados. No caminho inverso, e também constitutivo, os enunciados determinam os meios. E, muito embora um esteja dentro do outro e se atravessem constantemente, a relação que se estabelece entre meios e enunciados não se concretiza na ordem da causa e consequência, do isomorfismo, da referência. É um entrelaçamento constitutivo.

Partindo desse cenário, é necessário que discutamos sobre as formações históricas, pois é a partir desse conceito que Foucault nos apresenta os entrelaçamentos entre os meios e os enunciados possíveis em determinado recorte histórico. É claro que, quando teve início a construção de seus estudos arqueológicos, Foucault começou a se aproximar da história. Afinal, os arquivos são analisados dentro de uma condição temporal específica. Apesar disso, ele afirma que, mesmo se aproximando das técnicas utilizadas pela disciplina em questão, não exerce função de historiador em momento algum

(FOUCAULT, 2015a). Pois, com a costura do conceito citado anteriormente, percebemos que ele estava interessado em flagrar as evidências e discursividades presentes nessas formações. Em outras palavras, o arquivo sempre remete a uma formação histórica. E ela se constrói através das evidências e discursividades presentes em um regime de enunciados de certo tempo em relação a determinado aspecto.

Interessa-nos, neste momento, questionarmo-nos sobre o que verdadeiramente é uma formação histórica, ou pelo menos o que ela apresenta depois dos estudos iniciais. Deleuze nos diz que se trata de “um agenciamento do visível e do enunciável, é uma combinação, é uma maneira de combinar” (DELEUZE, 2017, p. 36). Ainda para o autor, estes dois fatores são irreduzíveis, mas jamais se combinam de maneira aleatória. Há uma organização implícita no entrelaçamento entre um enunciado e uma visibilidade, visto que é a coerência de uma determinada época que possibilita determinadas combinações e não de outras em seu lugar. E é desse ponto que o arquivo parte. Mostra-se importante, também, compreender que o visível e o enunciável constitui o que Foucault chama de “um saber”. O saber, segundo Deleuze, significa “operar as capturas mútuas do visível e do enunciável” (DELEUZE, 2017, p. 37). Desse ponto também emerge o problema da verdade, pois esse autor definiu muitos aspectos das reflexões de Foucault da mesma maneira, uma vez que não há nada sob o saber, porque tudo é saber. Então, a essa altura da reflexão, o que é uma formação histórica? “São os limiares de saber muito diferentes uns dos outros e que constituíram, numa dada época, um empilhamento de limiares diversamente orientados” (DELEUZE, 2017, p. 37).

Partindo deste cenário, é preciso discorrer mais profundamente sobre a problemática da verdade. O visível remete a um processo, já o enunciável a um método. Combinar esses dois aspectos dá lugar a um procedimento. Neste sentido, o saber é, justamente, essa tática que nasce da articulação desses fatores. E a verdade não existe independente disso. Em outras palavras, a junção do processo do visível com o método enunciativo dá origem a um saber sobre o qual uma verdade se sustenta. O primeiro é uma prática e o verdadeiro é uma relação entre práticas discursivas e não-discursivas. Ou seja, ela irrompe de um agenciamento entre meios e enunciados. Nesse contexto, a verdade não é, jamais, separável dos procedimentos por meio dos quais chegamos a ela.

Uma vez esclarecidos esses aspectos, Deleuze (2017) nos diz que o par “visibilidade-enunciado” não pode ser analisado a partir de lentes meramente linguísticas. Pois é necessário analisar, além desse fator, os regimes que não são dados, que estão ocultos, mas que permanecem organizando a constituição do visível e do enunciável. Tais

regimes partem das relações de poder. Em outras palavras, ver e falar são elementos que não se deve reduzir a comportamentos ou enunciados. Eles precisam ser colocados no meio de linhas de forças que têm como influência os poderes. Ou seja, um arquivo remete a uma formação histórica e esta também engloba as questões de poder, visto que o par visibilidade-enunciado engloba saberes, verdades, poderes etc.

Nestas considerações genealógicas, preocupadas em destrinchar os meios e as configurações “não-discursivas”, Foucault apresenta um novo instrumento: o diagrama. Este não é mais o arquivo, da arqueologia, não é auditivo, nem visual. É o mapa. A cartografia. E se estende sobre todo o campo social. É uma máquina abstrata que não se constrói a partir dos enunciados ou dos meios. Não é o “não-discursivo” que a produz e a concretiza. Não é o conteúdo que também o faz. Ela surge e se caracteriza justamente por todas as relações que se estabelecem entre os conteúdos e os meios. Mas não apenas. “É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar” (DELEUZE, 2005, p. 44). O diagrama, portanto, é fluido e instável. Está sempre, ao acoplar forma e conteúdo, provando mutações. E estas estão, de todas as maneiras, produzindo verdades, realidades etc. Ou seja, o diagrama não age sobre relações de saber-poder e realidades preexistentes. Ele tão somente ocupa um papel produtor onde quer que incida.

Diante disso, Foucault (2013) nos diz que o diagrama não é apenas um mapa, mas a superposição desses. E na relação entre um e outro, novos mapas, necessariamente, vão sendo traçados e, desta maneira, criando novos efeitos de realidade, novas práticas de verdade, etc. Por isso, não há diagrama que não esteja em devir, que não possua pontos livres, desconectados. São estes que possibilitam as novas realidades, as mutações, as resistências. Os diagramas não podem ser completos porque as relações entre conteúdo e forma sempre estão gerando outros modos de conteúdos e formas que também precisam estar em devir, porque as relações de poder sempre estão soltas e possibilitando resistências a elas mesmas. O diagrama produz realidades e depois outras, porque se apropria dessa característica de incompletude dos aspectos que incorpora a si. Com isto, podemos enxergar os encadeamentos de diagramas justamente a partir das grandes dualidades de cada época, das lutas de cada uma. Pois são essas que mudam, que reorganizam, que se modificam nas relações que estabelecem com os enunciados e os meios.

A partir das divergências e convergências estabelecidas entre a arqueologia e a genealogia, é necessário, agora, que situemos a pesquisa em uma prática teórica-metodológica alinhada à segunda. Isso não significa, de maneira alguma, que

abandonaremos a primeira perspectiva. Os aspectos presentes no interior da noção arqueológica e da noção genealógica estabelecem entre si uma relação constitutiva de que não podemos fugir. Assumir uma prática arqueogenealógica interessada em analisar as materialidades presentes nesta pesquisa, concretizadas através dos fotogramas e da descrição de algumas cenas, é entender que todo exercício de poder que recai no corpo ou na população carrega em si saberes que estão operando em sua produção, disseminação e legitimação. Ou seja, o exercício do poder pressupõe um saber que ora o produz, ora o sustenta. No caso da série que compõe nosso *corpus*, os poderes, suas práticas, seus mecanismos estão todos sustentados em um saber religioso que foi incorporado pelo Estado como regime de verdade.

Apesar da pesquisa não ter por objetivo um rastreamento das regiões onde o poder encontra o saber (FOUCAULT, 2006), tampouco o de analisar se algum exercício de poder necessariamente está ligado a determinado saber, não se pode negar que, para cartografar os poderes e as resistências, é necessário, pelo menos *a priori*, compreender que não há prática discursiva que surja de maneira arbitrária ou aleatória. Há, mesmo discretamente, um conjunto de discursos operando na produção ou na legitimação de determinados comportamentos, poderes, práticas de existência etc. A relação saber-poder possibilita determinados processos de subjetivação que necessariamente vão se ancorar nas condições oferecidas por ela. Desta maneira, os sujeitos se comportam alinhados às práticas desejadas e produzidas pela relação, ou escapam a elas e funcionam como resistência ao que foi, de certo modo, construído como necessário e correto. Ou seja, localizar os pontos de encontro do saber com o poder nos apresenta o modo como, posteriormente, os poderes e as resistências vão se concretizar, pois eles só são capazes de surgir a partir de um regime de verdade e de saberes que, de alguma maneira, funciona como uma condição de produção para tais. Estes dois não surgem aleatoriamente sem que, nas suas relações pouco visíveis, entrelacem-se às questões de saber.

É a partir de lentes arqueogenealógicas, portanto, que conseguiremos observar com mais clareza que o governo teocrático, presente em Gilead, é um exemplo de como o Estado incorporou as técnicas do poder pastoral (FOUCAULT, 1995) para produzir práticas discursivas alinhadas aos saberes religiosos. Estas, necessariamente, estão na ordem do saber religioso e é ele que orienta, organiza, massifica as práticas de existência de uma política pastoral concretizada sobre os indivíduos. Dessa maneira, como foi dito anteriormente, nossa pesquisa está localizada no interior da perspectiva arqueogenealógica empreendida por Foucault, pois nos interessa o funcionamento do poder e da resistência

em Gilead, bem como os saberes que os sustentam. Assim, é necessário assumir que os discursos e os saberes que estão circulando na sociedade de Gilead, em alguns momentos da narrativa, organizam o exercício e as técnicas dos poderes. Partindo disso, necessariamente precisaremos rastrear a produção de verdades e as consequências práticas que se concretizam ancoradas nos saberes elencados como importantes. Portanto, não estabeleceremos uma hierarquia entre a arqueologia e a genealogia; assumiremos, na verdade, sua relação constitutiva e partiremos dela para trilhar alguns percursos de análise.

## 1.2. A PROBLEMÁTICA DO PODER EM FOUCAULT

Mergulhando em uma perspectiva genealógica, é necessário apontar que a questão central ou pelo menos inicial de todas as genealogias é o poder. E não interessava a Foucault criar questões teóricas sobre ele, isso já estava em demasiado superado. O caminho formulado pelo autor dizia respeito ao funcionamento do poder: seus efeitos, suas práticas, suas técnicas, o modo como cria processos de existência e de resistência, a maneira como se exerce a partir de relações que estão capilarizadas na sociedade, o surgimento de dispositivos de poder que, de tão diferentes e variados, organizam setores tão particulares da população etc. Nesse momento, Foucault estava formulando uma questão que vai de encontro a uma analítica de poder essencialmente marxista e que foi, durante muito tempo, adotada pela esquerda. Ele pretendia compreender, por exemplo, se “a análise do poder ou dos poderes, pode ser, de uma maneira ou de outra, deduzida da economia” (FOUCAULT, 2015b, p. 272), conforme presume o marxismo.

Dito isto, discutiremos agora, junto a Deleuze (2005), os principais embates travados entre o marxismo e a analítica do poder formulada por Foucault. Depois de um longo tempo após a consolidação de uma perspectiva marxista em relação ao poder, o que caracterizava a esquerda, na época anterior à publicação do livro *Vigiar e punir* (2014a), de maneira difusa, era uma tentativa de criar uma nova problemática em relação a ele, pois a anterior já estava apresentando lacunas tanto práticas, quanto teóricas.

Portanto, os novos esquerdistas estavam não só produzindo uma desconstrução teórica do marxismo e de suas reflexões sobre o funcionamento da sociedade; eles estavam deslocando certos tipos de concepções que tinham sido apagadas, ou, de certo modo, interditas. A nova esquerda estava interessada em analisar o poder em sua prática, em seu exercício, superando uma centralidade ou uma originalidade unitária do

poder e analisando seu comportamento transversal por todas as ramificações presentes no interior da sociedade. E muito embora o fizesse inicialmente, sempre acabava presa nas armadilhas criadas pela analítica marxista. Foi *Vigiar e punir* (2014a), segundo Deleuze (2005), que conseguiu romper com essa doutrina teórica que permeava a esquerda até mesmo quando ela queria enxergar o mundo por uma nova perspectiva.

O livro de Foucault nega-se a trabalhar com o método de “teses”, tão necessária aos trabalhos anteriores. Aqui, ele não só o abandona, mas, principalmente, desconstrói postulados que marcam a posição tradicional da esquerda. O primeiro deles é o postulado da propriedade. Tal postulado nos diz que o poder é uma propriedade de uma classe que o teria conquistado, neste caso, os donos dos meios de produção, o Estado e seus aparelhos. O poder se exerceria tão somente de maneira vertical, saindo da classe dominante até atingir a classe dominada. Em uma perspectiva foucaultiana, ao contrário, o poder é uma estratégia, não uma propriedade, e seus efeitos não são atribuíveis a uma classe apenas. O poder se exerce mais do que se possui, não é um privilégio adquirido da classe dominante e roubado da classe dominada; ele está na relação que se estabelece entre essas classes, entre sujeitos, entre sujeitos e instituições etc. Ele não pertence a uma pessoa ou a um lugar, pois está capilarizado na sociedade (DELEUZE, 2005).

O segundo postulado é o da localização. Para a esquerda tradicional, o poder estaria localizado no Estado, de modo que mesmo as instituições privadas seriam apenas ramificação dele. Na perspectiva foucaultiana, o Estado surge como efeito de um conjunto de técnicas de poder. Ele é resultante de muitas engrenagens e focos que estão se relacionando de maneira microfísica e transversal, não vertical. Desse modo, “Notar-se-á que ‘local’ tem dois sentidos bem diferentes: o poder é local porque nunca é global, mas ele não é local nem localizável porque é difuso” (DELEUZE, 2005, p. 36). Portanto, o poder não se localiza no Estado ou em apenas uma instituição; está presente em todas as relações que acontecem no interior de qualquer sociedade.

O terceiro postulado é o da subordinação. Para o marxismo ortodoxo e suas ramificações teóricas e práticas, o poder está localizado no interior do Estado, subordinado a um modo de produção, no caso o capitalismo, tal como uma infraestrutura. Em uma perspectiva foucaultiana, ao contrário disto, as relações de poder não estão em posição de exterioridade no que diz respeito aos outros tipos de relação existentes nas sociedades. O poder não está subordinado. Ele se ramifica de maneira capilarizada na população e em toda ligação que ele estabelece, em toda prática que exerce, tem um papel de produção, não de subordinação (DELEUZE, 2005).

O quarto postulado é o da essência ou atributo. Nele o poder teria uma essência e seria um atributo que qualificaria os que o possuem em detrimento dos que sofrem com seus efeitos. Em uma noção foucaultiana, o poder não tem essência, ele é tão somente operatório. Tampouco é um atributo, ele é essencialmente uma relação. É um conjunto de relações de força que passam pelas classes dominantes e também pelas classes dominadas, ambas a seu modo e constituindo singularidades (DELEUZE, 2005).

O quinto postulado é o da modalidade. Para a esquerda tradicional, o poder agiria por violência ou por ideologia. Dessa maneira, ele se exerce, necessariamente, reprimindo, iludindo, enganando, através da polícia e dos seus aparelhos. A partir das reflexões feitas por Foucault em sua fase genealógica, podemos notar que o poder não age por ideologia, nem mesmo quando se aplica às almas. Ele também não se exerce sobre os corpos de maneira violenta ou repressora sempre. O poder produz realidades antes de agir sobre os sujeitos. Além disso, produz verdades antes de ideologizar suas táticas, seus mecanismos. Ele produz prazeres, positivities etc; não é sempre negativo e nem se exerce sobre os corpos sempre dessa maneira. Há uma relação positiva e negativa em toda relação que ele perpassa e produz (DELEUZE, 2005).

O sexto e último postulado é o da legalidade. Aqui, o poder está necessariamente localizado no Estado, apresenta-se e se concretiza através da lei que ora se concebe como um estado de paz imposto às forças brutas, ora como resultado de uma luta que foi ganha pelos mais fortes que detêm poder. Sobre este ponto, Deleuze (2005) diz que esta é uma das reflexões mais profundas que Foucault constrói em *Vigiar e punir* (2014a). A noção foucaultiana substitui a oposição entre lei-ilegalidade por uma relação bastante complexa que resulta em uma correlação final que se estabelece entre ilegalismos e lei. A lei, para Foucault, é uma composição de ilegalismos que ela diferencia ao formalizar. Ou seja, primeiro se constroem, produzem-se, classificam-se e se hierarquizam os discursos presentes na ordem do ilegal, depois a lei é construída e concretizada através do silenciamento (ou não) de alguns deles, também da interdição (ou não) de certos comportamentos considerados ilegais para determinada ordem e, além disso, da organização de determinados discursos em uma rede discursiva que acaba por possibilitar a lei.

Apresentados os deslocamentos empreendidos por Foucault sobre o poder, interessados principalmente em se opor às perspectivas tradicionais da esquerda, nota-se que algo de novo de fato se concretiza depois de Marx. Não apenas no sentido teórico, mas também no sentido prático, de exercício, de técnica, de mecanismos. É como se uma

relação essencial entre poder e Estado, conseqüentemente entre Estado e capitalismo, fosse, finalmente, rompida e superada. Para Deleuze (2005, p. 40), “Foucault não se contenta em dizer que é preciso repensar certas noções, ele não o diz, ele o faz, e assim propõe novas coordenadas para a prática”. Ou seja, *Vigiar e punir* (2014a) não é, de maneira alguma, apenas outra teoria. É, junto a isso, outra prática.

Foucault não só desconstrói os postulados sobre o poder que foram produzidos pelo marxismo e adotados pela esquerda tradicional da época; ele questiona a ênfase protagonizada por essa perspectiva no que diz respeito à natureza das classes. Ao centralizarem suas críticas unicamente na classe dominante e na classe dominada e no caráter global da dominação de uma sobre a outra, as teorias marxistas deixaram em segundo plano um aspecto bastante caro às relações de poder: a luta que se estabelece entre elas. O autor nos diz que “quando falam de ‘luta de classes’ como força motriz da história, eles se preocupam principalmente em saber o que é a classe, onde ela se situa, quem ela engloba e jamais o que concretamente é a luta” (FOUCAULT, 2015b, p. 242). Para Foucault, é inconcebível a ideia de que o poder é um sistema de dominação que engloba tudo e controla toda e qualquer prática sem que deixe espaço para a luta, para as liberdades.

Foucault (1995) define o exercício de poder como um modo de ação sobre a ação dos outros. E a liberdade está presente, necessariamente, no interior desse processo. Ele aponta, além disso, que o poder só se exerce sobre sujeitos livres, ou, *grosso modo*, nos momentos em que eles estão nesta condição. Os corpos têm diante de si um campo de possibilidades responsável por conferir a eles variadas condutas, certo número de comportamentos, algumas práticas de existência etc. Ou seja, o poder não possui um caráter de dominação global que elege uma classe para governar outra de forma irreduzível e inquestionável, como propunha o marxismo. Ele se concretiza através de uma ação sobre outras ações possíveis e, nestas, a resistência está presente, sendo responsável por deslocar e atualizar as possibilidades. Portanto, para Foucault (2006), no centro das relações de poder, induzindo-as constantemente, encontra-se a reatividade do querer e a intransitividade da liberdade. E, mais do que um antagonismo ou uma oposição, trata-se de uma “agonística”. Ou seja, são relações de incitação recíproca e de luta. Não se bloqueiam, não se interdita ou não se silenciam, apenas se provocam permanentemente e, dessa maneira constitutiva, produzem sujeitos que resistem a determinados poderes.

É partindo desta problemática sobre o poder e a resistência que Michel Foucault direciona suas análises não para uma filosofia ou para uma teoria política, tampouco para o edifício jurídico, mas para uma análise dos mecanismos, das técnicas e dos instrumentos a partir dos quais se dá o exercício do poder em suas distintas modalidades, quais sejam: o poder de soberania, o poder disciplinar e o biopoder. São três formas distintas de exercício do poder, a partir das quais se dão a ver formas também distintas de operacionalizar a produtividade dos corpos.

A primeira modalidade, **o poder de soberania**, delata uma primeira inserção dos processos naturais<sup>13</sup> no interior do poder político, na medida em que se exerce, segundo Foucault (1999), a partir da premissa segundo a qual o soberano pode “fazer morrer ou deixar viver”. Isso significa não apenas que o direito de vida e de morte é um dos atributos fundamentais da soberania, mas principalmente que este direito se exerce de uma maneira desequilibrada, sempre do lado da morte. Há, assim, uma dissimetria muito cara ao poder soberano, posto que é através do direito de matar que o soberano exerce seu efeito sobre a vida: deixa-se viver apenas porque não se determina morrer. Os súditos, nesse sentido, não estão, aos olhos do soberano, nem vivos, nem mortos, mas neutros. É só na relação com o soberano que eles se tornam sujeitos.

O **poder disciplinar**, por seu turno, opera no nível da individualização dos corpos, agenciando seu treinamento, sua vigilância e, eventualmente, sua punição no interior das instituições disciplinares. Concretiza-se pelas técnicas e mecanismos essencialmente centrados no corpo, no homem-corpo, no corpo individual. Esse poder não está interessado na morte ou na vida dos sujeitos, ou seja, não se trata de fazer morrer ou de deixar viver, mas tão somente de agenciar a utilidade do corpo, de aumentar sua capacidade produtiva no interior do sistema. Essa tecnologia do poder se instala no final do século XVII e se torna uma fórmula geral de dominação no decorrer do século XVIII, manifestando-se a partir de procedimentos interessados na distribuição espacial dos corpos, em sua separação, em seu alinhamento, em sua colocação em série, em sua vigilância. A disciplina, nas palavras do próprio Foucault, “tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos” (FOUCAULT, 1999, p. 289).

---

<sup>13</sup> É necessário pontar que a expressão “processos naturais” foi aqui empregada porque é dessa maneira que Foucault se refere à morte e à vida quando constrói as suas reflexões genealógicas.

O **biopoder**, enfim, segundo Foucault (1999), é uma tecnologia de poder que se concentra no homem-espécie: ele faz nascer a população enquanto elemento político e biológico, ocupando-se da regulação dos processos naturais comuns à multiplicidade dos homens. Não se trata de uma modalidade que exclui, por completo, as características do poder de soberania, tampouco que renuncia às técnicas disciplinares. Ao contrário disso, o biopoder as integra e estabelece, a partir desta integração, uma nova relação com a disseminação do poder em formas moleculares (microfísicas). A biopolítica se interessa pelo homem-espécie sem individualizá-lo: ela considera justamente a capacidade dos sujeitos de formarem uma massa global que necessariamente é afetada por processos próprios da vida, como o nascimento, a morte, a doença etc. Ocupando-se da regulação e da longevidade dos homens, o biopoder inverte a fórmula imposta pela soberania, que tem por função fazer morrer e deixar viver. A biopolítica consiste, ao contrário, em fazer viver e deixar morrer.

Depois de apresentada a problemática de poder em Foucault, é importante enfatizar que é a partir do encadeamento entre o que *A arqueologia do saber* (2015a) não tinha condições de dar conta em determinado momento e as questões das genealogias aqui colocadas que a pesquisa vai se construindo. Não escaparemos, portanto, dos entrelaçamentos entre saberes e poderes, pois, de fato, precisamos concordar com Deleuze e com Foucault: não há relação de saber sem que se produza um meio, também não existe um meio em que não pressuponha um saber, e vice-versa. Isso posto, nas sessões seguintes apresentaremos, mais detalhadamente, a série que compõe nosso *corpus* de pesquisa e analisaremos aspectos gerais dos poderes e dos saberes que se materializam na narrativa.

### 1.3. *THE HANDMAIDS TALE*

Como dito anteriormente, mais precisamente na introdução, *The handmaid's tale*, ou *O conto da aia*, em uma versão brasileira, é uma série estadunidense baseada no romance homônimo escrito pela autora canadense Margaret Atwood, o qual foi publicado, inicialmente, em 1985. Tal série foi criada pelo diretor Bruce Miller e midiaticizada pelo serviço de *streaming* Hulu, no ano de 2017. O enredo já se estende por quatro temporadas e foi renovado para a quinta. A série se desenrola em um futuro distópico, tendo como premissa uma crise de fertilidade mundial que vem afetando diretamente as taxas de natalidade em todo o globo. A justificativa para tal fato são,

principalmente, os fatores ambientais, como a poluição e o alto número de agrotóxicos nos alimentos. Em meio ao caos, acontece um golpe político e um Estado Teocrático funda a República de Gilead no território que anteriormente pertencia aos Estados Unidos. Ali, a maioria das mulheres férteis (chamadas de *aias*) se tornam propriedade do Estado e são distribuídas entre as casas dos *comandantes*, para que sejam estupradas por eles e para que, assim, gerem os filhos da pátria.

A nova sociedade é organizada por líderes poderosos que estão concretizando um novo regime de governo que é militarizado, hierárquico e fanático no que diz respeito ao saber religioso. Essa nova configuração também funda uma organização em castas sociais, nas quais as mulheres são violentamente subjugadas e, por lei, não têm permissão para trabalhar, possuir propriedades, controlar dinheiro ou até mesmo ler. Ou seja, o golpe teocrático retira os direitos que anteriormente eram direcionados aos sujeitos femininos. Assim, não apenas as mulheres férteis, que são estupradas sistemática e legalmente, perderam seus direitos, mas aquelas ricas, casadas, poderosas e influentes também sofreram com as consequências deste golpe.

Como o mote mais importante da série em questão é a crise de fertilidade, as leis dessa nova forma de governo são criadas e disseminadas para solucionar este problema mundial. Para tanto, os líderes do governo partem de uma interpretação extremista e fanática de um versículo do antigo testamento bíblico para criar, orientar e legitimar o principal ritual de violência sexual utilizado para superar a problemática da taxa de natalidade: a cerimônia. É a partir dela que o estupro de mulheres férteis acontece. Vejamos:

Vendo, pois, que Raquel não dava filho a Jacob, teve Raquel inveja de sua irmã e disse a Jacob: Dá-me filhos, ou senão eu morro. Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva Bila; Entra nela para que tenha filhos sobre meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela (GÊNESIS, 30: 1-3).

O governo que se instaura na série, como já dissemos, é teocrático. E utiliza este versículo, recortado do seu contexto, para selecionar mulheres, chamadas de *aias*, que são capazes de engravidar, para serem escravas sexuais de famílias poderosas de Gilead. Todo mês, no período fértil das garotas, a cerimônia acontece. Nele, as personagens de cada casa encenam os passos que estão presentes no versículo: os *comandantes* estupram as *aias* enquanto elas se deitam entre os joelhos das *esposas*, com a esperança de que a *aias* engravidem e gerem filhos para o casal do qual é escrava. Além disso, outros trechos

bíblicos são utilizados para legitimar determinadas leis em Gilead. Nesta sociedade, a homossexualidade é crime, a leitura, o trabalho e a participação das mulheres nos espaços políticos também o são. O livro sagrado cristão é a constituição do governo que se instaura com o golpe teocrático.

O enredo nos é apresentado através da percepção da protagonista June Osborne, que é estrelada pela atriz. A personagem é selecionada para ser escrava sexual na casa de um dos mais importantes comandantes de Gilead: Fred Waterford, interpretado pelo ator Joseph Fiennes. Por este motivo, o nome dela muda para Offred, pois as mulheres que são direcionadas para as casas dos políticos são obrigadas a perder sua identidade e passam a se chamar “of” mais o nome do homem da família de que ela será escrava durante algum tempo (Of + Fred = Offred). Fred é casado com Serena Joy, vivida pela atriz Yvonne Strahovski, ambos foram responsáveis pela construção teórica desta sociedade e junto com Elisabeth Moss June fazem parte do elenco principal de *The Handmaid's Tale*. É a partir da relação entre os três que o enredo se desenrola.

Vejamos um cartaz da série:

**Figura 1** – Cartaz da série *The Handmaid's Tale*



Fonte: <https://www.adorocinema.com/series/serie-20677/>

No cartaz acima, podemos observar a imagem de Offred e June separadas por uma rasatura que produz, imageticamente, um recorte entre duas identidades que pertencem à mesma mulher. A primeira é a personagem que o golpe teocrático em Gilead produziu: uma *aia*. A segunda é a mulher que existia antes do novo sistema de governo emergir: June Osborne. A narrativa é apresentada ao espectador justamente do ponto de vista da protagonista em questão e na grande maioria das cenas somos levados pelos embates que

se concretizam entre essas duas identidades. Offred é fruto do poder. June é a resistência a ele.

#### 1.4. UMA SOCIEDADE DE CASTAS EM *THE HANDMAID'S TALE*

Como dito anteriormente, o mote da série é, basicamente, uma crise de fertilidade gerada pela poluição e por outros males da contemporaneidade, a partir da qual se impõe um estado teocrático que suspende os direitos femininos de modo geral e, principalmente, que submete as mulheres férteis a um cotidiano de escravidão sexual. Nesse cenário, a República de Gilead se organiza socialmente em torno de nove castas principais: i) as *aias*; ii) os *comandantes*; iii) as *esposas*; iv) as *marthas*; v) as *tias*; vi) os *olhos*; vii) as *mulheres de Jezebels* viii) os *econopeoples*; ix) e os *guardiões*.

##### 1.4.1. As *aias*

As *aias* são as mulheres férteis que o Estado teocrático de Gilead escraviza sexualmente. Não são todas as garotas capazes de gerar filhos que são propriedade sexual do Estado, mas apenas as que ofereceram algum tipo de resistência à mudança de práticas de poder. Elas são caracterizadas pelas roupas vermelhas e toucas brancas. Essas cores não são escolhidas de maneira aleatória. No mapa de poder da cidade, elas são facilmente localizáveis por causa da bata vermelha e do chapéu branco. Tais chapéus funcionam como cabresto para essas mulheres; elas não conseguem enxergar nada além do caminho à frente. A visão periférica é toda apagada por causa das abas presentes nas toucas. Andam sempre em dupla e só podem conversar com a *aia* ao lado sobre assuntos extremamente superficiais. Sobre elas o poder se exerce com mais um nível de violência, o sexual, do que sobre as outras personagens da série e, desta maneira, os movimentos de resistência que elas produzem são mais visíveis do que outros. Vejamos um fotograma:

**Figura 2** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



### 1.4.2. Os comandantes

Os *comandantes* são a classe mais alta da República de Gilead. São os homens que, na mudança de governo, produziram e apoiaram o golpe teocrático que deu fruto ao Estado concretizado no território dos antigos Estados Unidos. Por este motivo, eles possuem todos os privilégios da nova forma de poder. E apesar de serem vigiados pelos *olhos* e pelo grande *Olho*, eles são os que mais burlam, hipocritamente, as regras criadas por eles mesmos para controlar os outros corpos. Dentro da República, são os *comandantes* que produzem as leis e que determinam as punições. São eles que possuem o privilégio de ter *marthas* e *aias* em suas casas. Também podem se casar e ter *esposas*. Dentro de relações entre classes, eles são os que mais possuem condições financeiras e, portanto, políticas. Vejamos um fotograma deles:

**Figura 3** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



### 1.4.3. As esposas

As *esposas* são as mulheres dos *comandantes*. Elas são disciplinarizadas para serem exímias donas de casa. Não executam as tarefas domésticas que são funções das *marthas*. As *esposas* cuidam da organização da casa, dos jardins, costuram, pintam, fazem atividades manuais e nada além delas. São facilmente localizáveis também, pois usam vestidos verdes. E essa cor também não aparece de maneira aleatória; é necessária para que elas não escapem da vigilância do grande *Olho*, afinal de contas são mulheres e precisam ser vigiadas. Assim como as outras personagens femininas da sociedade, as *esposas* não podem ler, não podem produzir leis. Para elas, restou o ambiente privado e alguns privilégios que outras mulheres não possuem, mas em nenhum momento elas se confundem com os homens. Em Gilead, percebe-se como as construções de gênero, como nos apresenta Simone de Beauvoir (2016), determinam os espaços, as docilidades, os papéis de cada corpo. Serena Joy é a maior referência desta classe social. Antes da

instauração de Gilead, ela fez parte da consagração e disseminação do saber responsável pela criação desta sociedade. Entretanto, logo após sua concretização, a personagem foi proibida de ler e de participar das reuniões de organização. Ela foi vítima da própria maquinaria de poder que outrora ajudou a construir. Vejamos um fotograma das *esposas*:

**Figura 4** – Fotograma da temporada 1, episódio 2



#### 1.4.4. As *marthas*

As *marthas* são uma classe de mulheres responsável por servir os grandes *comandantes* e suas *esposas*. Elas usam roupas cinzas e panos sobre os cabelos. Elas estão na casa unicamente para servir, não de maneira sexual, mas como governantas. São elas que cozinham, que limpam a casa, que servem aos convidados e aos moradores da casa. São mulheres aparentemente inférteis, de classe baixa e não casadas. Neste momento, vemos, de maneira muito evidente, as questões de etnia que atravessam a escolha dessas mulheres para tal função. A maioria delas são afro-americanas ou latinas, ou seja, a escolha dessas mulheres para funções que são de herança escravagista não acontece de maneira aleatória. Toda função e todo papel social presente na maquinaria de poder de Gilead são atravessados por questões de gênero, etnia e classe. Vejamos um fotograma de Rita, a *martha* da casa dos personagens principais:

**Figura 5** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



### 1.4.5. As *tias*

As *tias* são as mulheres que dirigem o Centro Vermelho de Gilead. É neste espaço que elas doutrinam as mulheres, principalmente as *aias*. Elas são responsáveis pelas técnicas de docilização mais visíveis na série. São elas que presidem as execuções também. A função delas é disseminar os saberes religiosos, docilizar e vigiar os corpos das *aias* e de outras personagens para que não fujam da sua função e do seu papel social, ambos pré-determinados pelas relações de poder necessárias à maquinaria concretizada na série. Elas regulam os nascimentos, decidem em que casa as *aias* vão ficar. Ou seja, todo movimento passa pelos olhos das *tias*. Elas são o princípio e o fim de toda produção e massificação de práticas de existência na série. Por este motivo, geralmente, são mulheres mais instruídas e cultas do que as outras, que detêm muito saber sobre o campo religioso e que possuem nas palmas das mãos e no cacete de choque a organização do diagrama do poder em Gilead. Elas também são responsáveis pela vigilância nas colônias. Dessa maneira, nada escapa à vigilância das *tias*. Elas usam roupas marrons para serem facilmente localizáveis no diagrama do poder, assim como todas as outras mulheres. Vejamos uma imagem de *tia* Lydia no fotograma abaixo:

**Figura 6** – Fotograma da temporada 1, episódio 9



### 1.4.6. Os *olhos*

Os *olhos* são a classe constituída de homens que são responsáveis por manter a ordem e a norma na nova organização política do território dos Estados Unidos. Funcionam como os olhos de Deus e os olhos do Estado. São uma polícia secreta da República de Gilead. Essa casta não se concretiza como força policial. Estão no topo da hierarquia desse funcionamento do Estado e são a parte intelectual desta instituição. Na série, não se sabe exatamente quem eles são. Podem se confundir com os *guardiões*, por exemplo, ou com qualquer um que seja homem e use preto. O que se tem certeza é que

eles estão em todos os lugares, por mais que não possam ser localizados. Constantemente aparecem dirigindo vans que fazem ronda para vigiar toda a organização da cidade. Usam preto e são responsáveis pelas prisões e pelos interrogatórios das personagens que ousam resistir. O *grande olho* se capilariza, docilizando e produzindo corpos responsáveis por serem o aparato policial das ordens, das leis e das determinações estabelecidas pelos *olhos*. Uma das poucas personagens que conseguimos identificar que é um *olho* é o *comandante Pryce*. Vejamos um fotograma dele junto aos *guardiões*:

**Figura 7** – Fotograma da temporada 1, episódio 8



#### **1.4.7. As mulheres de jezebels**

Jezebels é o nome do bordel secreto de Gilead. As mulheres são enviadas para ele para serem prostitutas. As personagens que estão neste lugar, geralmente, são garotas que, em algum momento da narrativa, apresentaram práticas de resistência e desta maneira foram destinadas para as colônias ou para o bordel. Ou seja, são corpos resistentes à maquinaria de poder engendrada em Gilead. É uma comprovação, portanto, de que, por mais que o poder incida sobre os sujeitos de maneira mais violenta do que o de costume e de forma negativa, ele sempre vai oferecer, concomitantemente, rotas de fuga, pois se assim não fosse, não seria uma relação de poder e sim uma relação de escravidão, aqui entendida em sua forma mais pura (FOUCAULT, 1995).

No referido lugar, as mulheres exercem certos tipos de liberdade que as outras não possuem. Mas, como todas, ainda são objetos para as práticas sexuais e de poder dos homens. O nome Jezebel faz referência a uma mulher presente na bíblia, uma rainha de Israel que afastou seu marido dos propósitos de Deus e concretizou episódios de crueldade com quem o seguia. Era uma mulher vaidosa, bonita e manipuladora. Dessa maneira, o nome lembra aos homens que as mulheres, nesse lugar, são promíscuas, moralmente problemáticas etc. Com esse nome, se nota que ele é um espaço onde coisas profanas

acontecem e que Deus está afastado daqueles seres em determinados momentos. Vejamos um exemplo no fotograma a seguir:

**Figura 8** – Fotograma da temporada 1, episódio 8



#### 1.4.8. Os *econopeoples*

Os *econopeoples* são a classe média da sociedade de Gilead. Eles estão enquadrados em outro espaço geográfico e são homens e mulheres que não fazem parte de nenhuma outra casta e que podem se casar e ter filhos. Tal classe social é pouco explorada na série e aparece apenas em alguns takes quando uma família abriga a personagem June num momento em que ela tenta resistir às normas vigentes na nova sociedade. Os homens geralmente não são ricos nem pobres e, portanto, podem construir famílias, mas não fazem parte da construção da República. Não produzem leis nem estão na hierarquia da máquina concreta presente na série. As mulheres podem ser férteis ou não, mas não podem ter cometido nenhum ato considerado pecado pelas leis divinas, pois caso o façam, ou se tornam *aias* ou são deslocadas para outra casta de mulheres. Geralmente usam cinza, de tipo diferente daquele usado pelas *marthas*, e, como dito anteriormente, são localizados em outro espaço para não se confundir com as classes mais altas de Gilead. Vejamos, no fotograma abaixo, uma imagem das mulheres desta casta social:

**Figura 9** – Fotograma da temporada 2, episódio 3



### 1.4.9. Os *guardiões*

Os *guardiões* são a classe social que funciona como a força policial. São homens que geralmente se vestem de preto ou cinza e são enquadrados estrategicamente em zonas de maior conflito e que precisam de maior segurança. Os *olhos* são a cabeça da polícia de Gilead, enquanto os *guardiões* são os braços. Geralmente eles têm equipamentos táticos e estratégicos para resolver eventuais problemas de resistência. Na grande maioria das vezes, usam tocas pretas e estão com fuzis engatilhados para docilizar os corpos e lembrá-los que nenhuma prática foge dos olhos da maquinaria de poder presente na série. Cada comandante tem o direito de ter um *guardião* em casa. Ele exerce atividades braçais e de segurança. Alguns deles, caso tenham um bom comportamento e conduta, podem se casar e se transferir para a casta *econopeople*. Nos ambientes em que o poder se exerce mais visivelmente, como nos julgamentos, nos espaços oficiais da República, eles usam ternos pretos e estão sempre preocupados com a segurança dos *comandantes*, dos *olhos* e das instituições. Vejamos um exemplo deles na Figura abaixo:

**Figura 10** – Fotogramas da temporada 1, episódio 4



Após a apresentação da série e das reflexões acerca, sobretudo, do poder, em Michel Foucault, partiremos para uma análise geral do entrecruzamento entre os saberes e os poderes presentes em *The handmaid's tale*. Mais especificamente, neste momento do primeiro capítulo, analisaremos como os saberes estão articulados com os poderes que emergem do interior do dispositivo criado e concretizado em Gilead.

## 1.5. SABERES E PODERES EM GILEAD

O sucesso internacional da série nos faz observar mais atentamente os caminhos produzidos pelas reflexões de Foucault, principalmente no que diz respeito às condições

de possibilidade dos discursos. Primeiramente, precisamos assumir que a série é um acontecimento discursivo e dessa constatação partimos para análises que, muito provavelmente, demonstrarão as condições de possibilidade oferecidas pelos movimentos políticos e históricos da época em que a série foi pensada e midiaticizada, sobretudo as relações de poder que forneceram aos discursos presentes em *The handmaid's tale* condições de emergência capazes de construir efeitos de sentido que se massificaram e se capilarizaram pela sociedade, tornando-se em um dos maiores sucessos do audiovisual atualmente.

Não é de maneira aleatória que a série emerge. Pedro Navarro (2020), a partir de Michel Foucault, nos diz que acontecimentalizar é reencontrar as conexões, os jogos de força, as estratégias, as discontinuidades, as regularidades, os encontros, os apoios, os obstáculos envolvidos na emergência dos discursos. Todo este processo, em constante movimento, em um dado momento específico, produzirá o que, em seguida, funcionará como evidência, necessidade, universalidade. É desta rede de articulações de condições de possibilidade discursiva que a série em questão surge. Ao olharmos essa estreia midiática como um acontecimento, é necessário concordar com Foucault (2015, p. 33) quando ele fala que “a descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?”.

Em 2016, ano em que a série começou a ser produzida, e em 2017, ano em que ela estreou, o mundo estava (e ainda está) imerso em uma onda de discursos conservadores e das práticas discursivas daí decorrentes. Além disso, a política internacional e nacional estava caminhando para significativas vitórias de governos totalitários e/ou governos que flertavam com a extrema direita. Eles, essencialmente, surgem da articulação entre saberes e poderes que engrenam novos modos de fazer política e de organizar as práticas de subjetividade de cada lugar.

Nessas e dessas condições, *The handmaid's tale* emerge. Se as práticas discursivas presentes nesse espaço-temporal tendiam ao conservadorismo, em algum momento o corpo da mulher seria alvo de um exercício de poder normalizador, cerceador, opressor. Ou seja, a estreia da série só foi possível no ano de 2017 porque havia suporte discursivo para este movimento. Havia toda uma rede discursiva que atualizava e construía sentido para o que o enredo apresentasse sua premissa. Ela surgiu porque pudemos, através do simbólico, refletir sobre as relações de poder e saber que estavam se capilarizando no mundo todo. Além disso, sua narrativa também confirmou que, se há uma relação de poder, há, necessariamente, uma relação de resistência, pois *The handmaid's tale* surge

em um momento político e histórico em que discursos conservadores, patriarcais, machistas e racistas estavam, cada vez mais, disseminando-se pelo mundo. Com esse movimento, a narrativa estabelece uma relação constitutiva com as condições de possibilidade envolvidas na emergência da série, mas, além disso e principalmente, de resistência a elas.

Sobre seu enredo, ele se desenrola a partir, principalmente, da problemática da fertilidade. Teoricamente, segundo a premissa da série, as mulheres estariam ficando infertéis devido ao alastramento da poluição, dos problemas ambientais, dos agrotóxicos nas plantações de alimentos, entre outras coisas. Com a criação dessa urgência histórica, que diz respeito à necessidade de aumentar as taxas de natalidade, o golpe teocrático dá início, no território dos Estados Unidos, à sociedade de Gilead. Para entendermos de que maneira as condições de possibilidade permitiram a emergência de um Estado Teocrático, é importante analisar de que maneira a problemática de fertilidade foi construída, discursivamente, como uma crise que precisava ser resolvida para que o bem-estar e o futuro da humanidade fossem reestabelecidos e preservados.

As questões de natalidade são, principalmente, de interesse do biopoder. Proteger e disseminar a vida, ao mesmo tempo em que promove práticas necessárias para afastar a morte e as doenças, é o maior objetivo desta modalidade de poder. Neste caso, compreende-se que as técnicas implantadas pelo Estado Teocrático, presentes na série, são, *a priori*, de interesse biopolítico, já que a sociedade de Gilead foi fabricada a partir de um golpe cujo dispositivo de poder dissemina relações de poder e práticas preocupadas com o aumento da taxa de natalidade e com a saúde dos fetos. Em relação a isso, a partir do que nos apresenta Sousa (2016), podemos observar de que maneira os dispositivos de segurança, instrumentos do biopoder, foram acionados a partir da produção de uma crise para produzir uma urgência histórica que só seria capaz de ser superada a partir de uma nova sociedade: a de Gilead.

Demonstrando de forma global o dispositivo de segurança, Foucault vai explicar que esse dispositivo captura um fenômeno, como o crime, a violência ou a crise, numa série de acontecimentos prováveis, sendo que as reações do poder, ante esse fenômeno, vão ser inseridas num cálculo que é um cálculo de custo e, ao invés de instaurarem uma divisão binária entre o permitido e o proibido, fixam de um lado uma média considerada ótima e, depois, estabelecem os limites do aceitável, além dos quais o fenômeno não deve ir (SOUSA, 2016, p. 160).

Mostra-se necessário, neste ponto da discussão, refletirmos, mesmo que pontualmente, sobre o conceito de dispositivo. Segundo Judith Revel (2005) este termo surgiu nos estudos de Foucault por volta dos anos 70. Além disso, a autora nos diz que *a priori* ele designava “os operadores materiais do poder” (REVEL, 2005, p. 39). Em outras palavras, as técnicas e estratégias presentes na concretização das relações de poder. É interessante lembrarmos do que foi apresentado anteriormente: Foucault, quando começou a depreender análises sobre o poder, não estava preocupado em se ocupar dos edifícios jurídicos ou das instituições que precisam dele para existir visivelmente. Ele queria, sobretudo, compreender e refletir sobre os mecanismos de dominação.

Partindo dessa escolha metodológica, Foucault mostra-nos que os dispositivos são de natureza heterogênea e que englobam os discursos, as práticas, as instituições, as relações de saber etc (FOUCAULT, 2015b). Trata-se de uma máquina que faz ver e fazer. Mas que faz ouvir também, haja vista sua natureza estratégica e seu direcionamento histórico, que se dispõe a responder uma urgência. E dessa forma, o dispositivo é responsável por manipular certas relações de força que são responsáveis pelas condições de possibilidade relacionadas ao ver, ao falar, ao fazer e ao ouvir de determinada época, em determinado lugar. Não por acaso, Deleuze (2005) nos diz que Foucault chama de dispositivo a correlação que se estabelece entre a máquina abstrata, ou o diagrama, e os agenciamentos concretos. Em outras palavras, significa que é um aparato que integra os aspectos discursivos e os não discursivos e que é responsável por produzir, disseminar e capilarizar práticas por todo o tecido social. Portanto, não conseguimos escapar à existência dele, pois pertencemos a dispositivos e por meio deles agimos constantemente, mas também deslocamos determinadas relações em seu interior (DELEUZE, 1996).

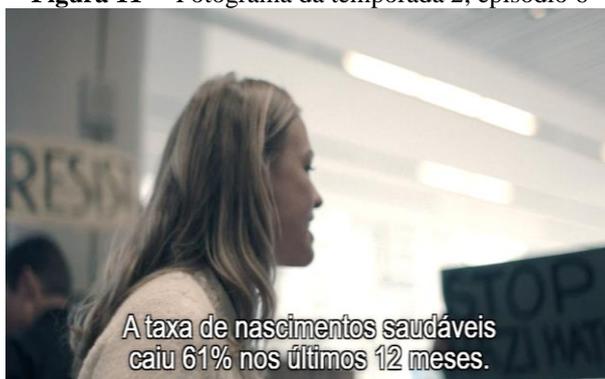
Nas palavras de Foucault (2015b):

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2015b, p. 364).

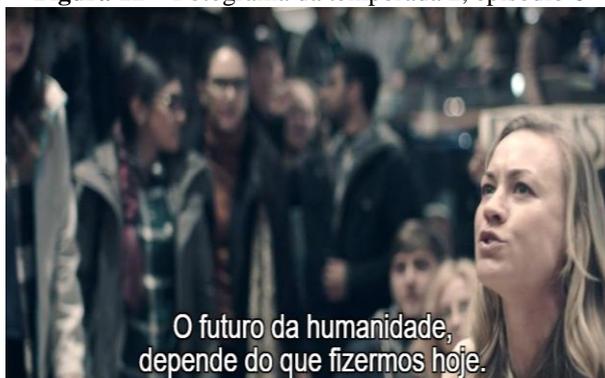
Isso posto e voltando aos dispositivos de segurança citados anteriormente, se o objetivo destes, que funcionam no interior do exercício de poder biopolítico, é administrar os perigos em relação à vida da espécie humana, e se eles capturam aspectos como uma crise de determinado fenômeno, é necessário que se construa uma narrativa que apresente

algo inaceitável em tal fenômeno, a fim de que rapidamente se crie uma nova estratégia de organização que o coloque entre o aceitável e o ótimo. Desta maneira, assistindo ao episódio 6 da segunda temporada de *The handmaid's tale*, o qual apresenta os momentos que antecedem o golpe teocrático, podemos analisar como a diminuição da taxa de natalidade foi construída como uma crise e como isso gerou insegurança e instabilidade, para que, logo em seguida, um dispositivo de poder viesse para reestabelecer a ordem necessária ao funcionamento da sociedade. Vejamos:

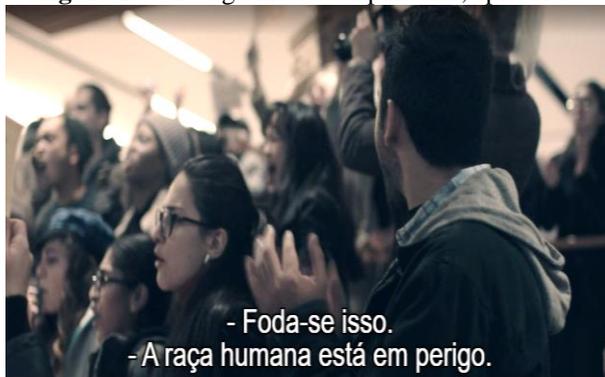
**Figura 11** – Fotograma da temporada 2, episódio 6



**Figura 12** – Fotograma da temporada 2, episódio 6



**Figura 13** – Fotograma da temporada 2, episódio 6



**Figura 14** – Fotograma da temporada 2, episódio 6



Para entendermos as práticas de poder e resistência na série e para, neste caso mais específico, entender como a fertilidade surge como uma urgência histórica a partir da qual vai se construir toda a maquinaria de poder-saber presente em Gilead, mostra-se necessário utilizar fotogramas que não estão na primeira temporada. Nos quatro fotogramas acima, que são da segunda temporada, vemos a personagem Serena Joy apresentando seu livro *A womans place* em uma universidade. Nas falas da personagem, podemos observar a utilização da estatística da diminuição das taxas de natalidade. Logo em seguida, ela fala que o futuro depende do que fizemos hoje, que a raça humana está em perigo e que é necessário que as pessoas da sociedade aceitem os seus destinos biológicos. Dito isto, a utilização desses discursos articulados não acontece de maneira aleatória. É justamente com a articulação entre eles que podemos enxergar a construção discursiva de uma crise, pautada na problemática da natalidade.

Serena primeiramente utiliza o enunciado “a taxa de nascimentos saudáveis caiu 61% nos últimos 12 meses” para viabilizar e visibilizar, utilizando a ordem discursiva da matemática, a problemática. Este dado estatístico, além de ser visibilizado, precisa ser analisado pelo dispositivo de segurança e logo em seguida precisa ser colocado como acima do aceitável para que se torne uma crise a ser superada. Neste caso, vemos como os saberes, ao mesmo tempo em que são produzidos por este dispositivo, condicionam-no. A partir desta informação, o dispositivo de poder presente no território dos Estados Unidos começa a criar estratégias para organizar esse fenômeno e colocá-lo, novamente, dentro do limite aceitável.

As Figuras 12 e 13 apresentam o modo como, depois da apresentação da taxa, Serena constrói, discursivamente, um perigo em relação a ela. A taxa não é meramente ilustrativa; ela tem a sua função no encadeamento discursivo, dá corpo ao perigo, apresenta o perigo, possibilita a emergência de uma crise. É a partir da estatística que a

personagem fala que o futuro daquela sociedade depende do que fazemos hoje e, além disso, que a raça humana está em perigo. O enunciado que apresenta os “61%” serve para endossar o efeito de sentido de perigo que está no pano de fundo dos enunciados de Serena. Este encadeamento discursivo é um exemplo do que Foucault (2008) vai chamar de um fenômeno circular de disparada, que constitui e concretiza a crise e que só pode ser freada por um mecanismo superior, no caso da série, com o golpe teocrático.

Dito isto, podemos analisar que a problemática da fertilidade foi construída discursivamente como uma crise. Tratou-se de um fenômeno que estava fora dos limites aceitáveis e que, portanto, precisou que um mecanismo, superior à disparada de discursos e das práticas, fosse fabricado para frear esse perigo. Dentro de um espaço de tempo estrategicamente selecionado, com a apresentação do livro de Serena, com algumas articulações políticas, com os deslocamentos dos dispositivos de segurança, com a importância da taxa de natalidade para o biopoder e com a articulação com o saber religioso, novas práticas de governamentalidade foram concretizadas e, a partir disso, iniciou-se uma sociedade baseada na escravização de mulheres férteis para responder à crise produzida pelo perigo de não nascerem mais crianças.

A este respeito, partindo das discussões empreendidas por Foucault tanto em *A arqueologia do saber*, quanto em *Vigiar em punir*, Deleuze (2005, p. 48) nos diz que “não há modelo de verdade que não remeta a um tipo de poder, nem saber ou sequer ciência que não exprima ou não implique um ato, um poder se exercendo. Todo saber vai de um visível a um enunciável, e inversamente”. Em relação a isso, vemos que não aconteceria de outra maneira no interior da sociedade de Gilead. Aliás, nenhuma sociedade é capaz de escapar dos pontos de encontro entre o saber e o poder, muito menos das práticas que esses movimentos produzem, organizam e disseminam. O saber religioso, entrelaçado aos saberes produzidos pelo patriarcado, pelo racismo, pelas relações de classe, pelas questões de sexualidade, estão selecionando, reproduzindo, reordenando e controlando as práticas de poder e existência que recaem sobre os corpos das personagens da série, principalmente sobre os corpos das mulheres. Este é um aspecto tão forte de Gilead que a escravização de mulheres férteis, construída como necessária para a superação da “crise” de fertilidade, baseia-se, e por ele é legitimada, no versículo da bíblia que apresentamos anteriormente.

O problema de fertilidade é a crise que precisa ser superada mundialmente na distopia presente na série. Com a utilização do versículo e dos trechos bíblicos construídos como discurso verdadeiro, o regime de poder-saber de Gilead parte deles para

criar a necessidade de que todos os corpos precisam passar por disciplinas para que se tornem dóceis e obedeçam às leis de Deus, que também são as leis do Estado. Tudo isso com a justificativa de que a crise precisa ser superada urgentemente: a crise que foi construída unicamente para legitimar o golpe teocrático. O saber religioso foi disseminado e acontecimentalizado, historicamente, como um dogma. Dessa maneira, é um saber inquestionável; ou se acredita nele, ou não, ou se obedece a ele, ou não. Na série, portanto, o temor e o respeito a Deus são massificados na sociedade para que os corpos não resistam e tão somente entrem nos jogos dos poderes necessários para a maquinaria concreta alcançar seus objetivos dentro do dispositivo materializado em Gilead. Para tanto, desde o primeiro capítulo da série, vemos as mulheres sendo disciplinadas em rituais que não só ensinam de que maneira elas têm que se comportar em cada momento do ritual, como também mostram como as práticas estão ancoradas em saberes que as legitimam ao tempo que a produzem. Vejamos:

**Figura 15** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



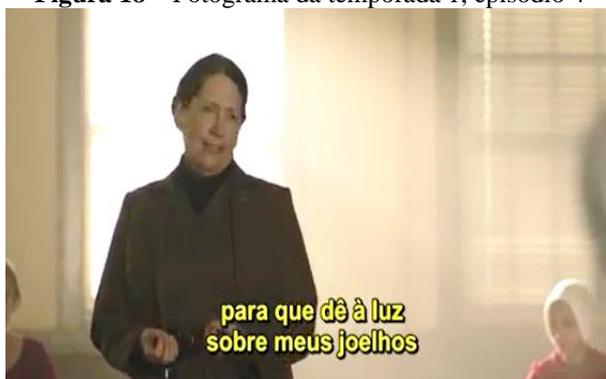
**Figura 16** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



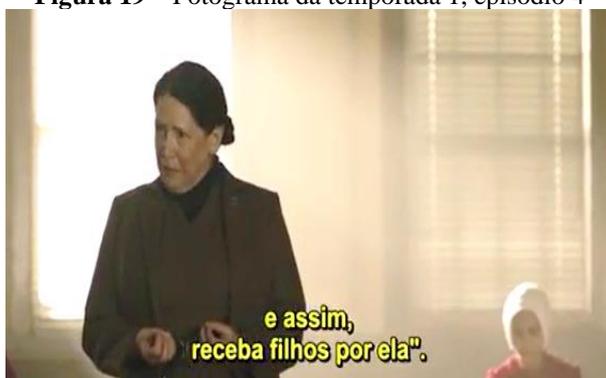
**Figura 17** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 18** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 19** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 20** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 21** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



Nas Figuras apresentadas acima, podemos enxergar como há, em Gilead, uma maquinaria de poder preocupada em disciplinarizar os corpos não só para que obedecem às leis de Deus sem questioná-las, mas para que cumpram, também, todo o comportamento ditado pelo Estado e pelas relações de poder capilarizadas na sociedade. Na Figura 15, as *aias*, personagens que apresentamos anteriormente, estão umas entre as pernas das outras para que assim aprendam de que maneira devem se comportar na cerimônia. É neste ritual que as mulheres são estupradas, em seus dias férteis, pelos *comandantes*, para que engravidem e gerem crianças para Gilead. Nota-se que todo o discurso presente no versículo bíblico é seguido à risca pelas *tias* e pelas *aias*: as primeiras ensinando e as segundas obedecendo. Percebe-se também a organização panoptical (FOUCAULT, 2014a) dos ensinamentos dos rituais. Organizadas desta maneira, em círculo, não só as *tias* são capazes de vigiar todas, mas umas vigiam as outras muito mais facilmente. Neste diagrama de poder, notamos como ele está capilarizado em todos os olhares, não só da torre central, personificada nas *tias*, mas em todas as outras mulheres também. Assim, não há como fugir da vigilância, apenas aceitá-la como irredutível.

Não apenas o versículo do qual a premissa da série parte é disseminado na sociedade de Gilead. As ideias conservadoras historicamente massificadas pela Igreja e pelo saber religioso também produzem as práticas presentes nesse lugar. As questões de gênero, de etnia, de classe: tudo é atravessado pelos saberes cristalizados como divinos. Ou seja, todos os papéis sociais das personagens são atravessados e determinados pelo que a bíblia permite, com as adaptações necessárias ao sistema vigente. Desta maneira, as mulheres são docilizadas dentro da norma que, ao longo das discontinuidades e continuidades da história, a igreja produziu e disseminou.

As *aias* são objetificadas a ponto de se tornarem apenas úteros para reproduzirem crianças dos *comandantes*. Assim, fica evidente que os discursos patriarcais e religiosos

andam de mãos dadas no que diz respeito às questões de reprodução das mulheres. As *esposas*, apesar de não serem colocadas no patamar de objetos, pertencem ao espaço privado, não podem ler, não podem fazer parte da criação de leis etc. Restam para elas as atividades de costura, jardinagem, pintura. Nenhuma atividade política é permitida. Ou seja, as *esposas* não são escravizadas, mas não estão participando da produção de práticas de poder. Pelo menos não daquelas que são determinadas como leis. As *marthas*, tampouco. Estas desempenham função de governantas. Logo, as atividades mais pesadas da casa são de responsabilidade delas. Vejamos uma cena sintomática desta discussão sobre o saber religioso e as práticas de poder em relação às questões de gênero que ele produz e dissemina:

**Figura 22** – Fotograma da temporada 1, episódio 6



**Figura 23** – Fotograma da temporada 1, episódio 6



**Figura 24** – Fotograma da temporada 1, episódio 6



**Figura 25** – Fotograma da temporada 1, episódio 6



Os fotogramas acima apresentam um diálogo entre a embaixadora Castillo do México e a personagem Serena Joy. Ele começa com a primeira perguntando à *esposa* se quando ela pensou, lutou e construiu a ideia de um feminismo doméstico – presente no seu livro *A womans place* –, e quando concretizou, junto com seu marido e os apoiadores, o golpe teocrático nos Estados Unidos, pensou que a sociedade se construiria da maneira como se consolidou: tirando os direitos das mulheres e escravizando-as sexualmente. Nesta cena, é visível o desconforto da personagem e das mulheres não só com o questionamento, mas com a presença de uma embaixadora mulher. Pois em Gilead, jamais uma personagem desse gênero poderia ocupar um espaço de poder tão importante. Além disso, no decorrer do take, é inegável que as *esposas*, mesmo docilizadas, também não estão confortáveis com algumas práticas de poder presentes no interior da maquinaria acionada pelo governo teocrático.

Com o confronto estabelecido entre a embaixadora e as personagens femininas enquadradas na cena em questão, podemos enxergar uma resistência, mesmo que microfísica, aos novos saberes e aos novos poderes que, inclusive, fugiram do controle da própria mentora intelectual do movimento, a qual sofreu com o golpe de uma maneira que nem ela imaginou. Foi retirado de Serena, assim como das outras mulheres, o direito de pensar, de estudar, de escrever, de ler. Ou seja, de exercer qualquer atividade intelectual, pois mulher não deve pensar. A elas restam as emoções e as atividades que se relacionam com estas.

Denise Gabriel Witzel (2020), no artigo *Cortem-lhe a cabeça: a atualidade desse enunciado mutilando corpos de mulheres e subjetividades*, apresenta uma análise arqueogenealógica do enunciado “cortem-lhe a cabeça”, presente na obra carrolínea *Alice no país das maravilhas*. Uma das análises empreendidas por esta autora apresenta como o ato de proibir as mulheres de ler, de produzir literatura ou de concretizar outras

atividades relacionadas à intelectualidade é um fenômeno que se relaciona ao enunciado analisado por ela. A proibição é uma atualização, mesmo que simbólica, do “cortem-lhe a cabeça”. Além disso, ela surge, ao mesmo tempo em que se sustenta, do interior de um dispositivo patriarcal que historicamente determinou que homens são os seres racionais, portanto, são os corpos que podem pensar, produzir saberes, usufruir das artes, pensar sobre elas, refletir sobre as leis e seus efeitos.

Por outro lado, as mulheres são os seres emocionais e a elas restam as atividades que não necessitam da racionalização e do pensamento. Tal reflexão converge com Simone de Beauvoir (2016, p. 11) quando ela diz que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Dessa maneira, não é da ordem do natural que homens sejam racionais e mulheres emocionais. É da ordem do discurso, das práticas discursivas, das relações de poder produzidas pelo patriarcado. E a série concretiza esses aspectos costurando-os à maquinaria concreta presente em Gilead.

## CAPÍTULO II – AS RELAÇÕES DE PODER EM *THE HANDMAID’S TALE*

Aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um dos seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito de poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu.

[Michel Foucault, **Microfísica do poder**, 2015b, p. 183-184.]

Neste capítulo, faremos uma análise do modo como os poderes funcionam no interior de Gilead. Apresentaremos o que Foucault reflete sobre a soberania e logo em seguida analisaremos alguns fotogramas que demonstram como as técnicas dessa modalidade de poder se exercem sobre os corpos das personagens da série. Em um segundo momento, falaremos sobre as disciplinas e descreveremos de que maneira elas se concretizam nos indivíduos da sociedade presente na narrativa. Em seguida, falaremos como a máxima do poder biopolítico faz viver e deixa morrer os sujeitos de Gilead, controlando e organizando a população para a superação da crise de fertilidade.

### 2.1. “FAZER MORRER E DEIXAR VIVER”: O PODER DE SOBERANIA EM *THE HANDMAID’S TALE*

Nas suas reflexões sobre o poder, Michel Foucault teceu um pensamento que vai ao encontro da ideia segundo a qual, nas sociedades ocidentais, a elaboração de um saber jurídico se estabeleceu em torno do poder real. Foi por desejo desse poder real que o “edifício jurídico” foi elaborado (FOUCAULT, 2015b, p. 280). E, por mais que afetados pelas discontinuidades intrínsecas ao tempo histórico, a ordem do saber-poder jurídico ainda guarda em si influências dessa relação anterior. Desse modo, apesar da monarquia e suas ramificações terem sido legalmente superadas, é inegável que as marcas dessas relações discursivas, práticas de poder, regimes de verdade produzidos, movimentados, deslocados e massificados por esse tipo de ordem, deixaram heranças para as sociedades ocidentais.

Pensar, portanto, em um poder soberano, é necessariamente mergulhar no mar de redes construídas, articuladas e consolidadas pela ordem estabelecida entre o direito-poder-realeza. É o rei, sustentado e legitimado pelo dispositivo jurídico e, na grande maioria das vezes, pelo regime de verdade dos saberes do divino, que está no centro das

relações de poder e de qualquer prática discursiva possível (ou não) na sociedade na qual ele exerce suas técnicas e mecanismos soberanos.

Dessa maneira, a máxima “fazer morrer e deixar viver” salta aos olhos de maneira menos opaca. Se é do rei toda e qualquer decisão e se ela será necessariamente legitimada pela ordem do direito, a vida e a morte, neste exercício, deixam de fazer parte, exclusivamente, do campo da biologia e passam por um processo que Foucault (1999) chama de “estatização do biológico”. Ao contrário do processo de biologização de práticas sociais, presentes principalmente nas socializações dos corpos no que diz respeito ao gênero, por exemplo, nas reflexões genealógicas empreendidas por Foucault, depreende-se uma tentativa de estatização de aspectos que deveriam permanecer no interior da ordem do natural.

Nesse caso, Foucault direciona nosso olhar para o fato de que a vida e a morte, no exercício do poder soberano, já não dizem respeito apenas a fatos biológicos do corpo humano, mas que estão inseridos nas redes do poder político. Em *The handmaid's tale*, o Estado Teocrático de Gilead tem o direito de matar os sujeitos indóceis. Como se sabe, não é a partir da morte que o dispositivo de poder se estrutura, mas, principalmente, a partir da vida, tendo em vista que o objetivo principal do golpe instaurado nesta sociedade é aumentar a taxa de natalidade através da escravização de mulheres férteis. Apesar disso, o “fazer morrer” da soberania está presente em Gilead porque o Estado faz morrer os corpos indóceis e espetaculariza essa prática para servir de exemplo para outros sujeitos que se recusem a promover a vida nos moldes determinados. Em Gilead, faz-se morrer para que se faça viver.

Vejamos alguns fotogramas a seguir:

**Figura 26** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 27** – Fotograma da temporada 1, episódio 2**Figura 28** – Fotograma da temporada 1, episódio 7

Apesar da máxima da soberania ter sido invertida pela biopolítica, como nos aponta Foucault e conforme veremos adiante, a série nos apresenta, em algumas cenas, que a sua relação com a morte nem sempre é através do “deixar morrer” do biopoder. *The handmaid's tale* traz à baila a maneira como o exercício de uma modalidade de poder não vem para acabar por completo com aquela predominante anteriormente, nem tampouco negá-la, mas tão somente atualizá-la e penetrá-la a fim de produzir outras técnicas e mecanismos que sirvam mais produtivamente às urgências históricas.

Gilead é uma sociedade sobretudo biopolítica, que nasce a partir de uma necessidade, construída discursivamente, de promoção da vida. Essa característica deveria afastar o “fazer morrer” do poder soberano, haja vista que em uma sociedade na qual a vida é o objetivo de todas as práticas de poder, a morte deveria ser apenas o ponto cego, o acontecimento que escapa ao exercício, a margem do dispositivo de poder. Entretanto, o que vemos na série é que o Estado Teocrático ainda carrega em si a autorização de fazer morrer. Esta não segue, à risca, os moldes da soberania. Gilead não exerce seu poder sobre a vida porque pode fazer morrer. A morte não determina as regras da relação entre esses processos mais ou menos naturais. Pelo contrário, o “fazer morrer” emerge na série quando os sujeitos se negam a servir às práticas que promovem a vida. Ou seja, o “fazer morrer” se ancora no “fazer viver”. E, por este motivo, o Estado constrói

a morte como uma prática que eventualmente precisa acontecer para que a vida seja protegida e disseminada.

Dito isto, podemos observar como os processos naturais e biológicos da vida, da morte e afins param de seguir o curso natural para entrar em relações de poder bem articuladas, sobretudo discursivamente. Ou seja, os corpos estão submetidos aos exercícios de poder produzidos e disseminados pelo Estado Teocrático que determina, no caso das técnicas da soberania, quem deve morrer e o motivo pelo qual se deve matar. Nas imagens acima, podemos observar corpos enforcados colocados em lugares estratégicos para servirem de exemplo para os sujeitos que eventualmente pensem em desobedecer às regras impostas pelo sistema vigente. Aqui podemos enxergar o “fazer morrer” característico do poder soberano. No caso de Gilead, seguindo outra norma e práticas de poder, a morte só pode acontecer porque aquele sujeito se nega a disseminar vida. Ou melhor, acontece porque ele está fora das normas impostas como verdade para que a taxa de natalidade aumente. Constrói-se uma verdade para justificar aquele assassinato.

Na Figura 27, as *aias* estão observando um corpo enforcado ser erguido pelos guardiões para que fique na linha de cima da visão de todos os sujeitos de Gilead. Ou seja, não é simplesmente exercer sobre o corpo o “fazer morrer”; mas principalmente fazer com que ele sirva de exemplo para os outros sujeitos. O corpo espetacularizado funciona como um mecanismo de docilização do dispositivo de poder presente na série.

A morte deveria ser um processo natural da vida, um fenômeno que deveria ser cada vez mais ludibriado, evitado, controlado, principalmente em uma sociedade cuja premissa é promover a vida. Entretanto, Gilead insere a morte em novas relações de poder que determinam de que maneira os corpos têm que se comportar e quem foge dessa norma tem que sofrer com as consequências do “fazer morrer”. Ou seja, os processos mais ou menos naturais da vida estão cercados de saberes e poderes capazes de modificar seu curso biológico. A presença do verbo “fazer” visibiliza o fato de que é necessário um sujeito para que essa ação seja feita, no caso, o sujeito é o Estado e a ação é a morte que deve ser evitada, mas, eventualmente, não.

## **2.2. O PODER DISCIPLINAR: RECURSOS, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS**

Segundo Foucault, “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma

relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (2014a, p. 133). Muitos processos disciplinares, ressalta Foucault, já estavam presentes no interior de algumas instituições há bastante tempo, como nos conventos, nos exércitos, nas oficinas etc. Entretanto, foi no decorrer dos séculos XVII e XVIII que as disciplinas e suas técnicas de docilidade-utilidade operacionalizaram regras gerais de dominação dos corpos, tomando-os como alvo de uma rede de poderes interessados na fabricação de corpos dóceis e úteis.

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 2014a, p. 135).

As disciplinas, segundo Foucault (2014a), operadas a partir de um dispositivo de poder, têm a capacidade e o objetivo último de aumentar as forças do corpo, de torná-lo cada vez mais útil ao sistema vigente. De modo inverso, mas não paradoxalmente, essas mesmas disciplinas possuem ainda a capacidade de diminuir as forças dos corpos a partir da necessidade, essencial, de sua docilidade e obediência. É uma lógica paradoxal perfeita para as relações de poder: dissocia-se o poder e o corpo. Ou seja, enxerga-se um poder como habilidade, capacidade, qualidade e, dessa maneira, operacionaliza-se sua manutenção e sua capacidade de aumentar os pontos positivos, mas, ao mesmo tempo, restringe-se a energia advinda disso e a transforma em uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 2014a). A coerção disciplinar produz um corpo no qual se exerce o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada, cuja finalidade última é a docilidade.

É dócil, segundo Foucault, “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Em qualquer sociedade, acrescenta, “o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (2014a, p. 132). Trata-se de esquemas de coerção que, se não emergem como absoluta novidade no século XVII, haja vista a descoberta do corpo como objeto e alvo do poder já na época clássica, não representam, também, uma simples continuação do que já se havia estruturado. Entre a época clássica e a modernidade, os esquemas de docilidade produziram descontinuidades naquilo que concerne: i) à escala

do controle, na medida em que já não se tratava de cuidar do corpo enquanto massa, mas de individualizá-lo e de trabalhar detalhadamente seus movimentos e sua agilidade; ii) ao objeto do controle, haja vista a atenção direcionada não aos elementos significativos do comportamento, mas, antes, à sua produtividade, ao êxito alcançado, isto é, à economia de seus gestos; iii) e à modalidade do controle, que agora se manifestava ininterruptamente, numa coerção constante.

É com vistas a tal agenciamento, cuja finalidade seria a vigilância e o consequente adestramento dos corpos, que o poder disciplinar lançará mão de uma série de recursos, entre os quais figuram “a arte das distribuições”, a “composição das forças”, a “vigilância hierárquica”, a “sanção normalizadora”, o “exame” e o “panoptismo”. O primeiro deles, a **arte das distribuições**, trabalha pelo ordenamento dos indivíduos no espaço e pressupõe a utilização de instrumentos como a cerca, o quadriculamento, as localizações funcionais e a posição de cada sujeito na fila. Trata-se de uma distribuição necessária para que cada corpo seja vigiado por todos – ou pelo menos por certo número de pessoas – e, com isto, execute seu treinamento da maneira mais eficiente possível, alcançando a docilidade-utilidade necessária ao sistema.

O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. (FOUCAULT, 2014a, p. 138)

Na arte das distribuições, importa localizar cada sujeito em seu devido lugar, determinar as ausências e as presenças, estabelecer as localizações funcionais e permitir que só se instaurem comunicações úteis, fazendo com que todas as outras sejam necessariamente interrompidas. O intuito é que se possa, a cada instante, vigiar o comportamento dos sujeitos, apreciá-lo, sancioná-lo e disso extrair suas qualidades e méritos. São procedimentos para conhecer, dominar e utilizar: a disciplina organiza um espaço analítico (FOUCAULT, 2014a).

A essa distribuição vem somar-se o recurso que transforma a unidade em coletividade: a **composição das forças**. Trata-se de converter os indivíduos em uma espécie de máquina que funciona de modo orquestrado, numa configuração que garante não apenas a produtividade de cada elemento, mas também a produtividade do conjunto. O poder disciplinar, nesse sentido, não é simplesmente a arte de repartir os corpos, mas é, principalmente, a arte de compor forças, cuja finalidade é obter um aparelho eficiente

e, por isso, capaz de engendrar movimentos coletivos de docilidade-utilidade sem renunciar à anatomia do detalhe. Para tanto, pressupõe-se: i) que o corpo individual se torne um elemento que pode ser articulado com outros – isso é, o sujeito se torna um corpo-segmento no interior de uma máquina que necessariamente precisa que todas as forças estejam alinhadas e preparadas para fazê-la funcionar; ii) que as várias séries cronológicas que a disciplina combina em um tempo composto figuram também como peças dessa máquina, haja vista que sua economia depende de o tempo de uns se moldarem ao tempo de outros; iii) que essa combinação de forças carrega a necessidade de um sistema de comando, a fim de que seja expresso ativamente o comportamento almejado.

Dito isso, pode-se inferir que “O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 2014a, p. 167). Os indivíduos são, assim, objetos e instrumentos de seu exercício, sobre os quais recaem o funcionamento de recursos disciplinares específicos: além da “arte das distribuições” e da “composição das forças”, são também recursos disciplinares a “vigilância hierárquica”, a “sanção normalizadora”, o “exame” e o “panóptico”.

A **vigilância hierárquica** atende à exigência de um dispositivo que obriga os indivíduos ao adestramento por meio de um jogo do olhar: trata-se de tornar visível a parcela da sociedade sobre quem o poder se exerce e de certificar, justamente pela visibilidade, seu efeito. A vigilância é, assim, um instrumento decisivo para a economia do poder disciplinar, operando uma rede de relações que fluem de cima para baixo, mas também de baixo para cima e lateralmente, uma vez que importa à sociedade disciplinar que todos sejam vigiados e controlados por todos. O poder, na vigilância hierarquizada, funciona como uma máquina que se traduz por um olhar coercitivo constante: uma rede de visibilidades que constrange o conjunto e o atravessa, fazendo com que todos permaneçam perpetuamente fiscalizados por todos.

Como resultado possível, embora não desejado, da vigilância hierárquica, o poder disciplinar opera uma **sanção normalizadora**: “Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal” (FOUCAULT, 2014a, p. 175). Elas penetram os espaços vazios deixados pelas leis do ordenamento jurídico, qualificam e reprimem um certo número de comportamentos que são indiferentes aos grandes sistemas penais. Como o próprio nome já sugere, as sanções normalizadoras, ou seja, as punições dos sistemas disciplinares possuem a função de silenciar os desvios, de colocar

os corpos desviantes novamente na norma. É, portanto, um instrumento essencialmente corretivo, para que dessa maneira se naturalizem as noções de certo ou de errado, de bom e de mau comportamento, de regras a seguir, etc. A punição, assim, funciona como uma dupla função: gratificação-sanção. Pune-se para ensinar e, além disso, para dar o exemplo. Pune-se porque houve um desvio do controle que visa a uma melhoria dos corpos relacionada à sua produtividade.

O **exame**, por seu turno, reúne as técnicas dos dois instrumentos anteriores: “É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados” (FOUCAULT, 2014a, p. 181). O exame determina um processo de espetacularização que silencia os desvios, que obriga os corpos a lembrarem com exaustão dos treinamentos minuciosos pelos quais passaram: demonstra-se a força de cada segmento e estabelece-se sobre ele a verdade, relacionando a formação de um saber ao exercício do poder. É por meio do exame que a individualidade dos corpos entra em um campo documentário, haja vista que seu resultado é um levantamento de anotações acerca dos detalhes e das minúcias que se dão a ver no cotidiano dos indivíduos: o esforço, as aptidões e as capacidades de cada um. O intuito é transformar cada indivíduo em um caso a ser descrito, analisado, comparado, classificado e, se necessário, excluído.

O **panóptico**, por fim, é uma figura arquitetural concebida no século XVIII pelo filósofo utilitarista e jurista inglês Jeremy Bentham. Trata-se de um projeto que concretiza técnicas de vigilância capazes de produzir corpos dóceis apenas pela ameaça de sua visibilidade:

Na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atrevesando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recontando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. (FOUCAULT, 2014a, p. 194).

No panóptico, cada indivíduo está isolado em sua cela, cuja abertura frontal coincide com a torre do vigia, de onde é visto, mas não vê, tornando-se sempre objeto de uma informação, mas jamais sujeito de uma comunicação com os demais internos. É essa

a garantia de ordem oferecida pelo projeto: pela impossibilidade de interação entre os que estão enclausurados, anula-se a possibilidade de complôs, de evasões, de más influências, de violências de toda ordem. Ao contrário disto, tal arquitetura – polivalente em suas aplicações, uma vez que se pode concebê-la como prisão, como escola, hospital, exército etc. – demonstraria, de modo exemplar, o funcionamento de uma sociedade disciplinar no interior da qual os indivíduos internalizam uma dada forma de poder que os obriga automaticamente a um bom comportamento apenas pela sensação de estarem sendo continuamente observados: no anel periférico, se está totalmente visível sem que nunca se veja. Em contrapartida, da torre central, tudo se pode ver sem que jamais se possa ser visto. É nesse sentido que o panóptico inverte a lógica da masmorra, uma vez que, apesar de aprisionar, não esconde o prisioneiro da luz, mas o expõe a ela, torna-o visível a fim de que a sensação de vigilância se concretize com mais força: a visibilidade é uma armadilha capaz de docilizar o corpo (FOUCAULT, 2014a).

Quando Foucault define o Panoptismo, ora ele o determina concretamente, como um agenciamento óptico ou luminoso que caracteriza a prisão, ora abstratamente, como uma máquina que não apenas se aplica a uma matéria visível em geral, mas atravessa geralmente todas as funções enunciáveis. A fórmula abstrata do Panoptismo não é mais, então, “ver sem ser visto” mas impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer. (DELEUZE, 2005, p. 43).

Assim, quando se fala em poder disciplinar, estamos falando de um poder que vigia, que submete, que hierarquiza e que visibiliza os corpos na tentativa de torná-los cada vez mais dóceis e úteis. Trata-se de uma modalidade de poder que, segundo Foucault (2014a), é fruto das exigências colocadas por um certo número de processos históricos: i) a princípio, a grande explosão demográfica do século XVIII, que alterou substancialmente o quantitativo dos grupos que deveriam ser manipulados, como a população escolar, a população hospitalar ou ainda o exército; ii) do mesmo modo, o crescimento dos aparelhos de produção, que se tornavam cada vez mais complexos e onerosos, e cuja rentabilidade era preciso fazer crescer; iii) e por fim, o crescimento de uma economia capitalista, que reclamou as técnicas disciplinares na submissão das forças e dos corpos.

Dito isto, passemos, agora, a uma análise do funcionamento dessas técnicas disciplinares na série *The handmaid's tale*, nosso objeto de pesquisa.

### 2.2.1. O PODER DISCIPLINAR EM *THE HANDMAID'S TALE*

Conforme já dissemos anteriormente, a crise de fertilidade funciona, em *The handmaid's tale*, como uma urgência histórica que possibilita a emergência e a concretização de um dispositivo de poder que elege a Igreja como principal fonte produtora e reguladora das relações de saber e de poder. Tal dispositivo emerge de uma preocupação biopolítica, é verdade – preocupada em regular os processos naturais, inclusive a taxa de natalidade –, mas busca no poder disciplinar os instrumentos a partir dos quais pode atender às exigências de controle e de vigilância que então se estabelecem. É a partir dessa urgência que nasce a necessidade de operar o funcionamento de uma sociedade disciplinar capaz de manipular o homem-corpo de maneira individualizada, para que através do seu treinamento ininterrupto, através da vigilância contínua e de eventuais punições, os sujeitos, mais particularmente, aqui, as mulheres, sejam úteis ao Estado Teocrático.

Desde o primeiro episódio da série, entramos em contato com cenas esteticamente perfeitas, capazes de apresentar detalhadamente os rituais, os treinamentos, as práticas disciplinares que estão, a todo momento, determinando lugares para os sujeitos e sobretudo para as *aias*, protagonistas do enredo. Depois do golpe e do consequente sequestro dessas mulheres férteis, elas começam a ter aulas sobre o modo como devem se comportar na nova sociedade. Para tanto, torna-se necessário, como nos diz Foucault (1999) e como bem nos mostra a série, que o poder não incida sobre esses corpos de maneira muito violenta, a fim de evitar uma resistência igualmente enérgica. É nesse sentido que a narrativa constrói uma positividade para o sujeito que é atravessado por essas relações: cria-se a ideia de que a fertilidade dessas mulheres é uma dádiva divina, motivo pelo qual sua utilização em obediência ao sistema teocrático lhe reservaria muitas bençãos.

De modo geral, a narrativa apresenta uma sociedade presa no interior de poderes muito estratégicos e capazes de silenciar, em muitas aspectos, os lugares de resistência. Primeiramente, têm-se as cores. Cada classe social faz uso, como foi apresentado no capítulo anterior, de apenas uma única cor: as *esposas* usam verde, os *comandantes* usam preto, as *marthas* usam cinza e as *aias* usam vermelho. Dessa maneira, os *olhos* e os *guardiões* são capazes de identificar rapidamente cada peça dessa sociedade e colocá-la em sua localização estratégica com mais facilidade. A cor determina, neste sentido, em

que lugar cada sujeito deve estar. Sobre essas cores e principalmente sobre a distribuição estratégica que delas decorrem, vejamos alguns fotogramas:

**Figura 29** – Fotograma do episódio 1 da temporada 1



**Figura 30** – Fotograma do episódio 1 da temporada 1



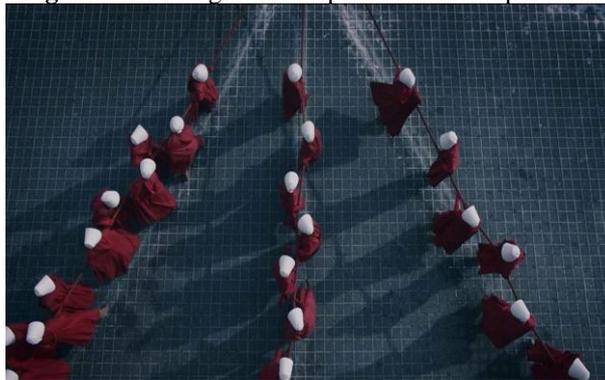
**Figura 31** – Fotograma do episódio 1 da temporada 1



**Figura 32** – Fotograma do episódio 1 da temporada 1



**Figura 33** – Fotograma do episódio 7 da temporada 3



Segundo Foucault (2014a), para que seja extraído do corpo sua máxima docilidade-utilidade, é necessário, primeiramente, seu estratégico posicionamento no espaço. O que a série nos mostra, nestas imagens, é justamente o modo como, de fato, a localização milimetricamente determinada para cada sujeito importa ao poder disciplinar, não apenas quando se trata de cenários em que as personagens aparecem paradas, mas ainda nas cenas em que aparecem em trânsito. Um exemplo disso é o fato de que as *aias* só podem andar de duas em duas, com os olhos voltados para baixo. Além disso, é necessário que andem no mesmo ritmo e que façam sempre fila em caso de eventos importantes. O gesto, o sorriso, os olhos, as mãos, o cabelo, todo movimento passa por um treinamento, a fim de que seus corpos sejam fabricados de maneira eficiente e de que internalizem as normas. Neste caso, seus corpos entram em uma maquinaria de poder que os manipula, treina e desarticula, recompondo-os de modo adverso. Assim, não basta que se faça *o que* está determinado, mas é preciso, do mesmo modo, que se faça *como* está determinado.

Todos os rituais produzidos no interior da série têm sua origem no controle do movimento, na localização funcional, na capacidade de distribuir os corpos, para que a vigilância e o poder atravessem e sejam milimetricamente disseminados para todas as personagens. Nas imagens anteriormente apresentadas, um dos fatores disciplinares mais marcantes, para além das cores, é o posicionamento de cada mulher no interior dos rituais. Cada passo é construído de maneira consciente: as mãos são perfeitamente localizadas (ora na frente, ora atrás), as mulheres são esquadrihadas de maneira a construir uma imagem geométrica perfeita, os takes, os closes, o movimento da câmera, a construção fotográfica da narrativa cinematográfica se mostra capaz de apresentar a disciplina enquanto anatomia do detalhe (FOUCAULT, 2014a). Uma anatomia essencial para a República de Gilead.

Mas a disciplina não se concretiza apenas através da arte de repartir os corpos e de extrair-lhes toda a sua capacidade útil; a disciplina se concretiza também, e principalmente, pela composição das forças orquestrada em prol da obtenção de um aparelho eficiente. É próprio do poder disciplinar a necessidade de criar “uma máquina cujo efeito será elevado ao máximo pela articulação combinada das peças elementares de que ela se compõe” (FOUCAULT, 2014a, p. 161). Nessas mesmas imagens, é possível analisar que há, de fato, a construção de uma máquina cuja eficiência se dá a partir da composição da força extraída do conjunto dos corpos das *aias*. A Figura 33, por exemplo, foi deslocada para essa análise, primordialmente focada na primeira temporada, porque ela concretiza técnicas que reiteram e exemplificam aspectos importantes para essa pesquisa. Ela é um recorte de uma cena na qual as *aias* são convocadas a executar uma *martha* desobediente. Nas três cordas de corpos que formam uma figura triangular, cada *aia* tem seu papel e carrega em si a força necessária para que a execução de fato aconteça. É necessário que todas as mulheres puxem a corda com a mesma força exatamente no mesmo momento para que a *martha* seja enforcada até sua morte. Ou seja, não se trata de extrair a força de apenas um corpo, mas tão somente de colocá-lo no interior de uma máquina de força que só funcionará com um trabalho conjunto e muito bem arquitetado. Nenhum gesto ou corpo pode escapar dos comportamentos necessários. Caso isso aconteça, o poder não se exercerá da maneira que necessita para o sistema de forças cujo objetivo é enforçar a *martha*.

Outro aspecto que está presente na série e é materializado nas imagens coletadas é a vigilância hierárquica. Em *The handmaid's tale*, assim como nos sistemas disciplinares, a vigilância é decomposta. Primeiramente, o *grande olho*, que ora se confunde com Deus, ora com o próprio Estado Teocrático, observa a todos. Na sequência, as *tias* – aquelas que têm a maior autoridade entre todas as mulheres –, disciplinam e vigiam a todos, elas estão no topo da hierarquia no que diz respeito às regras. A seguir, os *guardiões* trabalham para o governo e são responsáveis por vigiar os casais e as *aias* no âmbito privado. Assim, o que se tem, neste cenário, é o fato de que todos vigiam todos em relações microfísicas. A visibilidade é contínua e a vigilância é ininterrupta justamente mediante o medo das eventuais punições, que concretizam o princípio de que o sistema disciplinar perfeito precisaria apenas capacitar um único olhar para tudo ver permanentemente e através disto capilarizar esse olhar por todas as relações de poder. Nas imagens, é possível mapear os *guardiões* e as *tias* sempre por fora ou no centro da arquitetura geométrica criada pelos corpos das *aias*, vigiando-as continuamente.

No primeiro capítulo, apresentamos o fato de que os mecanismos e as técnicas de poder presentes em Gilead estão ancoradas em um saber religioso que historicamente produziu práticas em relação aos corpos dos sujeitos, principalmente das mulheres. Mostramos o versículo do qual a série parte para justificar a escravização de mulheres e demonstramos alguns takes do ensaio da cerimônia. Neste momento, vamos mostrar como o saber do versículo se transforma em ritual, em disciplina e o modo como a docilização presente no ensaio se ramifica para as casas dos *comandantes* e suas *esposas*. Vejamos algumas Figuras abaixo:

**Figura 34** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 35** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 36** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 37** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



Nos fotogramas acima, podemos observar como o Estado Teocrático, nas figuras de Tia Lydia e da sua assistente, fabricam corpos femininos para serem escravizados sexualmente em nome de uma benção divina que seria a fertilidade, ato teoricamente necessário para superar a crise de natalidade pela qual a sociedade estava passando. Essas imagens retratam o momento em que as *aias*, as mulheres de vermelho, ensaiam o ritual que se chama “cerimônia”, como fica evidente na Figura 37, que é o momento em que o homem da família estupra a *aia* em seu dia fértil, para que ela engravide e gere filhos para o casal dono da casa onde ela foi estrategicamente colocada. Neste momento, assim como em muitos outros, podemos enxergar a disciplina se exercendo sobre o corpo dessas mulheres.

E justamente sobre o fato de que são as mulheres, especificamente, o alvo de tais disciplinas, seria preciso fazer a seguinte ressalva: ao abordar o poder disciplinar, a discussão empreendida por Foucault (2014a) recai sobre corpos neutros ou masculinos, sem a marcação de gênero. No entanto, sabemos que as disciplinas se exercem sobre os corpos de maneiras diferenciadas. Se é no campo do detalhe, do individual, do homem-corpo que esse poder se concretiza e se o objetivo é fabricar corpos dóceis e produtivos para o sistema vigente, é necessário que as práticas disciplinares estejam atentas às características individuais dos sujeitos. É a partir daí que a autora Silvia Federici (2017) critica aquilo que seria, segundo ela, o ponto cego de Foucault: as disciplinas não se exercem da mesma maneira sobre os corpos femininos e masculinos. Há, sobre a sexualidade e a capacidade reprodutiva das mulheres, um peso peculiar e curioso no que diz respeito ao exercício das disciplinas, à fabricação de corpos e à sua docilidade.

Como destacamos, a análise de Foucault sobre as técnicas de poder e as disciplinas a que o corpo se sujeitou ignora o processo de reprodução, funde as histórias feminina e masculina num todo indiferenciado e se desinteressa pelo “disciplinamento” das mulheres, a tal ponto que nunca menciona um dos ataques mais monstruosos perpetrados na Era Moderna contra o corpo: a caça às bruxas. (FEDERICI, 2017, p. 19).

Ao analisarmos as imagens apresentadas anteriormente e ao observarmos a narrativa de *The handmaid's tale*, fica evidente o modo como o poder disciplinar está necessariamente interessado em controlar e organizar a capacidade reprodutiva das mulheres. Se nos perguntarmos por que esses sujeitos são escravizados sexualmente e não outros em seu lugar, concluimos que as disciplinas, construídas na série, estão ancoradas em discursos patriarcais e machistas, que é através desta vontade de verdade que elas controlam, docilizam, regulam e disciplinam os corpos femininos. A série, em alguns momentos da narrativa, faz-nos pensar que são os homens que estão ficando inférteis, entretanto, são as mulheres que continuam sendo escravizadas sexualmente e tendo seus úteros controlados pelas relações de poder e pelo Estado Teocrático. Neste ponto, é necessário concordar com Federici (2017) e adicionar a lente de gênero a nossas análises, principalmente no que diz respeito à reprodução, pois não é de maneira aleatória que os corpos femininos são escravizados. Há sobre eles, historicamente, relações de poder e saber que operaram necessariamente no controle de sua sexualidade e de sua existência.

Assim, o poder disciplinar é responsável, em todos os episódios, por disciplinar, docilizar, controlar e fabricar corpos femininos saudáveis e fortes para que as mulheres gerem filhos para as famílias ricas e importantes de Gilead. Nota-se que esse exercício é essencialmente atravessado por discursos patriarcais. É a partir dessa ordem discursiva do machismo que as mulheres deixam de ser sujeitos em sua completude e passam a ser apenas a sua capacidade de reproduzir. Neste ponto, também é necessário enxergar que as disciplinas que recaem sobre o útero feminino estão, necessariamente, ancoradas em discursos religiosos capazes de transformar a reprodução em algo divino e sagrado, reativando aspectos apresentados por Federici (2017). *The handmaid's tale* visibiliza, com isto, todo o discurso da mulher pecadora, de uma sexualidade perigosa etc, a partir do que é necessário que esses corpos sejam docilizados para que utilizem sua sexualidade apenas para fins reprodutivos.

Nos fotogramas, podemos ver, ainda, como os ensaios para a “cerimônia” não passam de técnicas disciplinares para que o corpo saiba ser produtivo em determinadas ocasiões. Os corpos estão sendo docilizados a partir da articulação de um saber religioso e de um exercício de poder disciplinar para que sejam produtivos para o sistema vigente, ou seja, para que saibam como se comportar para que filhos sejam gerados para seus *comandantes*. Cada gesto é fabricado, cada movimento é milimetricamente calculado para que aquele corpo junto aos outros dois funcionem como uma máquina de reprodução: as mulheres são estrategicamente localizadas entre as pernas de outras *aias* para que

saibam como se localizar quando estiverem na “cerimônia” de fato, entre as pernas das *esposas*.

Nas Figuras 34 e 36, podemos ainda notar um importante aspecto das disciplinas e das técnicas de poder que lhes são constitutivas: o panóptico. As imagens apresentam as *aias* posicionadas de maneira a criar um círculo. Essa posição não é construída de maneira aleatória: elas carregam em si o princípio do panóptico de Bentham, uma prisão apresentada e analisada por Foucault (2014a). Nos dois casos, a vigilância se capilariza de tal maneira que todas as *aias* são capazes de vigiar umas às outras, enquanto a vigilância hierárquica circunda e penetra essas micro relações para que não exista nenhum momento produzido a despeito desta vigilância. A posição circular, ao mesmo tempo que melhora a visão de quem está no seu centro (pois quem está no centro é capaz de enxergar todas), faz com que os olhares da margem também se concentrem em um único ponto ou em todos os pontos dentro do círculo. Vê-se, portanto, o panóptico sendo atualizado e ressignificado.

**Figura 38** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 39** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



Nas Figuras 38 e 39, podemos notar três importantes aspectos das disciplinas e das técnicas de poder que lhes são constitutivas: além do panóptico, têm-se o exame e a sanção normalizadora. Em relação ao exame e à sanção normalizadora, ambas as imagens

apresentam rituais de punição legitimados no interior das micro penalidades existentes no poder disciplinar. Na Figura 38, a sanção normalizadora repousa sobre o corpo de um *guardião* que estuprou uma *aia* e a fez perder um bebê. Na segunda, repousa sobre Janine, uma *aia*, depois dela desobedecer às leis criadas em Gilead. Nesses dois casos, há visivelmente uma espetacularização e uma ritualização da sanção normalizadora, pois é necessário que os desvios sejam silenciados e, sobretudo, interditados. Nas imagens, também se aplica a técnica do exame, pois se trata de visibilizar a vigilância e de fazer sobrepor as relações de poder às relações de saber, para que, assim, o regime disciplinar alcance o *status* não só de verdade, mas de única verdade possível e viável para aquela sociedade.

**Figura 40** – Fotograma da temporada 2, episódio 4



**Figura 41** – Fotograma da temporada 3, episódio 4



Por fim, nas Figuras 40 e 41 – que foram deslocadas das temporadas 2 e 3 porque são fotogramas que exemplificam e reiteram aspectos apresentados anteriormente e que estão presentes, mesmo que de maneira menos visível aos olhos, na primeira temporada –, constroem-se duas atualizações do poder disciplinar, quais sejam: a vigilância e a punição, que dentro da ordem do saber religioso vai ser a penitência, presentes no interior do panóptico. Na primeira Figura, mais uma vez, as mulheres, as *aias* de vermelho e as *esposas* de verde, estão milimetricamente localizadas e dessa maneira produzem uma

forma geométrica circular. Sem que ninguém esteja ocupando o centro, os olhares se atravessam e todas vigiam e são vigiadas ao mesmo tempo. Neste caso, não é necessário que haja “a torre” no centro do círculo para que as mulheres obedecam e continuem a praticar o ritual para o qual seus corpos foram anteriormente treinados. A ideia de que há um olho que tudo vê já foi internalizada pelos sujeitos e transfere para cada corpo um medo e uma sensação de poder. Ao mesmo tempo em que a *aia* se sabe vigiada, ela também vigia e, dessa maneira, a vigilância está tão capilarizada nas micro relações que já não é necessário que haja alguém, de fato, na torre. Todas possuem em si um *grande olho*. Assim, não é aleatório o fato de o enunciado *sob o Olho Dele* ser um dos mais utilizados na série como forma de saudação.

A Figura 41, por seu turno, concretiza uma das cenas mais significativas da narrativa. Esse take materializa imagetivamente o *grande olho*. O movimento das *aias* subindo as escadas, duas a duas, com as mãos voltadas para trás, constrói a imagem de um olho. Com isto, a série apresenta, discursivamente, o modo como a vigilância, mesmo quando fora do campo de visibilidade (pois por um certo momento ela não incide violenta e diretamente sobre o corpo), continua presente. Há um *grande Olho* que regula, controla, disciplina, vigia e pune os corpos que necessariamente têm que permanecer presos no interior de poderes bem apertados. Neste caso, o olho que tudo vê já não se localiza apenas na torre central do panóptico, ou no Estado, ou nos *comandantes*, ou nas *esposas*, ele já se capilarizou por todos os gestos, passos, cores, roupas etc. Eis, na série, o ponto máximo e perfeito das disciplinas.

### **2.3. “FAZER VIVER E DEIXAR MORRER”: O BIOPODER EM *THE HANDMAID’S TALE***

A premissa, que dá condições de emergência ao dispositivo de poder concretizado em Gilead, é a baixa taxa de natalidade, fruto de uma suposta infertilidade feminina em massa. Com isso, construiu-se, discursivamente, uma necessidade histórica ligada a essa problemática, que foi enxergada e produzida como uma crise que precisava ser, rapidamente, superada. Portanto, é um exercício de poder, sobretudo biopolítico, que incide sobre as personagens de *The handmaid’s tale*, principalmente sobre as mulheres férteis que, em nome da “dádiva divina da fertilidade”, são escravizadas sexualmente para gerarem filhos para casais dos políticos da sociedade. A narrativa da série, desse modo,

desenrola-se a partir de uma necessidade de promoção da vida que é usada como justificativa para todo exercício de poder presente em Gilead.

Os processos mais ou menos naturais da vida e da morte, como as taxas de natalidade, de mortalidade, de fecundidade, entre outras coisas, articuladas aos problemas políticos e econômicos, constituíram, segundo Foucault (1999, p. 290), “os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle da biopolítica”. A biopolítica incorpora às suas técnicas de poder, principalmente, intervenções nos fenômenos globais de natalidade. Diferentemente do poder de soberania, que produzia processos de subjetivação a partir da morte, no caso, da legitimidade que o rei tinha para fazer morrer ou deixar viver, no biopoder, as forças se invertem e constroem processos de subjetivação centrados essencialmente na promoção da vida. Para tanto, foi necessária a construção de uma maquinaria de poder microfísico que operasse, ao mesmo tempo, na promoção da vida e no controle dos fenômenos capazes de interferir negativamente na longevidade dos sujeitos, como as doenças, as epidemias etc. Instaura-se, com isso, um exercício de poder que apresenta a máxima “fazer viver e deixar morrer”.

**Figura 42** – Fotograma da temporada 1, episódio 6



**Figura 43** – Fotograma da temporada 1, episódio 6



**Figura 44** – Fotograma da temporada 1, episódio 6



No episódio 6 da primeira temporada, de onde foram retirados os fotogramas apresentados, enxergamos a espetacularização da reprodução através da apresentação, ao México e aos políticos da cidade, das crianças que são frutos do estupro das *aias*. Fica visível, principalmente, o modo como o Estado controla os corpos, a saúde e os fenômenos mais ou menos naturais em busca de uma vida mais saudável que, no caso da série, é uma vida com mais filhos.

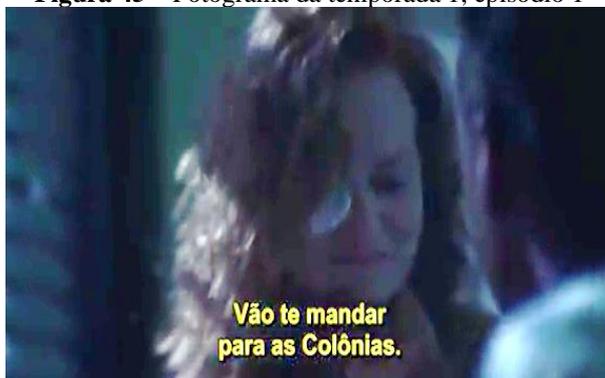
Na fala da personagem Serena, na Figura 42, também ficam visíveis os mecanismos da biopolítica que estão presentes no exercício de poder do Estado teocrático vigente em Gilead. Quando a personagem fala na restauração de uma vida moral e saudável, ela está trazendo à baila o fato de que o interesse principal do Estado vigente é construir uma sociedade baseada na moral cristã e, além disso, de construir uma sociedade baseada em um modo saudável de vida.

Com a espetacularização do número de nascimentos através das crianças apresentadas nas Figuras 43 e 44, frutos dos estupros, Gilead busca se construir, discursivamente, como uma sociedade que promove a vida. Neste caso, trata-se de uma sociedade que exerce seu poder se afastando do direito de fazer morrer e, concomitantemente, disseminando o fazer viver. É através do Estado teocrático que o poder se concretiza a partir do “direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no ‘como’ da vida” (FOUCAULT, 1999, p. 295); é ele, portanto, o responsável por produzir o discurso da vida que é saudável para a população e para isso opera no controle e na regulação da natureza dos fenômenos coletivos, gerais, que ao mesmo tempo que individualiza os processos de subjetivação, torna-os globais a partir do momento em que cria uma norma da maneira como se deve viver e do que é necessário para que se viva mais, ludibriando, cada vez mais, a morte. Neste cenário, caberia questionar:

Como um poder como este pode matar, se é verdade que se trata essencialmente de aumentar a vida, de prologar sua duração, de multiplicar suas possibilidades, de desviar seus acidentes, ou então de compensar suas deficiências? Como, nessas condições, é possível, para um poder político, matar, reclamar a morte, pedir a morte, mandar matar, dar a ordem de matar, expor à morte não só seus inimigos mas mesmo seus próprios cidadãos? Como esse poder que tem essencialmente o objetivo de fazer viver pode deixar morrer? Como exercer o poder da morte, como exercer a função da morte, num sistema político centrado no biopoder? (FOUCAULT, 1999, p. 304)

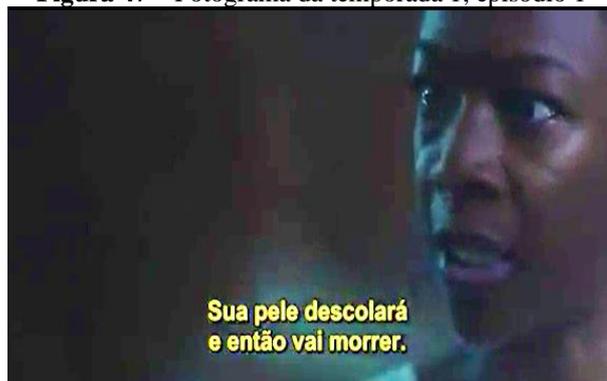
Para Foucault, é através do racismo de estado que se concretiza o “deixar morrer”. No interior de uma sociedade centrada na biopolítica, onde seus mecanismos operam na promoção da vida, é a partir da criação de uma margem que corpos são “esquecidos” para a morte. Ao mesmo tempo em que as relações de poder produzem e massificam práticas discursivas que interferem na construção de corpos saudáveis e condicionados a viver mais, elas excluem outros desses cuidados. Ou seja, não é no “fazer morrer” que enxergamos a morte neste novo exercício de poder, é no “esquecimento”, na regulação do modo e dos sujeitos que devem viver, nas práticas de governamentalidade e na negligência nas quais a morte aparece e se concretiza.

**Figura 45** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 46** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 47** – Fotograma da temporada 1, episódio 1

Nos fotogramas acima, podemos observar a personagem Moira conversando com Janine, ambas são *aias* e estão no centro vermelho sendo docilizadas e disciplinarizadas para exercerem seus papéis na sociedade de Gilead. Essa, como dissemos em muitos momentos no decorrer da dissertação, é baseada em uma premissa essencialmente biopolítica. Toda maquinaria de poder é produzida e está ancorada em um saber religioso que dá margem à escravização de mulheres para serem usadas como procriadoras do Estado. Desta maneira, a máxima que rege as técnicas de poder é “fazer viver e deixar morrer” de fato. As mortes, pelo menos a grande maioria delas neste sistema, são o ponto cego do exercício dos poderes. Na série, este ponto é localizável e localizado. É nas colônias que a morte atravessa o “fazer viver”.

Podemos analisar, a partir das imagens acima, que Moira está avisando a Janine que ela não só vai para as colônias, mas que lá irá morrer. Entretanto, nota-se que não é o Estado que o fará, aos moldes da soberania. No próprio discurso da personagem conseguimos enxergar que a morte, nas colônias, é processual. Ela é apenas acelerada pelo envio das mulheres para lá. Ou seja, não se determina o assassinato direto dessas mulheres, como o faria o poder soberano, mas um assassinato indireto. Dito de outro modo, não se trata do “fazer morrer” da soberania, mas do “deixar morrer” da biopolítica. O maior exemplo desse aspecto está presente no episódio 2 da temporada 2, por isso deslocamos alguns fotogramas dele para esta pesquisa. Vejamos a seguir:

**Figura 48** – Fotograma da temporada 2, episódio 2



A febre dela voltou.

**Figura 49** – Fotograma da temporada 2, episódio 2



**Figura 50** – Fotograma da temporada 2, episódio 2



Volte ao trabalho.

No caso da série *The Handmaid's Tale*, o racismo de estado pode ser visualizado a partir das mulheres que são deixadas nas “colônias”, lugar apresentado nas imagens anteriores. Tais fotogramas foram retirados do episódio chamado “não mulher”. A escolha pelos termos “não” e “mulher” não é aleatória. Na zona urbana de Gilead, as mulheres são divididas, como já dito, em *aias*, *esposas*, *marthas*, *tias*, *econopeople* e *mulheres de Jezebels*. Todas possuem papéis bem específicos no interior do dispositivo de poder presente na série; todas, além disso, passam por processos de subjetivação bem determinados para que sejam internalizadas as regras de cada casta citada anteriormente. Ao apresentar as colônias em um episódio cujo título é “não mulher”, podemos inferir

que essas mulheres não se encaixam em nenhuma das castas. Pelo contrário, precisam ser tão “esquecidas” que são objetivadas e subjetivadas como o negativo da classe à qual deveriam, antes de qualquer outra divisão, pertencer. Ou seja, são mulheres sem identidade específica, sem função determinada na maquinaria de poder. Neste caso, são os sujeitos deixados à margem pelo Estado.

As mulheres, nas colônias, são privadas de saúde, de boa alimentação, de exercícios físicos, de momentos de lazer etc. Trata-se do lugar onde a vida escapa do centro do exercício de poder e no qual a morte se instala de maneira lenta naquelas relações, tomando conta do corpo que agora está negligenciado pelo Estado. O poder, nas colônias, não “faz morrer”, não se exerce sobre aquele corpo o poder da morte diretamente. Pelo contrário, trata-se da não promoção da vida. Neste momento, as relações de poder “esquecem” de controlar e regular os processos naturais do corpo e deixam que os sujeitos ajam como se a morte e a vida não estivessem no interior de discursos articulados em uma rede. As mulheres nas colônias estão à margem da promoção da vida, estão no ponto cego dos mecanismos da biopolítica que faz viver. Ou seja, em uma sociedade como Gilead, cujo objetivo é promover a vida, a morte é construída com aspectos de naturalidade que não se apresenta como um “fazer morrer”, como na soberania, mas como um “deixar morrer”, que é tão característico do biopoder e mais particularmente do racismo de estado que lhe é intrínseco.

### **CAPÍTULO III – *NOLITE TE BASTARDES CARBORUNDORUM*: AS RESISTÊNCIAS EM *THE HAMDALD'S TALE***

Não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício.

[Michel Foucault, **História da sexualidade I**, p. 90.]

Neste capítulo, pretendemos cartografar as resistências microfísicas que se apresentam na primeira temporada da série. Vamos analisar fotogramas e cenas da narrativa para capturarmos de que maneira, a partir dos exercícios de poder soberano, disciplinar e biopolítico, os corpos são capazes de resistir e de produzir outras práticas de subjetivação e de existência que deslocam as relações de poder. Para tanto, faremos uma articulação entre as reflexões foucaultianas sobre poder e resistência e a estilística das (des)obediências apresentadas por Gros (2018), conforme já fizera anteriormente Braga (2021).

#### **3.1. ENTRE FOUCAULT E GROS: POR UMA MICROFÍSICA DAS RESISTÊNCIAS**

Como foi dito anteriormente neste trabalho, o filósofo Michel Foucault, ao longo das décadas de 70 e 80, na chamada fase genealógica de suas pesquisas, empreendeu uma analítica de poder que, além de deslocar e desconstruir os postulados marxistas, tão em voga na época, apresentou uma analítica do poder. Em Foucault (1995; 2018), o poder não está localizado em uma classe, não é uma propriedade que se rouba ou se possui, não pertence a um grupo em detrimento de outro (que jamais o terá ou o exercerá), não funciona apenas verticalmente, emanando de um polo superior em direção a outro inferior. Um dos pontos importantes da reflexão construída pelo autor é justamente o caráter relacional intrínseco ao poder. O poder é essencialmente uma relação que se estabelece de maneira horizontal e vertical, e não apenas verticalmente: ele está em todo lugar, circulando entre as pessoas, penetrando todas as camadas sociais, movimentando-se nas mais variadas esferas. Assim, não está preso nas instituições, na polícia ou nos governantes. Ele perpassa todo e qualquer sujeito, ele é ação de uns sobre ação dos outros.

Neste sentido, a analítica do poder foucaultiana suscita uma concepção de resistência: se o poder possui um caráter relacional, se ele não é algo que se possui, se ele é instável e fluido, certamente não é exclusivamente através de uma revolução de classe que a resistência se concretiza. Também não tem unicamente o mesmo sentido de transgressão, como diz Judith Revel (2005). Poder e resistência funcionam de maneira microfísica. E ambos estão em constante provocação, numa espécie de agonística. Ou seja, as relações de poder não vão existir sem que seja, necessariamente, em função de uma multiplicidade de pontos de resistências. Estas que, assim como o poder, são plurais, instáveis, transitórias, fluidas etc. E desta maneira, vão se pulverizar na sociedade de forma criativa, deslocando as relações de poder ao ponto de modificá-las. A resistência se prende nos fios soltos das estratégias de poder e transforma as relações sem que ele consiga interromper esse movimento. Ela penetra o poder como um *interlocutor irreduzível*. Neste sentido, o poder não é só instável, relacional e horizontal, ele é constantemente atravessado por movimentos de resistência. Pois “se não houvesse resistência, não haveria relações de poder” (FOUCAULT, 2000). Sobre estas reflexões, vejamos o que nos diz Judith Revel:

a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder; assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte. A análise dos vínculos entre as relações de poder e os focos de resistência é realizada por Foucault em termos de estratégia e de tática: cada movimento de um serve de ponto de apoio para uma contra-ofensiva do outro. (REVEL, 2005, p. 74-75).

Percorrendo esse mesmo caminho, através dos estudos de Michel Foucault (1995), entendemos que se o poder não fosse uma relação e que se dentro dela não houvesse pontos de resistência, os sujeitos estariam aprisionados às correntes do poder por coerção e subordinação. Portanto, compreendemos, através das reflexões genealógicas deste autor, que as técnicas e as estratégias do poder e da resistência são transitórias e que constantemente estão possibilitando outras configurações que são responsáveis por produzir outros mecanismos de luta. Isto ocorre, como havíamos dito antes, porque a analítica de poder construída por Foucault nos diz que as relações de poder e as resistências são, essencialmente, mutáveis e transitórias (FOUCAULT, 2018).

Além disso, Foucault (2018) nos mostra que, entre poder e resistência, há uma espécie de agonística que faz com que os dois estejam sempre sendo afetados um pelo

movimento do outro. Neste contexto, interessa-nos inscrever, assim como Braga (2021), os estilos de obediência e desobediência apresentados por Gros (2018) nas distintas formas de manifestação do poder e das resistências, tal como apresentadas por Foucault. Portanto, consideraremos os modelos de submissão, de subordinação, de conformismo e de consentimento (GROS, 2018) como materializações do poder. Bem como as formas de rebelião, obediência mística, ironia cética, provocação cínica e desobediência civil como manifestações de resistência, tendo em vista que nascem como uma resposta às ações citadas anteriormente (GROS, 2018). Assim, é no diálogo entre os dois autores que vamos cartografar as resistências presentes na primeira temporada de *The handmaid's tale*, que serão analisadas neste capítulo.

Dito isto, é necessário fazer uma breve apresentação das formas de obediência e desobediência citadas anteriormente. Para Gros (2018), o modelo de obediência que é o paradigma inicial é a **submissão**. Ela funciona através de uma coerção pura. Ou seja, aqui se obedece porque o superior tem nas mãos a arma ou o chicote, a força da decisão sobre o corpo de outra pessoa, sobre a vida e sobre a morte de outro corpo. Nestes termos, ser submisso é estar aprisionado em relações de forças que dominam, subjagam, alienam. O grande exemplo deste estilo de obediência é o escravo. Ele obedece por excelência. Age por determinação de outrem. Move-se porque o seu superior determinou. No interior desta relação, um lado não age sem que o outro autorize. Ao mesmo tempo, para o autor, ao nos perguntarmos por que o sujeito submisso obedece, logo nos deparamos com o fato de que é impossível se fazer de outro modo. Ou pelo menos pensa-se assim até que o poder ofereça brechas. Pois, apesar do caráter cruel e quase inescapável da submissão, ela carrega em seu futuro uma promessa de **rebelião**, de revolta. E a resistência se organiza coletivamente através dessa revanche. Pois esse termo significa “Re-bellum: a guerra recomeça, o antigo vencido se recompõe” (GROS, 2018, p. 41). E é através desta reestruturação que a resistência emerge para deslocar a submissão.

A segunda modalidade de obediência apresentada por Gros (2018) é a **subordinação**. Esta nova forma de obedecer, ao contrário da submissão, que compreende as práticas de poder como organizadas e legitimadas por discursos historicamente consolidados, pressupõe natural as relações e práticas que se estabelecem entre superiores e subordinados. Ou seja, a subordinação assume o papel da ordem do natural e da biologia. A ideia, neste momento, é aceitar que o lugar que cada um ocupa é deduzido de sua natureza e que, por causa disto, as relações entre um sujeito e outro são inatas e delas não há como fugir. Diante desse panorama, se antes, para ilustrar a submissão, Gros

(2018) apresenta a imagem do escravo, neste momento ele apresenta a figura da criança. Esta, para o autor, é “evidência, mas também passagem ao limite” (GROS, 2018, p. 67). É necessário pensar que a subordinação, ao invés de produzir uma sociedade de escravos e de submissos que obedecem porque não existe outra possibilidade, constrói uma massa de crianças gratas e medrosas que o governo precisa proteger. Portanto, obedecer não é mais se submeter ao insuportável, mas é aceitar docemente a natureza que coloca cada um em seu lugar para que a harmonia entre sujeitos e na sociedade seja alcançada e mantida, pois ela é capaz de trazer felicidade para a República.

A resistência a esta maneira de obedecer dá-se através de uma **obediência mística**. Entendemos que a corrida rumo à perda de si, chamada, na tradição cristã, de abnegação, levada ao extremo de sua prática, funciona como uma resistência à subordinação porque é necessário que o subordinado seja grato ao superior e, além disso, que aceite as intenções da natureza em esquadrihar cada sujeito em um espaço de poder que lhe é natural. Assim, quando um corpo obedece de maneira mística, observa-se a subversão das relações necessárias para que exista subordinação pois este não está sendo grato ao governante ou não entendeu as questões naturais envolvidas neste processo. Pelo contrário, o obediente místico já não precisa que alguém esteja determinando ordens para que ele obedeça, ou que os discursos mostrem a importância da abnegação e da gratidão, não tem mais olhos para o outro polo que determina como as técnicas do poder devem funcionar. Ele obedece porque essa obediência está a serviço de uma negação total de si e não de uma subordinação a alguém ou a um governo (GROS, 2018).

O terceiro modelo de obediência apresentado por Gros (2018) é o **conformismo**. Diferentemente do submisso, que obedece como escravo, o conformado obedece como um robô, porque é assim que todo mundo faz e ele quer ser aceito pela massa de pessoas, sem julgamentos. Desta maneira, adequar-se às práticas massificadas pelas relações de poder, para o sujeito que se conforma, é fugir das punições que eventualmente recaem sobre o corpo que se destaca ao fazer um movimento diferente do habitual. Neste novo estilo, a obediência se concretiza através da incorporação dos hábitos, principalmente a partir de sua naturalização. Pois a normatização e a normalização de determinadas estratégias de poder, junto com a massificação de algumas práticas de existência, e não de outras em seu lugar, produzem uma tentativa de hegemonia que acaba gerando uma atmosfera de pertencimento nos sujeitos que já não conseguem mais desejar a diferença, a resistência, a liberdade de ser outra coisa além do que se pede e se diz.

Para resistir a essa manifestação de poder, Gros (2018) aponta que há duas formas: a **ironia cética** e a **provocação cínica**. A primeira se manifesta quando um sujeito respeita as regras impostas, mas intimamente nega sua necessidade ou mesmo sua importância para a sociedade. Em silêncio, ele crê que os comportamentos poderiam ser outros. O cético conserva livre o seu pensamento crítico em relação a determinadas práticas ao mesmo tempo em que, visivelmente, obedece às convenções determinadas por forças externas. A segunda ataca de modo mais frontal, mais violento as regras determinadas. O sujeito que provoca cinicamente o faz de maneira pública, visível, em forma de ato direto contra outras ações. Trata-se de uma sabedoria de provocação que tem como alvo os costumes, as tradições, as convenções. Ou seja, é uma inteligência que ataca diretamente o conformismo generalizado.

A quarta e última maneira de obedecer apontada por Gros (2018) é o **consentimento**. Neste momento da discussão, já não aparece a figura do escravo, da criança ou do robô. Agora o sujeito obedece como um cidadão. Logo, a partir desta nova concepção, surge o que o autor vai chamar de uma obediência propriamente política. Diferentemente das outras formas de obedecer, que apresentam os sujeitos sempre em uma relação de poder com os outros, o consentimento funciona de um modo particular: ele é um ato que torna o cidadão prisioneiro dele mesmo, das próprias decisões, das escolhas etc. Ou seja, o consentimento é um estilo de obediência livre, uma alienação que o sujeito escolhe aceitar, e é a partir dele que Gros (2018) reflete sobre a obediência às leis públicas, pois é interessante pensar que ele supõe um ato inicial de renúncia. Desta maneira, o consentimento desloca as relações de servilismo, subordinação ou submissão, que se concretizavam nos outros modos de obediência, a partir do momento em que há um “sim” inicial que confere ao sujeito obediente certos poderes e a decisão principal da relação. Além disso, organiza a possibilidade de fazer o corpo se constituir a si mesmo a partir de uma passividade voluntária. Para Gros (2018), o paradigma presente no ato de consentir é um “pacto masoquista” (GROS, 2018, p. 135).

Como, então, resistir no interior de uma sociedade que pauta suas relações de poder no consentimento? Primeiramente, é necessário resgatar o que há de explosivo e de secretamente subversivo na ideia de contrato social. Além disso, torna-se importante lembrar que a obediência aos governantes é sempre circunspecta e provisória. Em outras palavras, o sujeito delega a alguém o poder de decidir determinadas ações, leis ou regras, mas pode sempre reassumir o controle. Agora precisamos nos questionar: “de que maneira reassumimos o controle do contrato social?”. A resposta é: através da

**desobediência civil.** Esta prática de resistência surge de uma necessidade coletiva da população que recusa ser governada de determinado jeito. Em outras palavras, não se trata de uma desobediência individual que se concretiza de maneira pontual em determinada relação de poder; nesse momento, a resistência é coletiva, organizada, assim como o pacto republicano, democrático e consensual também o é.

Para além dos aspectos dos modelos de obediência e desobediência, Gros (2018) constrói uma reflexão sobre a “inversão das monstruosidades” que é pertinente para nossa pesquisa porque nos faz compreender de que modo os saberes, os regimes de verdade e as relações de poder docilizam e produzem corpos que não resistem às técnicas disseminadas pelo dispositivo presente em Gilead. Tal reflexão aponta que, a partir de alguns discursos, produzidos no interior do saber religioso e historicamente cristalizados por práticas discursivas, criou-se e se disseminou determinadas verdades sobre a desobediência, desumanizando-a e marcando-a com diversos estigmas negativos. O sujeito civilizado não pode desobedecer porque este comportamento é da ordem da selvageria, do reino animal, do irracional, do pecado. O sujeito tão somente deve obedecer e seguir as regras que são impostas porque é isso que o faz um ser humano capaz de viver em sociedade. Imerso nos estudos sobre essas questões, nota-se que a obediência humaniza e a desobediência é monstruosa porque fere a ética necessária para o bem universal. Partindo deste discurso, a igreja, a escola, a família vão docilizar e disciplinar os sujeitos para que obedeçam. Primeiramente, vão silenciar os questionamentos, as reflexões, os impulsos animais para fazer com que, imediatamente depois, cada um obedeça de modo voluntário, pois é esta a prática que se espera de um sujeito civilizado e de um corpo produtivo para o sistema vigente.

Na narrativa que se desenrola em *The handmaid's tale*, nota-se que os discursos sobre obediência e desobediência são disseminados como verdade no interior do dispositivo de poder presente em Gilead. Com a justificativa da superação do caos proveniente da degradação do meio ambiente e da crise das taxas de natalidade, emerge um Estado Teocrático tão cruel e violento quanto as catástrofes que ele diz enfrentar. Entretanto, ele surge com um efeito de positividade porque carrega em si a capacidade de acabar com problemáticas que estavam se alastrando pelo mundo. E tal fato foi o bastante para disseminar o discurso segundo o qual a desobediência é monstruosa. Os poderes e suas estratégias, em Gilead, operam na produção de novas vidas para a sociedade. Portanto, obedecer às leis que emergem deste movimento político é trabalhar para que isto se concretize. O fazer nascer é colocado como um objetivo que não é apenas

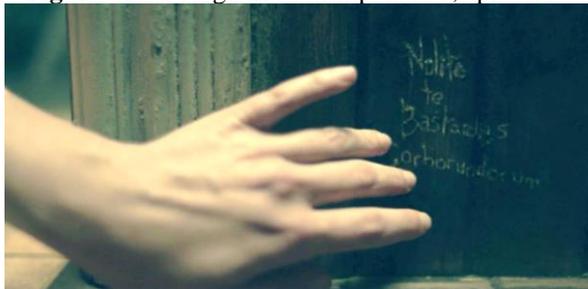
necessário, mas principalmente divino. É da vontade de Deus que cada sujeito esteja milimetricamente localizado e docilizado para determinadas práticas. Obedecer, nesses termos, além de ser uma obrigação religiosa inescapável, é uma afirmação de humanidade. Desobedecer, logo, é “se deixar escorregar ladeira abaixo na selvageria, ceder às facilidades do instinto anárquico” (GROS, 2018, p. 28). Com isto, os corpos que são eventualmente punidos no interior de Gilead carregam a marca da monstruosidade da desobediência, da negação da promoção da vida.

Apresentadas as considerações acima, é importante tornar evidente que o que nos interessa na discussão produzida por Frédéric Gros (2018) é demonstrar como os modelos gerais de obediência e desobediência, desenvolvidos por ele, podem ser tomados como distintas formas de manifestação a partir das quais se organizam poderes e resistências em uma perspectiva foucaultiana. Assim, não se trata apenas de construir uma reflexão sobre as formas de obedecer e desobedecer, mas principalmente de capturar como o poder e as resistências funcionam dentro do jogo estabelecido entre estas duas práticas. Em outras palavras, importa para a pesquisa considerar a estilística da (des)obediência produzida por Gros (2018) como um lugar que possibilita a emergência das “inversões eventuais” e da “polivalência tática dos discursos” que Foucault (1995) aponta em seus estudos genealógicos (BRAGA, 2021), visto que a partir desta relação podemos atestar as características que se estabelecem entre poderes e resistências. Isto porque podemos perceber, através dos apontamentos feitos anteriormente, que cada modelo de obediência cria condições de possibilidade para uma desobediência emergir. E esta é responsável por deslocá-lo, subvertê-lo e afetá-lo, portanto, resistir-lhe.

### **3.2. “NÃO DEIXE OS IDIOTAS TE DESANIMAREM”**

Um dos enunciados mais importantes da narrativa de *The handmaid's tale* é *Nolite te bastardes carborundorum*. Através dele, muitas resistências se organizam e vários poderes são deslocados e (re)organizados. Portanto, faz-se necessário, neste momento da pesquisa, apresentar como ele surge como um acontecimento discursivo e analisar de que maneira seus efeitos de sentido atravessam os corpos de determinadas mulheres que são fabricadas pelo dispositivo de poder presente em Gilead. Vejamos os fotogramas abaixo:

**Figura 51** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 52** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



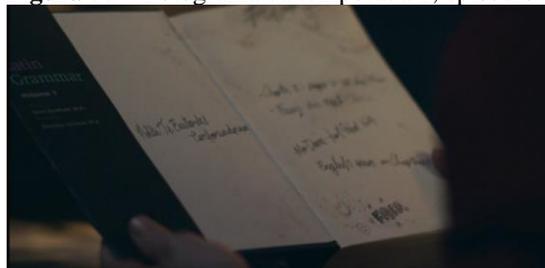
**Figura 53** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 54** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 55** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



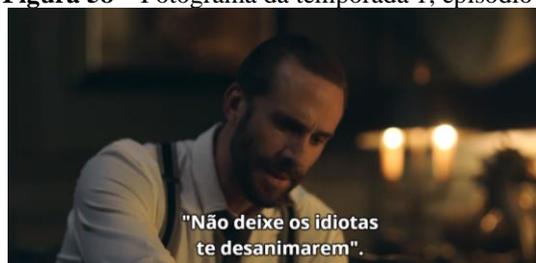
**Figura 56** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 57** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 58** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



No episódio 4 da primeira temporada de *The handmaid's tale*, nos deparamos com a expressão que dá título ao nosso trabalho e que organiza e possibilita determinadas resistências no interior das relações de poder em Gilead. Na Figura 51, conseguimos observar a mão da personagem June passando pelo enunciado em questão, que aparece pela primeira vez na narrativa escupido no rodapé de madeira do quarto onde as *aias* eram mantidas na casa de Fred. É necessário explicitar o fato de que, neste momento do enredo, a personagem principal estava sendo mantida em cárcere privado por Serena, pois havia perdido o filho que seria entregue ao casal após o nascimento. Diante desse fato, a única ocasião em que a protagonista tinha permissão para sair do cômodo era no horário em que o comandante desejava sua companhia para jogar um jogo de tabuleiro que tinha como objetivo a formação de palavras. Trata-se de uma situação peculiar, haja vista que o ordenamento jurídico de Gilead não permite que as mulheres leiam, sob pena de terem um dedo cortado ou mesmo uma mão amputada. Assim, os encontros entre Fred e Offred são um perene jogo estratégico: o *comandante* convoca sua *aia*, que se apresenta porque lhe deve obediência, mas seu convite a permite desobedecer (ler, por exemplo). E mesmo

reconhecendo as limitações das desobediências admitidas pelo *comandante*, Offred finge estar cada vez mais próxima daquele que lhe é hierarquicamente superior, no intuito de usar essa aproximação em benefício próprio. Uma obediência, portanto, que é consciente e que resiste, que subverte o poder (FOUCAULT, 2018; GROS, 2018).

Por causa dessa atmosfera de aparente confiança que os dois estavam construindo durante os encontros, June se sente à vontade para perguntar, como podemos ver nas Figuras 52 e 53, o que significa a expressão que ela havia acabado de ler no rodapé do quarto. O *comandante* rapidamente responde que se trata de uma piada que não tem tradução. Além disso, no take completo, ele fala que a criou quando tinha doze anos e estava começando a aprender latim. Durante a sua fala, ele se levanta da cadeira, caminha para a estante de livros, pega uma gramática da língua latina e entrega para a *aia*. Quando ela abre o livro, se depara com o enunciado mais uma vez, neste momento, escrito com a letra que o *comandante* tinha quando criança. A protagonista observa como aquele enunciado foi construído com a mistura de alguns idiomas e Fred expressa que, apesar de não ter tradução, ele significa mais ou menos “não deixe os idiotas te desanimarem”, como vemos na Figura 58. Ao ouvir o *comandante*, notamos que June começa a compreender que ele também chamava a outra *aia* para o seu escritório e a deixava ler e desobedecer às leis. Percebe, além disso, que naquele ponto da relação, ela poderia utilizar os efeitos de sentido produzidos pelo enunciado do qual eles falavam para subverter algumas práticas e as deslocar em seu favor.

A partir disso ela pede para o *comandante* falar com Serena para que a esposa permita que ela volte a sair de casa para fazer as compras e caminhar com as companheiras. Ele acata o pedido e logo em seguida ela sai de casa e nos descreve, a partir dos seus pensamentos, como recebeu as informações que surgiram no diálogo que ela estabeleceu com Fred. Observemos:

**Figura 59** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 60** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 61** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 62** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 63** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 64** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 65** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



Os fotogramas apresentados acima foram retirados do episódio 4 da primeira temporada e concretizam o take que acontece depois do diálogo entre June e Fred, analisado anteriormente. Percebemos, em primeiro lugar, que a protagonista de fato conseguiu a permissão para sair do cárcere privado que Serena havia determinado. Além disso, ela nos mostra, através do seu pensamento, caminho que ela constrói em vários momentos da série, como a expressão *Nolite te bastardes carborundorum* disseminou efeitos de sentido específicos que a fez renovar o desejo de sobreviver. Partindo desta constatação, notamos que a personagem principal nos diz que havia outra Offred antes dela, e que ela a ajudou a encontrar uma saída, como podemos observar nas Figuras 59 e 60. Neste mesmo sentido, quando a antiga *aia* da casa escreveu o enunciado no rodapé do quarto, destinado às demais, analisamos que há aí um acontecimento discursivo (FOUCAULT, 2014b) que funciona como uma resistência porque atualiza o enunciado criado por um dos principais responsáveis por concretizar e disseminar as técnicas de poder, saber e verdade em Gilead, e o transforma a ponto de gerar outros efeitos de sentido que produzem determinados comportamentos que fazem as *aias* não desistirem de lutar, apesar de tanta violência.

Apreendemos, além do que foi citado anteriormente, que o ato de escupir o enunciado no rodapé acabou por estabelecer uma relação de cuidado e força entre uma *aia* e outra. Pois, ao analisarmos a cena em que June descobre o enunciado, percebemos que ela estava em um momento muito fragilizado porque a saúde mental e física estava bastante abalada, em virtude da punição que a esposa de Fred havia determinado anteriormente para ela. Ou seja, quando a protagonista se deita no chão, cansada e triste, e se depara com a inscrição deixada pela antiga Offred, elas começam a construir uma relação que posteriormente faria a personagem principal recuperar o desejo de sobreviver e resistir. Flagramos tal movimento quando vemos as Figuras 61, 62 e 63. Nelas, June afirma que a antiga Offred, apesar de ter se suicidado, permanece viva depois de deixar

sua mensagem eternizada no rodapé do quarto. Não só isso, mas também diz que se reconhece nela, pois “ela sou eu”, como podemos observar no fotograma 63.

Ainda dentro deste cenário, nota-se que após fazer um reconhecimento individual com a antiga Offred, a protagonista fala na Figura 64: “Somos aias”. Em outros termos, ela não construiu uma relação apenas com a antiga *aia*, mas também com as outras companheiras que ainda estavam vivas e lutando pela própria sobrevivência. Para Meyer (1993), o pertencimento a um grupo minoritário parece gerar desconforto para seus membros. Neste sentido, percebemos que, para além da sensação desconfortável de se reconhecer *aia*, que conseguimos flagrar em June em muitos momentos da narrativa, pois compreender que pertence a casta de mulheres que são escravizadas sexualmente traz muitas dores e uma sensação de que é um lugar social inescapável, a protagonista consegue enxergar um potencial transformador em cada *aia*, passando a enxergá-las como sujeitos capazes de produzir um movimento revolucionário. Esta sensação é captada através da análise da Figura 65, quando ela nos diz: “Nolite te bastardes carborundorum, seus putos”, ao mesmo tempo em que todas as *aias* são enquadradas no take. A esta altura do enredo, as mulheres já parecem compreender a necessidade de construir uma rede coletiva de apoio para cada personagem da casta em questão e de resistência às violências às quais elas são submetidas.

### **3.3. “EU PRETENDO SOBREVIVER”: JUNE E AS PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA EM *THE HANDMAID’S TALE***

Para Kant, “o Iluminismo não é uma época a ser circunscrita, uma corrente ideológica a ser definida, mas uma exigência ética no cerne do sujeito crítico” (GROS, 2018, p. 160). Ou seja, trata-se de uma atitude de maioria<sup>14</sup>. E essa, por sua vez, é uma capacidade de emancipação, independência, autonomia. É um comportamento que faz o sujeito ser responsável pelos seus pensamentos, pelas suas práticas, pelas suas opiniões e não mais apenas uma máquina controlada por outrem ou por discursos externos. O contrário dessa conduta, por sua vez, é a menoridade. Nesta postura, o cidadão age por meio da incorporação de opiniões alheias, pelas regras impostas por outras pessoas,

---

<sup>14</sup> No livro *Desobedecer*, de Frédéric Gros (2018), os termos apresentados para falar sobre o Iluminismo são “maioria” e “minoría”. Compreendemos, entretanto, que tais expressões são fruto de um problema na tradução do livro, uma vez que estas palavras não estão de acordo com a ideia desenvolvida por Kant e retomada por Foucault. Deste modo, na redação desta dissertação, optamos por utilizar os termos adequados: menoridade e maioria.

comporta-se apenas dentro do permitido e do determinado. Em outras palavras, acostuma-se a viver sob a tutela de um diretor de consciência. É neste embate que o Esclarecimento se constrói, segundo Kant, pois ele designa o movimento que surge a partir da tensão, do esforço, da luta que se concretiza no decorrer do caminho da menoridade para a maioridade. O Iluminismo, portanto, é um processo (GROS, 2018). Partindo desses primeiros apontamentos, vejamos os fotogramas abaixo:

**Figura 66** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 67** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 68** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 69** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 70** – Fotograma da temporada 1, episódio 1

Os fotogramas acima foram retirados da temporada 1, episódio 1 e apresentam a personagem Offred sentada na janela do quarto em que ela mora durante sua estadia na casa de Fred e Serena. Desde o começo da narrativa, podemos perceber que ela é uma mulher que alcançou a maioridade no sentido kantiano, pois a personagem consegue envolver o espectador em seus pensamentos, fazendo-o perceber o modo como, mesmo obedecendo e sendo dócil, ela mantém acesos os seus princípios, verdades e opiniões. Em outras palavras, pelo menos em grande parte do recorte escolhido para esta dissertação, June parece incorporar a conduta ética que Kant, retomado por Gros (2018), diz se tratar de Esclarecimento. Ela não obedece de maneira irracional ou “imbecil” a nenhum comando ditado pelas relações de poder ou pelos sujeitos que as produzem e disseminam. Tampouco precisa de um diretor de consciência para fazê-la existir ou pensar em Gilead. Pois, apesar de o Estado ser teocrático e violento, ela deixa evidente aos telespectadores, com seus monólogos, que vai sobreviver e que sabe perfeitamente quem ela é e como as coisas deveriam funcionar.

As Figuras foram deslocadas dos últimos minutos do primeiro episódio e é nele que a organização social, política e econômica de Gilead começa a ser desenhada para quem está assistindo. Quando a personagem, depois de apresentadas grande parte das características deste novo país, afirma para o espectador que tudo tem que parecer igual porque vai sobreviver por causa da filha e diz o nome dela, do marido e o próprio, ela nos dá algumas pistas sobre que tipo de cidadã será. Precisamos compreender que o termo “parecer” não é utilizado de maneira aleatória no enunciado. Quando a protagonista utiliza este verbo, ela explicita que as coisas não serão como antes, pois não estarão da mesma maneira de outrora. Elas apenas “parecerão” com o passado. Com isto, enxergamos que ela não desobedecerá, pelo menos *a priori*, às leis e aos novos modos de subjetivação e existência, porque, ao invés disto, ela fará “parecer” igual. Entretanto, ao utilizar esse verbo e não outro em seu lugar, a personagem concretiza alguns

deslocamentos acerca das relações presentes na República. June não fará igual, não será igual, não viverá igual. Pelo contrário, fingirá semelhança. Pois, segundo o que é apresentado nas imagens, ela sobreviverá em nome de quem ela é e em nome de quem ela ama.

Ao assistirmos aos dez episódios da primeira temporada, percebemos que a protagonista constantemente rompe com a preguiça e a covardia que faz o sujeito permanecer na menoridade, já que não permite ser guiada por ideias que vão de encontro ao que ela entende por correto. Além disso, entendemos que ela nega e subverte o que há de confortável no ato de outra pessoa delegar suas condutas. Ela transforma as delícias das desresponsabilidades em desconfortos diários, pois traz para si a obrigação de ser ética aos seus princípios. Torna-se amiga do pânico da liberdade e a deseja conscientemente. June concretiza a coragem de pensar por si e a audácia de obedecer criticamente aos comandos. Emancipa-se das obrigações advindas da incorporação do saber religioso como verdade. Ela ousa saber por si só até mesmo quando o corpo se comporta dentro das normais permitidas pela docilização. A personagem desperta e fortalece diariamente o *eu indelegável* (GROS, 2018) e, por causa dessa escolha consciente e sempre crítica, consegue subverter determinadas relações de poder e transformá-las quando possível. Ela utiliza de sua razão e de seu pensamento crítico para continuar a manter viva a esperança de sobrevivência, tendo em vista que permanecer fiel a si mesma faz parte de um cuidado de si necessário para reverter algumas regras do jogo.

A série que compõe o *corpus* desta pesquisa nos é apresentada através da visão da personagem citada anteriormente e desde o início ela nos mostra sua incapacidade de incorporar o servilismo voluntário por naturalização, em nome de um bem universal, ou de se manter completamente docilizada, apesar da presença de um superior que carrega em seu exercício a legitimidade de agir, eventualmente, com violência sobre os outros corpos. Percebemos que o dispositivo de poder presente em Gilead torna visível o fato de que os sujeitos que comandam podem e vão mostrar sua superioridade por meio da força ou do discurso ameaçador sempre que houver necessidade. Desta maneira, é disseminada a importância de que os submissos permaneçam sem resistência, que continuem, tão somente, obedientes como escravos, tendo em vista que o Estado Teocrático transforma a submissão em uma manifestação de poder. Entretanto, a despeito das obrigações impostas, analisamos que June, em alguns momentos, resiste à algumas relações de poder de uma maneira que Gros (2018) chama de “submissão deferente”. Vejamos algumas imagens abaixo:

**Figura 71** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 72** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 73** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



**Figura 74** – Fotograma da temporada 1, episódio 1



Nas Figuras acima, que foram retiradas do episódio 1 da temporada 1, vemos a personagem Offred comprando laranjas para o *comandante* Fred e sua *esposa*. Nesta cena, observamos como a protagonista concretiza a separação entre alma e corpo, conforme aponta Gros (2018). No primeiro fotograma, vemos como o corpo de June, através de sua mão entre as laranjas, obedece aos comandos exteriores e procura as melhores frutas para levar para os seus superiores. Ao mesmo tempo que isto acontece, a personagem nos mostra o que de fato está acontecendo em sua cabeça. Pois, ao pegar as laranjas, como foi

ordenado outrora, June pensa que não precisa das frutas, mas que precisa gritar e pegar uma metralhadora. Ou seja, o corpo dela está obedecendo aos discursos e às regras impostas anteriormente pelos seus superiores e pelas normas da sociedade, entretanto sua alma parece guardar uma espécie de recusa a tais ordens. Offred é uma submissa deferente. Porque ao mesmo momento em que obedece, corporalmente, às leis, faz o espectador ter noção de que ela não o faz sem resistência, ou negando a importância de determinado comportamento em detrimento de outros, muito menos sem ter a consciência de que aquelas relações de poder estão concretizadas de uma maneira violenta e que precisam que uma resistência surja para modificá-las.

Conseguimos analisar e concluir que Gilead é uma sociedade que utiliza a submissão como uma técnica de poder. Partindo desta constatação, Gros (2018) nos diz que esse processo, em algum momento, explora a cisão entre a alma e o corpo. Pois, neste modelo de obediência, o submisso age a partir de ordens de outrem e ele repete para si e para os outros que só agiu de determinada maneira porque alguém ordenou que assim ele o fizesse. Ou seja, a ética da alma do sujeito que obedece não está necessariamente alinhada ao que seu corpo é obrigado a fazer. Este corte se concretiza na série através da personagem Offred e nos mostra como de fato ele emerge como resistência possibilitada por determinadas relações de poder. Nesta configuração percebemos que a protagonista, mesmo permanecendo no papel de submissa e de aparentemente continuar sendo um corpo dócil, ela subverte algumas relações de poder porque resiste a elas mantendo viva a ética de maioria que não a deixa seguir cegamente as ordens externas. Em outros termos, ela:

multiplica os sinais exteriores de servilismo, quando exagera suas reverências, quando intensifica a pose de humildade, ainda assim conserva, em seu íntimo, um julgamento impiedosamente crítico. O submisso escuta com grande seriedade e profundo respeito a lista de comandos, calculando subterraneamente suas evasivas, compensando previamente, por meio de uma atitude obsequiosa viscosa, pegajosa, sua futura preguiça e seu profundo desprezo. (GROS, 2018, p. 44).

Portanto, nota-se que a personagem, apesar de escravizada sexualmente pelo sistema, não obedece por excelência como um escravo. Não interioriza perfeitamente a servidão como necessária, natural ou divina. Ela oferece resistência até mesmo quando parece obedecer, conforme analisamos nas imagens apresentadas anteriormente. Neste caso, a protagonista se utiliza da teatralização dos sinais de servidão para disfarçar desobediências concretas que, eventualmente, penetrarão as relações de poder

concretizadas e massificadas. Ela não incorporou sua servidão, sua inferioridade. Apenas a suporta. E o faz porque cultiva em si um espírito de revanche, uma possibilidade de revolta capaz de reestabelecer uma ordem que ela acredita ser mais justa. Ou seja, nesses termos, June dança conforme a música, compreendendo que cada gesto proferido não condiz com o que sua ética acredita. O corpo pertence ao sistema ao mesmo tempo em que a alma pertence à resistência e luta constantemente por ela, mesmo que silenciosamente, porque só assim é permitido. Pelo menos por hora. Em outros termos, a protagonista permanece reforçando a ética da maioria e sendo fiel às suas próprias convicções, mesmo quando é obrigada a obedecer.

Além de Gilead ser uma sociedade que concretiza o poder soberano, disciplinar e biopolítico, ela também utiliza técnicas de docilização que se constroem a partir de determinados estilos de obediência. Por exemplo, o Estado Teocrático dissemina alguns discursos que constroem práticas de subjetividade cujo intuito é moldar sujeitos que constantemente estão super obedecendo. Ou seja, produz sujeitos que entregam mais do que as relações de poder solicitam. Tal dinâmica possibilita uma resistência que Gros (2018) chama de “submissão ascética” e June também a concretiza, como poderemos analisar nas imagens abaixo. Trata-se de uma “obediência a mínima”. E ela nasce, primeiramente, pondo fim ao próprio desejo de obedecer além do que se pede. Precisa-se, para que ela comece a se materializar, que a negação em oferecer instrumentos ao poder esteja cada vez mais presente. Em seguida, é necessário travar uma luta interior para que o esforço destinado à diminuição da obediência seja a cada dia mais intensificado. Além disso, é preciso perder o prazer em ser obediente.

Nesses termos, para resistir ao desejo de super obedecer, o sujeito precisa aprender a obedecer de maneira calculada, oferecendo o mínimo possível do que se pede. Pois não podemos falar, ainda, de uma desobediência, tendo em vista que os poderes continuam impondo relações de obediência, quase inescapáveis, aos corpos. Entretanto, é uma maneira de obedecer incompleta, vagarosa, defeituosa, que leva sua realização ao limite da sabotagem. Ou seja, uma obediência a contragosto. Não mais uma obediência servil ou cega, tampouco uma super’obediência (GROS, 2018). Partindo deste cenário, percebemos que a protagonista, desde o início da narrativa, mostra-se resistente aos poderes e suas obrigações. Nega-se, quase que diariamente, a oferecer armas para as práticas violentas do poder. Ela permanece obediente sem deixar que nenhum comportamento extrapole o que foi solicitado.

Em outros termos, a personagem June, ou Offred para a sociedade de Gilead, concretiza determinada resistência porque é um sujeito que, desde o início da série, obedece de maneira ascética. Além de concretizar a submissão deferente, pois a todo momento ela expõe, através dos pensamentos dela, que a alma não está de acordo com os comportamentos que o corpo é obrigado a fazer, a protagonista, na grande maioria dos momentos, obedece a mínima e a contragosto. Notamos, constantemente, que ela enquadra seu corpo em todos os rituais da maneira que se solicita e foi ensinado no centro vermelho, pois, como diz Gros (2018), nas condições de organização de poder presente no recorte da primeira temporada, ainda é necessário falar de uma obediência e não de uma desobediência que se materialize visivelmente.

Entretanto, em muitos momentos, podemos enxergar uma obediência vagarosa, defeituosa, incompleta vinda da personagem. Uma resistência microfísica, portanto. Pois ela nunca está oferecendo instrumentos para o poder. Não de bom gosto ou por prazer. Pelo contrário, Offred está a todo momento buscando as brechas presentes nas relações de poderes presente em Gilead. Se não as acha com facilidade, obedece de maneira ascética porque entende que apesar de ter que continuar obedecendo, ela não pode fazê-lo de maneira completa e com vontade. Precisa necessariamente sabotar as relações de poder para que em algum momento elas se modifiquem. Vejamos como a personagem em questão se apresenta diante das práticas dos poderes em Gilead:

**Figura 75** – Fotograma da temporada 1, episódio 3



**Figura 76** – Fotograma da temporada 1, episódio 3



**Figura 77** – Fotograma da temporada 1, episódio 3



As Figuras apresentadas acima foram retiradas do episódio 3 da temporada 1. Nelas, podemos enxergar um diálogo entre Offred, *tia* Lydia e um membro do governo de Gilead. Esta conversa foi necessária porque o Estado estava investigando a possível “traição de gênero” que a parceira de Offred estava cometendo, a Ofglen. Na cena da qual as imagens foram recortadas, um homem de preto, enviado pelos *Olhos*, primeiramente mostra que o interrogatório se dará com violência se a *aia* não se comportar e a manda levantar a cabeça. Logo em seguida, faz uma série de perguntas para a protagonista. Uma delas é sobre o que ela e a parceira conversavam quando iam fazer compras. Notamos que June obedece ao que foi solicitado. Levanta a cabeça, ouve as questões e as responde. Entretanto, ao assistirmos os episódios, sabemos que a resposta que ela dá para a pergunta sobre o conteúdo da conversa entre ela e a amiga não corresponde ao que, de fato, haviam conversado. Offred responde que conversavam sobre compras e sobre o tempo. Ou seja, ela obedece porque não se nega a responder às perguntas com a cabeça levantada, entretanto ela concretiza uma obediência defeituosa, incompleta, a mínima. Ela não dá ao homem de preto e a *tia* Lydia o que eles querem. Ela omite informações e dissimula. Faz apenas o necessário para que o questionamento seja respondido. Mesmo que a resposta não seja completa. Vejamos a continuação:

**Figura 78** – Fotograma da temporada 1, episódio 3



**Figura 79** – Fotograma da temporada 1, episódio 3**Figura 80** – Fotograma da temporada 1, episódio 3

Os fotogramas acima concretizam a continuação do interrogatório analisado anteriormente. Interessa-nos analisá-las porque elas demonstram o modo como, de fato, June parece obedecer de uma maneira ascética aos comandos e às perguntas feitas pelo homem enviado pelo governo. Quando a protagonista percebe que o motivo do interrogatório é descobrir informações sobre sua amiga Ofglen para justificar alguma punição que cometerão contra ela, a expressão facial da personagem se modifica. Ela parece ficar irritada e preocupada com o rumo das perguntas e das respostas. Desse modo, quando o homem de preto pergunta o que elas conversavam quando iam pelo caminho mais longo, o do rio, ela fala fazendo a mesma coisa que fez quando questionaram o conteúdo das conversas anteriormente: ela responde porque não pode desobedecer, entretanto, agora, além de repetir a resposta, que ela deu anteriormente, que foi “de compras e do tempo”, o que demonstra sua obediência incompleta, defeituosa, vagarosa, ela começa a demonstrar descontentamento e raiva com o que está acontecendo. Ou seja, ela obedece da pior forma possível. Ela não apresenta prazer em falar sobre a amiga. Ela se nega, agora fisicamente, através da expressão facial, a fornecer instrumentos para que o poder tenha legitimidade para se exercer sobre Ofglen.

Assim, a obediência, no caso de Offred, é constantemente refratária ou desengajada. Em outros termos, a personagem materializa a sugestão que La Boétie (2002) faz quando deseja que não desobedeçamos aos poderes, mas apenas que deixemos

de obedecer constantemente ou cegamente a eles. Ou seja, essa obediência desengajada é uma resistência porque o poder ordena que as mulheres, principalmente as *aias*, sempre temam e obedeçam às leis e ao sistema vigente. Mas June, sempre reforçando sua ética de maioria, e se negando a obedecer da maneira que se deve, resiste. Ela é um corpo indócil que o poder não consegue envolver por completo. Para além disso, observemos outro momento em que a protagonista continua a concretizar resistências:

**Figura 81** – Fotograma da temporada 1, episódio 2



**Figura 82** – Fotograma da temporada 1, episódio 2



**Figura 83** – Fotograma da temporada 1, episódio 2



**Figura 84** – Fotograma da temporada 1, episódio 2



Os fotogramas acima foram retirados da temporada 1, episódio 2 e apresentam um recorte de cena que se desenrola a partir do nascimento da filha de Janine, uma *aia* alocada na casa do *comandante* Warren e de sua *esposa* Naomi. No primeiro fotograma, vemos a personagem June escondida atrás de uma parede e de uma pilastra, observando a teatralização de um ritual que simula o parto da *esposa* que está esperando a filha gerada pela *aia* Janine, como podemos observar nas Figuras 83 e 84. Diante deste cenário, ao analisarmos o fotograma 82, imediatamente, nos deparamos com a expressão de June enquanto espia sorrateiramente o comportamento de Naomi e das outras *esposas*. Logo, partindo desta observação, podemos analisar, através do sorriso irônico da protagonista, como ela desdenha do que está acontecendo naquele recinto. Com isto, percebemos que ela não incorpora a necessidade desse ato, muito menos o enxerga como divino, tampouco corrobora a ideia de ele ser importante para os rumos da sociedade. Pelo contrário, o rosto da personagem demonstra o desprezo que ela tem pelo ritual. Ela ri ironicamente não apenas porque a cena soa ridícula e hipócrita, mas, principalmente, porque não adere aos discursos que a sustentam e a legitimam. Em outras palavras, ela não aceita completamente o regime de verdade e de saber que produz as relações de poder, ao invés disso, ela continua respeitando suas próprias verdades e seus próprios princípios, mantendo, assim, a ética de maioridade cada vez mais forte dentro de si.

A partir desse take, podemos analisar o modo como as relações de poder são deslocadas pela resistência protagonizada por June. As *esposas* deveriam ser respeitadas pois estão localizadas em uma casta hierarquicamente mais poderosa do que as *aias*. Entretanto, materializando uma desobediência que Gros (2018) chama de “ironia cética”, a protagonista faz com que as relações de poder se desloquem e, desta maneira, que acabem conferindo à *aia* uma prática de resistência microfísica e individual, mesmo que momentânea. Quando a personagem ri ironicamente das *esposas*, ela as enxerga como pessoas que estão simulando um comportamento no mínimo ridículo e irracional, e neste

momento ela materializa o poder do julgamento, do desprezo, do desdém sobre elas. Ou seja, ela resiste à obrigação de respeitar e obedecer às mulheres de verde e exerce sobre elas certos tipos de práticas que acabam deslocando alguns exercícios do poder disseminado em Gilead.

Partindo desta análise, mostra-se necessário apontar que a resistência concretizada por June, conforme o dissemos anteriormente, é a “ironia cética” apontada por Gros (2018), pois o autor nos diz que esta se manifesta quando o sujeito ainda se comporta conforme as regras impostas, mas íntima, individual e silenciosamente, desdenha dos atos determinados. Portanto, percebemos que a protagonista materializa essa desobediência porque apesar de participar de todo o ritual, indo ao quarto de Janine e ajudando no parto da *aia*, cena que aparece no episódio do qual as imagens acima foram retiradas, ela ri das *esposas* e do ritual quando é possível fazê-lo escondido dos olhos da vigilância.

#### **3.4. A PROMESSA DE REBELIÃO: A REDE DE RESISTÊNCIA MAYDAY**

Entende-se que, a partir das reflexões apresentadas por Gros (2018), a submissão é um sistema de dominação que foi historicamente construído e massificado. Ou seja, os lugares sociais não são definidos por aspectos naturais ou simplesmente por escolhas divinas. Eles são produzidos discursivamente por determinadas relações de poder que possibilitam que uns governem e que outros sejam governados. Por se constituir dessa maneira, torna-se um sistema reversível. Deste modo, observamos que a rebelião, organizada coletivamente, é a revanche dos submissos, seu modo possível de resistência. É um futuro provável que reorganizará as relações de poder. E é através da constituição de um “nós” que a guerra poderá ser vencida, pois “a partir do momento em que os submissos conseguem se unir para conspirar contra os senhores, assim que sentem e constroem sua força coletiva, a guerra pode ser retomada.” (GROS, 2018, p. 41). Em *The handmaid's tale*, logo nos primeiros capítulos, conseguimos observar como a possibilidade de uma organização coletiva de resistência surge das relações de poder que emergiram a partir do golpe teocrático. Vejamos:

**Figura 85** – Fotograma da temporada 1, episódio 2**Figura 86** – Fotograma da temporada 1, episódio 2**Figura 87** – Fotograma da temporada 1, episódio 2

Nos fotogramas acima, que foram retirados do episódio 2 da temporada 1, um diálogo entre as personagens Offred e Ofglen está representado. Nele, Ofglen fala para Offred que há como ajudar os sujeitos que estão sendo eventualmente presos e punidos, aponta que existe uma rede que é capaz de reverter algumas práticas presentes em Gilead. Offred, ao ouvir a amiga, demonstra estranhamento quando se depara com a palavra “nós”. Até então a protagonista tinha cada vez mais certeza de que não poderia confiar em ninguém, afinal, a atmosfera de vigilância é constantemente reiterada pelas relações de poder e pelos adestramentos concretizados no centro vermelho. Ou seja, para ela, não existia a possibilidade de existir um “nós” ou uma rede, tendo em vista que a vigilância e o poder haviam se capilarizado por todo tecido social. Para a protagonista, uma vez alcançada pelos policiais, a desconfiança seria irreversível. Observemos a continuidade da conversa:

**Figura 88** – Fotograma da temporada 1, episódio 2

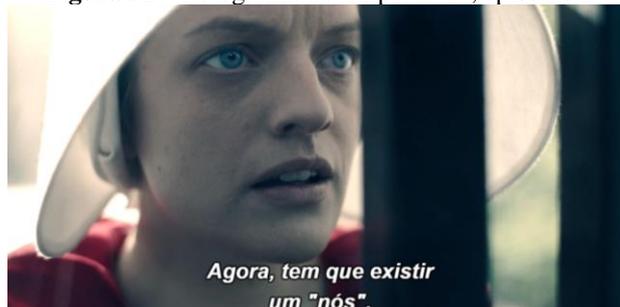


**Figura 89** – Fotograma da temporada 1, episódio 2



As Figuras acima, também retiradas do episódio 2 da temporada 1, mostram a continuação do diálogo entre as personagens citadas anteriormente. Notamos que Offred continua demonstrando certo estranhamento com o rumo da conversa. Além de não aceitar com facilidade a existência de um “nós” e de uma rede, ela aponta que não é este tipo de pessoa que se organiza coletivamente de maneira ilegal ou perigosa. Ofglen, ao ouvir as palavras da amiga, informa que ninguém é este tipo de sujeito até que precise ser, até que seja necessário tomar tal decisão. Neste discurso, observa-se que as relações de submissão, de medo e de vigilância, concretizadas no interior do dispositivo de poder presente em Gilead, criou a possibilidade e a necessidade de uma organização em rede das *aias*.

A nova configuração das relações de poder não dá mais espaço para uma democracia, não possibilita que pessoas pensem, falem ou vivam livremente. Nesses termos, as condições de resistência que emergem deste cenário funcionam através da rede que se estabelece entre as pessoas de maneira microfísica, dos segredos trocados entre elas, da produção de um “nós” sorrateiro, que age necessariamente na espreita. É este movimento que se materializa na fala de Ofglen. E é ele que demonstra como as relações de poder estão produzindo relações que são violentas e antidemocráticas ao ponto de obrigar as personagens a se organizarem em uma coletividade que não pode ser visível. Pois a resistência, no interior das relações produzidas pelo dispositivo presente em Gilead, é inaceitável. Vejamos outros enunciados:

**Figura 90** – Fotograma da temporada 1, episódio 2**Figura 91** – Fotograma da temporada 1, episódio 2**Figura 92** – Fotograma da temporada 1, episódio 2

Os fotogramas acima foram retirados do episódio 2 da temporada 1 e concretizam os pensamentos da personagem Offred logo após Ofglen apontar a existência de uma rede de resistência em Gilead. Neles, observamos o modo como a protagonista ainda demonstra certa estranheza com a informação que foi passada há pouco. Entretanto, neste momento, ela parece entender os motivos que possibilitaram a existência do “nós”. Ela nos diz que, “agora, escuridão e segredo estão por todas as partes”, ou seja, que o que antigamente era tido como normal e democrático, no caso, conversas sobre as práticas de poder ou descontentamentos com os governos, depois do golpe teocrático passou a funcionar de outra maneira. Neste momento, não se pode dizer tudo e nem todo mundo pode falar sobre todas as coisas. Além disso, conseguimos observar que as relações de poder se deslocaram e as de resistência consequentemente precisaram funcionar de uma maneira diferente de outrora. Agora são necessários segredos, conversas na surdina, troca de informação de uma forma microfísica e capilarizada, pois a vigilância e os poderes

estão circulando por todos os lugares. Neste ponto da narrativa, como nos diz a protagonista, precisa existir um “nós” porque há um “eles”. Ou seja, a organização em coletividade se faz necessária porque o golpe criou uma classe de superiores que controla os poderes e os discursos que massificam as relações de submissão e de obediência. Nestes termos, o futuro provável, como nos diz Gros (2018), é a rebelião. E esta começa com uma organização coletiva que se movimenta de maneira microfísica pelas esferas sociais, como uma rede. Vejamos mais uma menção a ela:

**Figura 93** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 94** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 95** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



Os fotogramas acima foram retirados do episódio 5 da temporada 1 e novamente apresentam um diálogo entre as personagens Offred e Ofglen (esta última, neste momento, já possuía outro nome [Ofsteven], posto que havia sido enviada a outra casa). Nesta conversa, podemos observar que a rede sobre a qual Ofglen falava nos episódios anteriores, agora tem um nome: *Mayday*. Além disso, ela traz à baila o fato de não poder mais ser usada pela resistência. Isto porque o Estado Teocrático a havia descoberto como

uma “traidora de gênero”, no caso, lésbica. Com a desobediência às regras impostas pelos poderes em Gilead e pela punição que se sucedeu logo após o conhecimento das práticas pelo governo, a personagem, agora Ofsteven, se tornou um corpo ainda mais vigiado pelos *olhos* infiltrados no corpo social. Diante disso, não era mais estratégico que ela fizesse parte de uma rede que necessariamente precisaria funcionar silenciosamente e de maneira microfísica para penetrar o poder e modificá-lo.

Do mesmo modo, nota-se, ainda, nos fotogramas, que o “eles”, além de não se referir mais aos dirigentes das imagens anteriormente apresentadas, não é um grupo de pessoas conhecidas. Em outros termos, os sujeitos que fazem parte desta rede não são nomeados, pois não se pode visibilizar esse movimento. Desta maneira, não podem aceitar personagens que estejam sendo mais vigiados do que normalmente são porque precisam do silêncio e dos segredos para se capilarizar cada vez mais pelo tecido social. Diante de tais fatos, nota-se que a resistência precisa agir sorrateiramente, sem deixar pistas, por meio de comportamentos quase silenciosos e de passos cuidadosos. Com esse diálogo, enxergamos novamente que há uma classe lutando contra ações que outro grupo está exercendo. Ou seja, mesmo diante da obrigação de submissão, a divisão entre uma casta e outra estabeleceu um tipo de luta entre elas, o que demonstrou a possibilidade e mesmo a necessidade da resistência diante das ações do poder, e vice-versa. Vejamos o que o termo *Mayday* nos diz:

**Figura 96** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 97** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 98** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 99** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



As imagens acima foram retiradas do episódio 5 da temporada 1. Podemos observar, a partir do pensamento da protagonista June, o significado do termo *Mayday*. Este é o nome da rede de resistência presente em Gilead e citada nos fotogramas. A personagem fala que o termo tem origem na língua francesa e que, traduzido, significa “ajude-me”. Ao analisarmos a tradução, notamos o modo como as práticas de resistência se organizam a partir de uma necessidade, *a priori*, de ajuda, de acolhimento. Estas que precisam funcionar de maneira microfísica e entre os sujeitos de uma forma horizontal e pulverizada. Não se trata de implorar ajuda para sujeitos de uma classe social mais poderosa. Muito menos de resistir no sentido de transgressão ou de revolução. A rede é construída para que a ideia de “nós” se concretize, para que os sujeitos não se sintam sem saída e que consigam manter viva a esperança da rebelião tão necessária no interior de relações de poder que utilizam, entre tantas técnicas, a submissão como um instrumento. Em outros termos, o *Mayday* é, antes de qualquer coisa, uma rede de apoio e acolhimento para as personagens de Gilead. Entretanto, também possui o objetivo de operar, coletivamente, nas brechas possibilitadas pelos poderes, a fim de produzir deslocamentos nas relações concretizadas no interior do dispositivo.

Para além do que foi mencionado anteriormente, mostra-se importante afirmar que a organização coletiva apresentada nesta seção surge como uma tentativa de retomada do controle de um contrato social que foi estabelecido anteriormente, quando a democracia

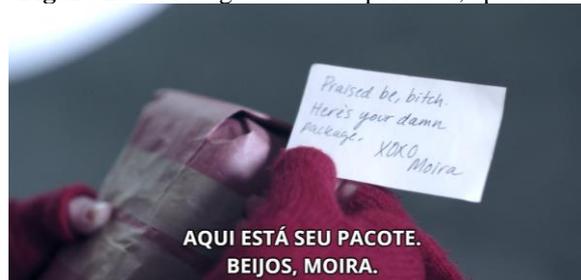
surgiu como regime de poder em algumas sociedades. O movimento materializa traços do que Gros (2018) chama de “democracia transcendental”. Pois podemos observar que a resistência em rede nasce a partir da escolha de alguns sujeitos que decidiram, baseados nas práticas efetuadas pelo dispositivo presente em Gilead, que não podem ser governados de um dado modo. Isto se dá porque, em *The handmaid's tale*, as personagens saíram de uma organização social que prezava pela democracia para outra que, depois de um golpe, passa a obrigar os cidadãos a viverem em um Estado Teocrático que age com violência sobre aqueles que se recusam a aceitar suas determinações. Logo, partindo disto, o movimento coletivo e organizado de resistência parece se construir a partir da necessidade de restabelecer o controle das relações de poder e retomar as rédeas do contrato que outrora foi importante para a manutenção de uma, pelo menos aparente, harmonia social. Assim, a partir deste cenário, analisamos que o *Mayday* também emerge como um movimento de desobediência civil porque se constrói coletivamente e parte do princípio de que é necessário resistir às leis porque as personagens não podem ser governadas da maneira como se propõe em Gilead. Vejamos outros fotogramas sobre este movimento:

**Figura 100** – Fotograma da temporada 1, episódio 9



**Figura 101** – Fotograma da temporada 1, episódio 9



**Figura 102** – Fotograma da temporada 1, episódio 9**Figura 103** – Fotograma da temporada 1, episódio 9**Figura 104** – Fotograma da temporada 1, episódio 10

Na primeira temporada da série, o movimento coletivo responsável por deslocar algumas práticas de poder em Gilead aparece como uma espécie de segredo que opera de maneira microfísica para organizar a resistência das *aias* e de outras personagens localizadas em outras castas sociais. Esta organização funciona como um movimento de resistência aos poderes disseminados pelo governo porque é através dela que os sujeitos se negam a permanecer sendo governados de determinadas maneiras e por leis injustas, construindo, desta forma, meios de afetar determinadas práticas de poder para restabelecer uma certa harmonia social. Dito isto, os fotogramas acima apresentam informações sobre o *modus operandi* deste movimento de resistência na primeira temporada. Nas Figuras 100 e 101, que foram retiradas do episódio 9 da temporada 1, podemos observar um diálogo entre Alma e June. Nele, a primeira fala que a protagonista precisa voltar no Jezebel para pegar um pacote importante para o *Mayday*. A primeira reação da protagonista, quando ouve o que a amiga está falando, é de estranhamento, pois ela se assusta com o fato de o movimento saber que ela havia ido ao bordel na noite

anterior. Entretanto, com o desenrolar da conversa, ela aceita a missão e afirma que pegará o pacote que está sendo solicitado.

Apesar de ter prometido a Alma que pegaria a encomenda solicitada pelo *Mayday*, June não consegue fazê-lo. E quando já começava a arquitetar outro plano para voltar no Jezebel, ela recebe o pacote em questão de um açougueiro quando vai comprar carne para Fred e Serena no mercado. Quando o homem coloca a encomenda em cima do balcão e diz “guardei para você”, recorte trazido na figura 102, notamos que a protagonista, como em outros momentos, fica assustada. Evidentemente, ela não estava esperando que aquilo fosse acontecer e mais uma vez começa a se questionar sobre a extensão do movimento de resistência. Ao pegar o pacote, a protagonista começa a andar ainda desorientada e agora com medo de estar sendo vigiada por alguém. Na sequência, quando encontra um lugar seguro, ela senta e lê o bilhete pendurado na encomenda. O embrulho foi enviado pela sua amiga Moira, personagem que aparece em muitos momentos da trama e que mantinha uma relação de amizade com a protagonista muito antes do surgimento de Gilead. Ou seja, ao pensarmos neste movimento de recolhimento do pacote, observamos o concretizar de uma rede que está se fortalecendo com a adesão de novas personagens: uma rede que concretiza uma resistência que no futuro deslocará muitas relações de poderes presentes na série.

Mas, afinal de contas, o que havia na encomenda? Ao assistirmos o episódio 10, o último da primeira temporada, descobrimos que dentro do pacote havia centenas de cartas de mulheres, como podemos ver na figura 104, contando suas histórias e pedindo socorro. June, assim quando chega em casa e consegue subir para o quarto, abre muitas cartas e inicia a leitura de algumas. Vemos que elas foram escritas por muitas mulheres localizadas em diferentes castas sociais e possuem o objetivo de informar para as pessoas que desconhecem a realidade de Gilead como a sociedade funciona. Em outros termos, observamos nos enunciados presentes nos textos que se trata de uma denúncia que explicita as violências que os sujeitos estão sofrendo na nova organização de poder presente no território dos antigos Estados Unidos. Isto posto, ao observarmos que o pacote foi reunido e enviado por toda uma rede de resistência, podemos perceber que esta movimentação, no recorte escolhido para esta pesquisa, apesar de reunir o relato de muitas pessoas, ainda funciona de maneira microfísica. Pois as cartas não se concretizam como uma revolução de massa ou como um ataque direto a determinadas leis ou relações de poder. Elas passam pelas mãos dos personagens como um segredo que precisa chegar a quem pode ajudar.

Assim, o *Mayday* continua priorizando o acolhimento, bem como a disseminação da rede pelas microesferas sociais, a fim de encontrar novos adeptos sem despertar a atenção dos sujeitos que concretizam os poderes hegemônicos. Além disso, o movimento também atua com o objetivo de fazer emergir uma ação que nasce como uma resposta a outra ação, capaz de afetar o regime de verdade, as práticas de poder e as relações políticas da sociedade. Em outras palavras, o *Mayday* surge como um exemplo da “inversão eventual” que Foucault (1995) aponta: aquela segundo a qual nenhuma relação de poder se materializa sem que traga consigo uma escapatória a ela.

### 3.5. “MY NAME IS”: É NECESSÁRIO MANTER VIVA A MEMÓRIA DE QUEM SOMOS

Uma das primeiras práticas disseminadas depois do golpe teocrático em Gilead foi a mudança do nome das mulheres, principalmente os das *aias*, que desde então teriam que ser chamadas por uma expressão que resulta da preposição “of”, no caso “de”, acrescida do nome do homem da casa em que ela estava, naquele momento, alocada. Esta obrigação está diretamente ligada ao apagamento da identidade de outrora das personagens. Tal prática de poder é muito utilizada pelos governos autoritários, pois eles estão sempre interessados em sujeitos obedientes e dóceis, que nunca possuam o desejo de resistir às práticas impostas. Desta maneira, no Estado Teocrático de Gilead, não seria diferente. Foi necessário proibir que os sujeitos utilizassem o antigo nome no intuito de que esquecessem as antigas identidades para que, partindo disto, passassem por novos processos de subjetivação, responsáveis por fabricar corpos produtivos e dóceis para o novo sistema vigente. Partindo desta explicação, observemos:

**Figura 105** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 106** – Fotograma da temporada 1, episódio 5

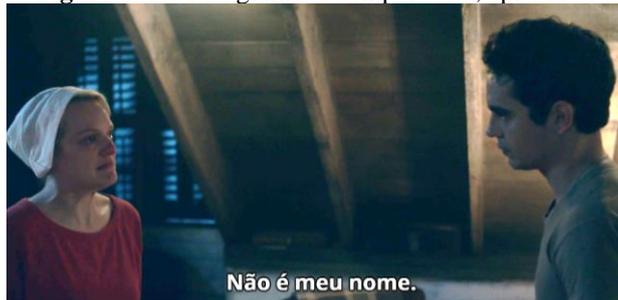


Conforme dito anteriormente, uma das leis responsáveis por organizar a República de Gilead determina que os nomes de algumas personagens, principalmente daquelas que foram destinadas à casta das *aias*, sejam apagados, esquecidos e trocados com o objetivo de silenciar a antiga identidade. Portanto, quando algum sujeito decide falar para outra pessoa o seu nome verdadeiro, precisamos concordar que juntamente deste ato emerge uma prática de resistência capaz de deslocar as relações de poder agenciadas em Gilead. Nas Figuras 105 e 106, podemos enxergar um diálogo entre as *aias* Ofglen e Offred. No primeiro, a protagonista da série chama a amiga de “Ofglen”. Após algum tempo, a outra personagem decide afirmar que seu nome não é esse, mas Emily. Este comportamento funciona como uma desobediência, já que esta atitude é proibida e passível de punição. Além disso, em outros momentos da narrativa, as personagens em questão não apenas falam seus nomes verdadeiros, mas também conversam sobre a vida que levavam antes do golpe. Logo, é necessário observar de que maneira o ato de pensar e dizer o nome verdadeiro reacende a identidade que existia outrora, agora abafada pelas relações de poder disseminadas pelo estado teocrático. Não só isso, pois precisamos refletir sobre o fato de que esta atitude irrompe sempre no interior de uma amizade ou de uma relação de confiança. Ou seja, isto tudo funciona como uma resistência porque desloca a atmosfera de desconfiança, vigilância e medo e produz outra de afeto que faz aguçá-la a esperança de viver a antiga identidade sem que ela lhe cause algum tipo de punição.

**Figura 107** – Fotograma da temporada 1, episódio 6



**Figura 108** – Fotograma da temporada 1, episódio 6



**Figura 109** – Fotograma da temporada 1, episódio 6



Ainda dentro deste mesmo campo de descontinuidade e resistência, resta-nos comentar as Figuras 107, 108 e 109. Elas foram retiradas da temporada 1, episódio 6 e apresentam um diálogo entre a *aia* Offred e o personagem Nick, *olho* alocado na casa de Fred e de sua *esposa*. O episódio do qual as Figuras foram retiradas leva o título *A Woman's Place*, mesmo nome do livro de Serena Joy, a *esposa* pertencente ao núcleo principal da narrativa. Esta informação é importante porque é neste recorte que temos contato com os embates entre o lugar que a mulher ocupa em Gilead e o que ela pode ocupar fora deste território. Dito isso, neste momento do enredo, os *comandantes* do governo recebem a ministra do México e conversam sobre relações comerciais envolvendo as *aias*. Para tanto, a Ministra faz uma série de questionamentos para June, com a finalidade de compreender como funciona aquele modo de existência. Quando a Ministra pergunta se Offred é feliz e se escolheu viver daquela maneira, ela responde “sim”, pois estava sob vigilância e horas antes tinha sido orientada por Fred e Serena para fazê-lo. Entretanto, depois de responder às perguntas e de saber que a política do México tinha ido embora, a protagonista entra em uma crise moral e começa a se arrepender de ter mentido sobre a condição das mulheres escravizadas sexualmente no território dos antigos Estados Unidos. Então, no meio da ansiedade, June corre para o quarto de Nick com muita raiva e começa a estabelecer um diálogo. No meio da conversa, o homem a

chama de Offred e ela grita com ele, pedindo que ele pare de chamá-la desta maneira, uma vez que aquele não é o seu nome.

Em seguida, ela diz que se chama June. Diante deste cenário, é necessário entendermos que o ato de resistência não emerge apenas do fato de os sujeitos serem amigos e já terem estabelecido uma relação de confiança, mas sobretudo do fato de a protagonista ter sentido a identidade contida no seu nome tomando conta do seu corpo desde o momento em que teve que refletir sobre os questionamentos da Ministra. Ou seja, Offred, ao dizer seu nome verdadeiro com muita vontade, também reativa a memória de quem ela é e do que precisa fazer para continuar subvertendo a ordem das relações, desobedecendo, assim, às leis presentes em Gilead. Além disso, podemos analisar que a chegada de uma mulher que ocupa um cargo alto na política fez reacender a necessidade de lutar contra um sistema que só violenta suas personagens femininas.

**Figura 110** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 111** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 112** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 113** – Fotograma da temporada 1, episódio 10**Figura 114** – Fotograma da temporada 1, episódio 10

Outra cena que concretiza o ato de resistência que irrompe a partir da memória da identidade do passado acontece no último episódio da primeira temporada. Os fotogramas acima foram retirados de uma cena em que a protagonista abre as cartas que havia recebido do movimento *Mayday*. Ao assistirmos o desenrolar do take, conseguimos perceber que todos os textos são escritos por mulheres de diferentes castas sociais e que eles sempre começam com o nome verdadeiro de cada uma, seguido de uma descrição das violências pelas quais passaram ou estão passando. Além disso, em muitos momentos de suas escritas, podemos constatar que uma memória, materializada através do discurso presente nas cartas, emerge dando pistas de quem eram antes de ocuparem determinado papel social nas novas práticas presentes em Gilead. Tais memórias concretizam-se com uma atmosfera de saudosismo, mas também mostram que apesar das inúmeras tentativas das técnicas de poder de fazer essas mulheres incorporarem outras subjetividades, em silêncio e na surdina, elas continuam a manter viva a memória de quem são e a lembrança de que precisam resistir por quem amam.

Portanto, é necessário compreender que a opção de começar a escrita com o nome verdadeiro não acontece de maneira aleatória. Pois é um ato carregado de resistência e capacidade de fazer os corpos subverterem alguns exercícios e técnicas materializadas pelo regime de Gilead. Ademais, é importante analisar que há muita coragem envolvida no ato de escrever um relato pessoal, pois a partir dele todo o funcionamento do Estado Teocrático é colocado em um sistema de visibilidade que se torna responsável por trazer

à baila todas as problemáticas produzidas pelas relações de poder e pelo regime de verdade que estão concretizados no interior do dispositivo presente na sociedade. Em outros termos, nas cartas, conseguimos analisar que as mulheres não são “of” ou “de” outra pessoa quando estão escrevendo seus relatos. Ao contrário disto, elas assumem que carregam a memória de si como um corpo livre e de um Estado democrático que outrora as colocaram em outras relações menos violentas. Se visivelmente elas continuam a obedecer e a se comportar de maneira docilizada, nos textos que serão enviados para outros países, elas não sentem medo de dizer quem são e pelo que estão passando. Ou seja, elas resistem através da escrita porque a partir dela são capazes de combater, de maneira microfísica e menos visível, os discursos que sustentam os poderes que as violentam.

### **3.6. “EU NÃO POSSO NÃO DESOBEDECER”: AS AIAS E A DISSIDÊNCIA CÍVICA**

Como dito em outros momentos da pesquisa, Gilead é uma sociedade que se constrói a partir da utilização de técnicas do poder soberano, disciplinar e biopolítico. Principalmente do segundo, tendo em vista que o governo emprega a vigilância, as disciplinas, a produção de sujeitos produtivos e as eventuais punições para estruturar as relações sociais. Portanto, uma das táticas utilizadas pelo Estado para (re)docilizar os corpos que manifestam algum tipo de resistência, assim como Foucault (2014a) explicou em seu livro *Vigiar e Punir*, é a sanção normalizadora. Ou seja, quando um sujeito resiste a alguma prática de poder disseminada pelo dispositivo que organiza as relações que se capilarizam pelo tecido social de Gilead, ele sofre uma punição para que volte a se comportar dentro da norma estabelecida e para que continue a ser produtivo para o sistema vigente. Partindo deste ponto, analisamos que, utilizando alguns mecanismos do poder soberano, como a espetacularização da punição e da morte, o Estado Teocrático possui a prática de assassinar publicamente os sujeitos que resistem para que tal ato sirva como um alerta para outros que, eventualmente, pensem em desobedecer. Disto isto, vamos observar uma cena que materializa tal prática:

**Figura 115** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 116** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 117** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 118** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 119** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 120** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 121** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 122** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 123** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



**Figura 124** – Fotograma da temporada 1, episódio 10



Os fotogramas apresentados acima foram retirados de uma das últimas cenas da temporada 1, episódio 10. Ela tem início a partir de um enunciado proferido por tia Lydia. Nele, ela diz que a *aia* Ofdaniel teria sido condenada por colocar em risco a criança que ela gerou para a família do capitão Daniel Warren. Logo em seguida, é revelado que a punição para este crime é a morte por apedrejamento. As *aias*, ao ouvirem a informação em questão, parecem não acreditar no que está sendo dito. A expressão de cada uma demonstra que, de alguma maneira, elas estão alcançando um momento de ruptura, no qual não será mais possível obedecer. Em outras palavras, podemos observar que a agonia estampada na cara de cada mulher revela que o comando determinado fez emergir uma obrigação ética que começou a perturbar os velhos hábitos de obediência e docilização impostos e vivenciados por elas durante toda a narrativa. Pois, ao verem a amiga no meio do círculo, preparada para ser morta com um ataque de pedras, não conseguiram mais não falar, não ver, não questionar. O ato de continuar a obedecer, portanto, tornou-se intolerável.

Neste momento, o ato de desobediência, concretizado pelas *aias* nas Figuras apresentadas anteriormente, irrompe a partir de uma impossibilidade ética. Em outras palavras, as mulheres parecem resistir porque já não podem continuar a obedecer. Ou seja, elas, dentro dos seus permanentes hábitos de submissão e obediência, têm uma experiência coletiva com o intolerável e, a partir disso, começaram a enxergar a obrigação de não mais continuarem obedientes. Aqui, elas vivenciam uma inviabilidade que as empurram para uma ruptura necessária, pois não são capazes de aceitar o fato de que precisam matar uma amiga apedrejada. Partindo deste cenário, podemos analisar que as mulheres na cena em questão materializam uma resistência que se assemelha ao que Gros (2018) chama de “dissidência cívica”. Para ele, o “não” desta desobediência funciona em dobro. Pois os dissidentes, neste caso as *aias*, quando retomam sua consciência, percebem que é impossível não desobedecer, não ver, não falar etc.

Além disso, flagramos, a partir deste ato, um movimento de resistência capaz de subverter algumas relações de poder concretizadas em Gilead, porque a suspensão, neste estado de dupla negação de um sujeito que não mais permanece como um perfeito obediente, causa um estrondo capaz de deslocar os poderes, pois a dissidência faz aquele corpo perceber que a obediência era um encadeamento de negações interiores. Neste contexto, obedecer era dizer sim ao outro dizendo não para si mesmo e para os seus princípios. Imersas nesta tensão, as mulheres precisam dizer sim para si mesmas porque dizer a mesma coisa para outrem, diante das ordens determinadas, é decidir assassinar a

amiga. Elas estão, assim, no papel do “dissidente cívico” de que fala Gros (2018).

Vejam os:

O dissidente cívico acaba por ceder diante do intolerável. Fala porque para ele tornou-se impossível calar-se. E não é que ele desobedece: antes, testemunha sua impossibilidade de continuar a obedecer. “Dissidência”: é a dissonância de uma voz no concerto monocórdico desse conformismo que, repetimos, só expressa um universal de contrabando e substituição. Dissidência “cívica”: essa impossibilidade interior forma no sujeito uma obra que é vestígio da humanidade como valor, exigência, tensão. A dissidência cívica é o reflexo invertido do primeiro conceito de obediência. A submissão se definia pela impossibilidade de desobedecer. Era sua única razão de obedecer. Quanto ao dissidente, faz a prova da impossibilidade de continuar a obedecer. (GROS, 2018, p. 168-169).

Partindo da imersão das *aias* na perturbação e na agonia do momento de suspensão de uma atitude de obedecer constantemente aos poderes determinados pelo dispositivo presente em Gilead, percebemos o modo como o paradigma envolvido nas questões de obediência e desobediência atravessa o corpo do dissidente. Ao observarmos a Figura 121, conseguimos perceber que Ofglen é a primeira *aia* a se movimentar em direção ao centro do círculo e dizer para Tia Lydia que não pode obedecer ao pedido feito por ela. Precisamos pontuar que a personagem em questão, em um momento específico da narrativa, começa a discutir com a protagonista, dizendo que ela não vai estragar a vida dela em Gilead pois, na sociedade que se instaurou depois do golpe, ela está limpa, tem onde morar e é bem tratada. Analisamos, portanto, que há, neste enunciado, uma atmosfera de gratidão pelo superior, pelo governo e pela família que a escraviza sexualmente. Assim sendo, esse sentimento fez com que Ofglen permanecesse obediente durante toda a primeira temporada. Isto posto, ao vermos nos últimos momentos da narrativa ela sendo a primeira a questionar a *tia*, percebemos que de fato ela foi atravessada pelo paradigma da dissidência cívica. Já que, neste ponto da narrativa, ela abandona seus hábitos de obediência e de gratidão para se negar a obedecer, porque não pode mais ultrapassar a linha determinada. Em outros termos, a tensão vinda com a obrigação de fazer o impensável e o inadmissível fez a personagem, que antes só cultivava agradecimentos, dizer “agora não posso mais” para seus superiores.

Vemos, além disso, nas Figuras 122, 123 e 124, que não apenas Ofglen se recusa a obedecer. Desde o início, como foi dito anteriormente, as outras mulheres se mostravam assustadas com as informações ditas por Tia Lydia. Os rostos de June, de Alma e das outras *aias*, estampados nos fotogramas apresentados acima, são uma prova disso. A

desobediência, entretanto, não ficou apenas na expressão e nos sentimentos de cada uma. Logo depois da primeira mulher afirmar que não podia concretizar a ordem determinada, Offred sai do lugar onde a colocaram, estende a mão que estava segurando a pedra e a joga no chão, pedindo perdão para *Tia Lydia*, como vemos na Figura 122. Em seguida, todas as *aias* fazem o mesmo movimento: estendem a mão e soltam a pedra no chão, como enxergamos na Figura 124. Podemos analisar que esse ato emerge como uma dissidência cívica porque a grande maioria das personagens da série, pelo menos no recorte escolhido para a construção dessa dissertação, permanece obediente e tenta, a todo custo, não pensar ou não desejar desobedecer. Portanto, quando o fazem coletivamente, mesmo com armas apontadas para suas cabeças, é porque não podiam continuar obedecendo de maneira alguma. Este era, definitivamente, o momento da ruptura.

Percebemos, ainda, que desse contexto também emerge uma resistência que se configura através da “objeção de consciência” apontada por Gros (2018). Para as *aias* presentes nesse recorte da narrativa, “a prioridade não é a obediência às leis, a conformidade com as regras, mas a preservação, a salvaguarda de nossos próprios princípios” (GROS, 2018, p. 153). Entendemos, portanto, a partir desse cenário, que a “dissidência cívica” e a “objeção de consciência” organizam e disseminam determinadas resistências porque através delas nota-se, visivelmente, que as relações de poder são deslocadas e não conseguem obrigar os corpos a seguirem determinadas leis.

### **3.7. A AMIZADE COMO RESISTÊNCIA**

Em alguns pontos da narrativa da série que compõe o *corpus* da nossa pesquisa, nos deparamos com personagens que, contrariando todas as regras impostas pelas práticas disseminadas pelo poder, constroem uma relação de amizade com outras. O dispositivo de poder presente em Gilead organiza determinados discursos e técnicas que operam na massificação de uma atmosfera de constante vigilância e medo. Em outros termos, todas as personagens são fabricadas não só para desconfiar de outros sujeitos, mas principalmente para vigiá-los e denunciá-los caso cometam algum ato que seja proibido. Nesses termos, a amizade é uma atitude de resistência porque ela se constrói através da relação de verdade que se estabelece entre uma pessoa e outra e nunca entre uma comunidade e outra. Ela traz à baila novamente o indivíduo sozinho que anteriormente apenas fazia parte de uma unidade de pessoas fabricadas para praticar o que foi permitido pelo poder. Ou seja, ela dissolve a ideia de “povo” e “nação” que deixa a massa inerte aos

poderes exercidos sobre os corpos e faz emergir o sujeito e suas micro relações. Tais micro relações operam na negação de comportamentos construídos como necessários e possíveis. Isto posto, observemos a Figura a seguir:

**Figura 125** – Fotograma da temporada 1, episódio 2



A primeira relação de amizade que se constrói em Gilead é aquela entre Offred e Ofglen (Figura 125). Nos primeiros momentos da narrativa, podemos observar que a protagonista ainda está imersa na atmosfera de desconfiança e raiva que é disseminada diariamente pelo poder. Nessas condições, quando temos acesso aos pensamentos dela sobre a parceira de compras, podemos analisar como ela repete para si mesma que elas não são amigas, já que uma relação deste tipo não pode ser construída em uma sociedade como Gilead. Entretanto, ao longo das conversas, no passar dos dias e no decorrer dos caminhos que pegavam para chegar ao supermercado ou às lojas, Offred e Ofglen foram criando uma relação de afeto antes impossível. Desta maneira, devemos concordar com o que Gros (2018) nos diz sobre a amizade ser uma forma de resistência no interior das sociedades de obediência e de constante docilização dos corpos. Através dessas duas personagens, podemos observar como a relação entre elas duas foi capaz, primeiramente, de desconstruir ou pelo menos de diminuir o medo e a desconfiança. Além disso, é também por meio dessa amizade que, logo em seguida, algumas práticas de poder começam a ser questionadas e deslocadas. Ou seja, uma personagem foi ajudando à outra a resistir e, assim, ao invés de continuarem se odiando ou sendo tirana uma da outra, começaram a ser amigas e este fato foi ajudando-as cada vez mais a subverter a ordem.

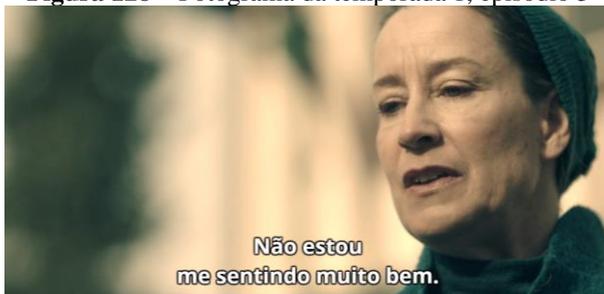
**Figura 126** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 127** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 128** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 129** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 130** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



**Figura 131** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



Já nos fotogramas acima, podemos observar uma *esposa*, a mulher de verde, e Ofglen, a *aia* de vermelho. Contrariando grande parte das práticas que o poder produz e dissemina entre as castas, a amizade entre as personagens se constrói. Na cena da qual esses fotogramas foram recortados, a atmosfera entre as duas é de afeto e cuidado. Na Figura 127, a *esposa* fala para Ofglen que está feliz pelo fato de agora seu cachorro ter com quem brincar. Dessa maneira, ela parece querer construir um ambiente descontraído a fim de interromper a violência que deveria sempre emergir da relação de hierarquia entre elas. Além disso, depois de expressar seu contentamento em tê-la em casa, nas Figuras 128 e 129, podemos analisar que a *esposa* diz que seria bom cancelar novamente a cerimônia porque ela não estava se sentindo bem. Evidentemente, ao assistirmos a cena, percebemos que a personagem não está doente, tanto que a *aia* lhe diz que ela não poderá dizer ao governo que está assim todo mês, cena presente na Figura 131. Diante desse caso, notamos como essas personagens, através da amizade e da relação que estão construindo, resistem às leis impostas pelo governo de Gilead. Pois a cerimônia é o ritual mais importante da República, é nele que a *aia* é estuprada em seu dia fértil para gerar filhos para a sociedade. Ao inventar, todo mês, que está doente para não dar início ao ritual de violência sexual, além de sempre conversar com Ofglen para dizer que novamente fará isto, a *esposa*, em comum acordo com a *aia*, subverte e resiste aos poderes impostos pelo dispositivo presente em Gilead.

**Figura 132** – Fotograma da temporada 1, episódio 5



Outra relação de amizade que aparece na narrativa de *The Handmaid's Tale* é entre June e Nick, representados na Figura 132. No começo do enredo, fica evidente a desconfiança que Offred tem em relação a ele. Para a personagem, é óbvio que Nick é um dos *olhos* de Gilead e que, portanto, está ali para vigiá-la. De fato, o trabalho dele na casa de Fred e Serena é vigiar e manter a ordem estabelecida pelo governo naquele núcleo familiar. Entretanto, com a chegada da nova *aia*, notamos que a relação toma um rumo diferente do esperado. Os personagens começam a estabelecer diálogos descontraídos, afetuosos e amorosos. Além disso, começam a trocar informações importantes sobre as práticas de poder presentes na República. Desse modo, é possível observar como ambos concretizam práticas de resistência e, assim, subvertem e deslocam determinadas relações de poder. Ao trocarem informações sigilosas e importantes sobre Gilead, ambos constroem um contrato entre uma casta e outra, contrariando a organização social das personagens. Ou seja, a resistência que os dois proferem não se estabelece apenas de maneira horizontal, já que estão ocupando o mesmo espaço da microesfera social, mas também de maneira vertical, pois cada um pertence a uma casta diferente e entre elas há certas práticas de poder que precisam ser mantidas para que a máquina funcione e obtenha a produtividade almejada pelo dispositivo. É uma resistência que ultrapassa a ideia de transgressão até alcançar a capacidade de modificar, de uma forma microfísica, algumas práticas determinadas pelos poderes.

**Figura 133** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



**Figura 134** – Fotograma da temporada 1, episódio 4



Os fotogramas acima foram retirados do episódio quatro da primeira temporada e neles conseguimos observar outra relação de afetividade e amizade que incide de maneira microfísica nas relações de poder presentes em Gilead. Neste momento da narrativa, June, a mulher que está de branco nas Figuras, está deitada na cama sem conseguir andar porque as *tias*, com barras de ferro, bateram em seus pés até que sangrassem. Tal punição aconteceu como uma resposta à sua tentativa de fuga do centro vermelho, juntamente com sua amiga Moira. Partindo desse acontecimento, quando foi recapturada pelos guardiões e encaminhada de volta para o convento das *tias*, ela precisou passar, antes de voltar para a convivência com as outras *aiais*, por uma sessão de tortura para ser novamente docilizada e, assim, compreender, através da violência, que as práticas de poder que determinam que tipo de mulher ela pode e deve ser atravessam seu corpo e o tecido social de maneira inescapável. Assim, quando June volta para o quarto, as demais *aiais* percebem que ela está impossibilitada de se levantar para se alimentar no refeitório. Partindo dessa constatação, voltam desse espaço, cada uma, com um pedaço de comida e colocam perto do travesseiro que está na cama onde a protagonista está deitada, como podemos ver na Figura 133.

Determinado comportamento, *a priori*, pode parecer uma prática isenta de qualquer capacidade de subverter ou afetar alguma relação de poder. Entretanto, quando analisamos as condições de possibilidade das quais ela emerge, percebemos como se trata de uma ação que nasce como resposta a outra ação que foi determinada pelo dispositivo de poder. Pois, primeiramente, não é permitido levar comida do refeitório para o quarto. Todas as personagens têm que se alimentar sentadas na mesa que foi escolhida para cada uma, conforme determina as técnicas do poder disciplinar. Depois, cada *aia* tem uma quantidade muito restritiva de alimentos, afinal de contas, o mundo, na distopia presente em *The handmaid's tale*, está passando por uma crise na produção de alimentos. Além disso, deixar June sem alimentação, pelo menos por alguns dias, fazia parte da sanção normalizadora (FOUCAULT, 2014a), necessária para que o corpo voltasse para a norma exigida pelo dispositivo de poder. E por fim, concretizar uma relação de amizade entre *aiais* é contrariar a atmosfera de desconfiança, vigilância e medo que tem que permanecer entre elas constantemente para que o poder se dissemine da maneira correta.

Desse modo, analisamos que, de fato, o ato de oferecer uma parte da sua alimentação para uma *aia* que está sendo castigada funciona como uma resistência porque desloca algumas práticas exigidas pelo poder e, do mesmo modo, demonstra como a amizade também é capaz de afetar tais práticas, posto que “essa resistência microfísica

agenciada conjuntamente pelos laços afetivos delata a rebelião de que fala Gros” (BRAGA; SÁ, 2020, p. 69).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de demonstrado o percurso trilhado por Foucault no que diz respeito à arqueologia e à genealogia, a relação constitutiva entre tais polos, bem como após ter realizado uma cartografia, conforme o propusemos, das relações de poder e de resistência na primeira temporada da série *The handmaid's tale*, podemos apontar o modo como a ordem do saber religioso, em Gilead, produz e massifica determinados discursos que estão, a todo momento, cercando, fabricando e adestrando os corpos. Em relação à soberania, vimos que o Estado ainda guarda em si marcas do “fazer morrer” do poder soberano. Foi possível analisar que, em Gilead, apesar de ser uma sociedade preocupada em promover a vida, o “fazer morrer” se caracteriza como uma punição para corpos indóceis que se recusam, segundo a norma, a se comportarem dentro das regras “necessárias” para que a vida seja cada vez mais disseminada. Com isto, pudemos observar que morte e vida estão dentro das relações de poder estabelecidas pelo governo. E que a morte, mais especificamente, não é determinada unicamente pela vontade do rei. Ela sofre um processo de atualização. Na série, ela funciona como uma sanção necessária para que os outros corpos se docilizem e voltem à norma estabelecida; aquela que está interessada na vida.

Além disso, observou-se como as características do poder disciplinar foram concretizadas na sociedade de Gilead com o objetivo de resolver a crise de natalidade advinda da infertilidade das mulheres. A fabricação de corpos dóceis, os instrumentos de disciplina, as ramificações do poder disciplinar, tudo se apresenta na série de maneira a construir uma convivência social pautada na vigilância e em corpos dóceis que necessariamente estão alinhados aos discursos religiosos que sustentam a premissa da narrativa.

Do mesmo modo, o poder exercido pela construção arquitetônica do panóptico está presente, na série, através da frase *sob o Olho Dele*, bem como nos rituais com formas circulares e nas construções imagéticas produzidas pela direção de arte. As cores, os gestos, o corpo, os passos, os rituais são mecanismos caros à disciplina de Gilead e através de todas essas técnicas, que possuem na sua gênese também características da biopolítica e do poder soberano, o poder disciplinar exerce seus mais temíveis poderes na mesma proporção.

Além disso, com as análises apresentadas e fundamentadas na analítica foucaultiana do poder, enxergamos como os mecanismos do biopoder estão concretizados

em *The handmaid's tale* para superar a crise de natalidade advinda de um suposto aumento da infertilidade feminina. Notou-se como o Estado teocrático, vigente na série, utiliza-se do biopoder para controlar corpos e inserir fenômenos como a vida e morte em relações de poder preocupadas com a promoção da vida. Ou seja, trata-se do “fazer viver” de que fala Foucault (1999). Ao mesmo tempo, com a presença das colônias, podemos enxergar o “deixar morrer” e o racismo de estado que esse mesmo autor apresenta. As mulheres deste lugar são “esquecidas” para que a morte cumpra seu papel sobre aqueles corpos. É através da negligência do mesmo estado que promove a vida que a morte se exerce sobre as “outras mulheres”, que estão fora da norma de quem deve viver. Além disso, compreendemos que identificar como funciona o biopoder no interior de Gilead é buscar entender como o racismo de estado está orientando as práticas de governamentalidade que atuam diariamente no “fazer viver” e no “deixar morrer” na nossa sociedade, determinando quem e como se deve viver ao mesmo tempo que determina quem pode morrer.

Além do mais, analisamos que, de fato, pelo menos na série que foi escolhida para compor o *corpus* desta dissertação, a estilística de (des)obediência de Gros (2018) se inscreve na analítica de poder produzida por Foucault em seus estudos genealógicos. Pois as formas de obediência e desobediência, apontadas pelo primeiro autor citado, puderam ser analisadas como manifestações de poderes e resistências em uma perspectiva foucaultiana no interior das relações concretizadas em Gilead.

Neste sentido, concluímos como a personagem principal, June, protagonizou algumas práticas de resistência quando desobedeceu a algumas leis impostas pelo Estado Teocrático, até mesmo quando o fez de forma silenciosa e não visível. Pois, por exemplo, foi possível observar que ela é uma personagem que alcançou a maioridade no sentido kantiano. Uma vez que ela constantemente rompe com a menoridade porque não permite ser guiada por ordens que vão de encontro ao que ela entende por correto. Além disso, constantemente ela se recusa a aceitar o que há de confortável no ato de outra pessoa se encarregar de seus comportamentos, pois traz para si a obrigação de ser ética aos seus princípios. Ou seja, ela é uma personagem que incorporou a ética do Esclarecimento: “Sapere aude! Tenha coragem de servir-se de seu próprio entendimento! Tal é a palavra de ordem da Aufklärung” (KANT, 1974, p. 53).

Conclui-se também como a protagonista, em muitos momentos da narrativa, comporta-se como uma “submissa deferente” apontada por Gros (2018). Ou seja, ela incorporou a cisão entre corpo e alma que a submissão permite e obedeceu ao poder

deixando evidente para o espectador que não concorda com o que estava sendo feito. Em outras palavras, a ética de sua alma não estava necessariamente alinhada ao que seu corpo era obrigado a praticar. Neste cenário, enxergamos que a “submissão deferente” funcionou como uma resistência porque entendemos que ela, ao se recusar incorporar a naturalização da submissão e ao obedecer ainda mantendo sua criticidade viva, deslocou algumas forças advindas do poder a seu favor.

Ademais, percebemos que a protagonista, durante a primeira temporada, além de resistir por meio da maioridade kantiana e da submissão deferente, também obedeceu de maneira ascética (GROS, 2018). June, na grande maioria dos momentos da narrativa, materializou uma “obediência a mínima” e a contragosto. Em outros termos, ela carregou em cada uma de suas condutas um constante descuido com as ordens superiores: ela sempre obedeceu às ordens sabotando-as da maneira que podia e com um desejo de deslocar algumas relações de poder. Dessa maneira, ela nunca ofereceu ao poder armas para que ele pudesse se massificar da maneira que o Estado Teocrático determinava, pelo contrário, a personagem sempre o afetou com sua resistência.

Outro momento em que conseguimos flagrar uma resistência protagonizada pela personagem June foi quando ela estava atrás de uma pilastra observando o ritual no qual uma *esposa* finge que está parindo uma criança enquanto a *aia*, que de fato está grávida, dá à luz em outro cômodo. Ao analisarmos as imagens desta cena, vimos que a personagem não só observa, mas também ri ironicamente da prática das mulheres de verde. Através desse comportamento, notamos que ela concretizou uma desobediência que Gros (2018) ironia cética. Pois quando a protagonista se escondeu atrás de uma parede para rir silenciosamente das esposas que estão no meio de um ritual, ela resiste de maneira microfísica às práticas. Escondida da vigilância e sem a necessidade de materializar uma resistência visível, ela subverte algumas relações de poder presentes na sociedade.

Ao analisarmos os dez episódios da primeira temporada, também conseguimos depreender que, em Gilead, algumas relações de poder se materializam utilizando a submissão e o conformismo como prática (GROS, 2018). Partindo deste pressuposto, conseguimos analisar a emergência de um movimento coletivo, chamado *Mayday*. Ele se materializou como uma resistência que, ao mesmo tempo em que funcionou como uma rebelião, que será a revanche dos submissos no futuro, também se apresentou como uma “desobediência civil”, tendo em vista que se construiu a partir de uma coletividade que se recusou a ser governada de uma dada forma. Em outros termos, o *Mayday* é uma ação

de resistência porque ele se concretizou com o objetivo de acolher as personagens da série para depois fazer deslocar, de maneira microfísica, algumas relações de poder.

Observamos, também, que Gilead se vale do apagamento dos nomes das personagens para produzir outros processos de subjetivação para elas. Ou seja, uma das leis disseminadas em seu interior proibiu a utilização dos nomes verdadeiros das mulheres de castas sociais menos privilegiadas. Entretanto, a despeito disso, conseguimos cartografar, em alguns momentos da narrativa, personagens dizendo seus nomes verdadeiros para outras pessoas. Por exemplo, a personagem Ofglen, depois que virou Ofsteven, resolveu dizer para a protagonista que seu nome, na verdade, era Emily. Outro momento em que esse comportamento surgiu foi quando Offred fala que seu nome verdadeiro é June para Nick, em um acesso de raiva. Além disso, no episódio dez da primeira temporada, a personagem principal abriu um pacote enviado pelo *Mayday* e nele havia muitas cartas. Quando ela começou a abri-las, percebemos que todas começavam com a expressão “My name is” e o nome verdadeiro de cada mulher. Portanto, percebemos que o ato de dizer o nome funciona como uma resistência porque ela surge em resposta a uma ação que proíbe tal ato.

Na última cena da primeira temporada de *The handmaid's tale*, analisamos uma prática de resistência que fez emergir a “dissidência cívica” discutida por Gros (2018) e a “objeção de consciência” também apresentada por ele. Quando *tia* Lydia ordenou que as *aias* apedrejassem Janine até a morte, pois essa era a sanção normalizadora para o corpo que colocasse uma criança em risco, percebemos que as *aias* não conseguiram obedecê-la. Pois, naquele momento, vimos que, para elas, era mais importante se manter fiel aos próprios princípios do que permanecer obedientes e sem oferecer resistência. Portanto, recusaram-se coletivamente em nome de uma ética individual de que todas compartilhavam naquele instante. Em outros termos, as *aias* resistiram coletivamente e visivelmente às relações de poder impostas pela *tia* porque, naquele momento, não era possível não o fazer. Foi necessário, desse modo, deslocar as relações de poder.

Analisamos, enfim, que uma maneira de resistir à “obediência servil”, ao prazer de delatar o outro e à adoração coletiva ao tirano, ao soberano ou ao governo, surgiu na primeira temporada: a amizade. Esta se materializou a despeito da atmosfera de vigilância, medo e iminente punição que está pulverizada na sociedade de Gilead. Ou seja, quando enxergamos que a relação de afetividade se estabeleceu entre personagens, percebemos que, junto a isso, algumas práticas dos poderes foram deslocadas. Pois, para que a maquinaria de poder funcione de maneira adequada ao sistema vigente, importa que

os sujeitos estejam sempre dóceis e vigiando uns aos outros, para que nenhum tenha vontade de resistir. Mas a amizade foi uma sensibilidade capaz de subverter a norma citada anteriormente. Além disso, ela interrompeu o desejo de tiranizar o outro e construiu um laço de afetividade capaz de afetar o poder diretamente.

Observamos, outrossim, que algumas das resistências cartografadas nessa pesquisa se materializaram e se disseminaram pelo tecido social através da possibilidade produzida por uma manifestação de linguagem. Pois, percebemos que certas práticas responsáveis por reorganizar as relações de poder emergiram porque determinados enunciados, e não outros em seu lugar, criaram efeitos de realidade interessados em subverter os poderes e afetar as relações que se estabelecem entre eles e as personagens. Por exemplo, quando analisamos que o termo “mayday” significa “ajude-me”, percebemos que o verbo ajudar não é empregado de maneira aleatória no enunciado. Pelo contrário, ele é utilizado justamente para que os adeptos do movimento de resistência se organizem a partir da ideia de apoio e de acolhimento, pelo menos *a priori*.

Por fim, depois de analisar a primeira temporada na íntegra, concluímos, também, que *The handmaid's tale* nos incita à reflexão acerca das questões que estão em sua narrativa, mas que também inundam nosso cotidiano, como aquelas relacionadas ao poder coercitivo que emana das instituições disciplinares – o Estado, a igreja, a escola, a família – neste momento de recrudescimento autoritário e conservador que vivemos no Brasil. Ademais, também nos faz pensar sobre as questões de gênero que surgem na série e que se aproximam, em alguns aspectos, daquelas que experimentamos na atual conjuntura histórica.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Relines Rufino de. **The (un)veiling of ideologies in The Handmaid's Tale: voices and discourses intertwined in the bonds of power.** 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Estudos Literários) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia.** Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida.** 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e mitos.** 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2016.

BRAGA, Amanda. O que há de mais profundo no homem é a pele: uma estilística da (de)obediência no acontecimento George Floyd. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 6273-6288, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e79065>. Acesso em: 27 jan. 2022.

BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de. Resistir hoje como resistimos ontem: memórias da Ditadura civil-militar e o documentário *Torre das donzelas*. In: BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de. (Org.). **Por uma microfísica das resistências: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade.** Campinas: Pontes, 2020. p. 47-71.

CANDIOTTO, Cesar. **A dignidade da luta política: incursões pela filosofia de Michel Foucault.** Caxias do Sul: Educs, 2020.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo.** O mistério de Ariana, p. 83-96, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault: as formações históricas.** Tradução: Claudio V. F. Medeiros e Mario Antunes Marino. São Paulo: n-1 edições e editora filosófica politeia, 2017. Título original: Foucault: les formations historiques. ISBN: 978-85-94444-01-1.

DYNA, Jessica Pierre. **The Handmaid's tale: uma perspectiva sobre poder e gênero.** 2019. 66f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FLORES, Mariana Mendes. **Ficção científica feminista e engajamento: Relatos clandestinos em O conto da aia, de Margaret Atwood, “Réquiem para a Humanidade”, de Thabata Borine, e “Projeto Águila”, de Gabriela Ventura.** Orientador: Rogério de Souza Sérgio Ferreira. 2020. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2020.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231–249.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. **Coleção Ditos & Escritos IV**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta; tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 203-222.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a vontade de saber: curso no Collège de France (1970-1971)**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

GÊNESIS; LUCAS; LIVRO DOS REIS I II. In: **A Bíblia: tradução ecumênica**. São Paulo: Paulinas, 2002.

GONÇALVES, Ana Letícia Barbosa de Faria. **A mulher entre gerar e narrar: verdade e ficção em The Handmaid's Tale**. 2021. 1 recurso online (107 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: que é Esclarecimento**. Trad. Floriano de Sousa. In: Textos seletos. Edição bilíngue. Petrópolis: Vozes, 1974.

MATTOS, Thamires Ribeiro de. **Abençoado seja o fruto: uma análise de The Handmaid's Tale e O Conto da Aia à luz dos Estudos Culturais**. 2020. 1 recurso online (100 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/349269>. Acesso em: 15 Sep. 2020.

MENEGOTTO, FERNANDA NUNES. **FROM OFFRED TO JUNE OSBORNE: THE HANDMAID'S TALE, DYSTOPIAN TELEVISION AND LITERARY**

ADAPTATION. Orientador: Elaine Barros Indrusiak. 2020. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PORTO ALEGRE, 2020.

MENEZES, Kátia. O discurso da crise: resistências que produzem consensos. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). **(In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos**. São Carlos: Edufscar, 2016. p. 159-177.

MEYER, Joan. Pensamento feminista e psicologia social. In: GERGEN, Mary. **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Edunb Editora Universidade de Brasília. Editora Rosa dos Ventos p. 129-147, 1993.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **Moara**, v. 1, n. 57, p. 08-33, dez. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PARUCKER, Isabela Gomes. **“Vivíamos nas lacunas entre as histórias”**: ficção, história e experiência feminina em *The Handmaid’s Tale*, de Margaret Atwood. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PELLIZZARO, Nilmar. MICHEL FOUCAULT: UM ESTUDO DO BIOPODER A PARTIR DO CONCEITO DE GOVERNO. **PERI - Revista de Filosofia**, Florianópolis: Editores PERI, ed. 5, ano 2013, n. 1.

POGREBINSCHI, Thamy. **Foucault**, para além do poder disciplinar e do biopoder. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, ed. 63, ano 2004, p. 179-201.

QUINTANA, Mario. **Apontamentos de história sobrenatural**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROCHA, THAMISE SILVA DA. **NARRATIVAS SOBRE VIVÊNCIAS: VOZES FEMININAS EM A MULHER COMESTÍVEL, O LAGO SAGRADO E O CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD**. Orientador: Regina Kohlrausch. 2019. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação em *The left hand of darkness* e *The handmaid's tale***. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.8.2015.tde-09092015-164853.

WITZEL, Denise Gabriel. Cortem-lhe a cabeça: a atualidade desse enunciado mutilando corpos de mulheres e subjetividades. **Moara**, v. 1, n. 57, p. 92-109, dez. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8864>. Acesso em: 20 ago. 2021.